

RAPHAEL AUGUSTO OLIVEIRA BARBOSA

ASPECTOS TIPOLOGICOS NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM UM
GRUPO DE LÍNGUAS DA FAMÍLIA PANO

CAMPINAS

2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

RAPHAEL AUGUSTO OLIVEIRA BARBOSA

ASPECTOS TIPOLOGICOS NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM UM
GRUPO DE LÍNGUAS DA FAMÍLIA PANO

Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto
de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título de
Mestre em Linguística.

CAMPINAS

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CRISLLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO
DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

B234a Barbosa, Raphael Augusto Oliveira, 1984-
Aspectos tipológicos na formação de palavras em um
grupo de línguas da família Pano / Raphael Augusto
Oliveira Barbosa. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Angel Humberto Corbera Mori.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Tipologia (Linguística). 2. Semântica. 3. Língua pano
- Morfologia. 4. Língua pano - Formação das palavras. 5.
Índios - Línguas. I. Corbera Mori, Angel H., 1950-. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Typological aspects in word-formation in a group of
languages of the Pano family.

Palavras-chave em inglês:

Typology (Linguistics)

Semantics

Morphology

Word-formation

Pano language

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora:

Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]

Maria Filomena Spatti Sândalo

Rogério Vicente Ferreira

Data da defesa: 25-09-2012.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

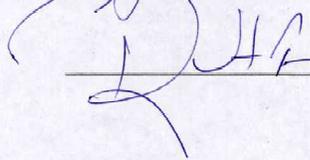
Angel Humberto Corbera Mori



Maria Filomena Spatti Sândalo



Rogério Vicente Ferreira



Aroldo Leal de Andrade

Wellington Pedrosa Quintino

IEL/UNICAMP
2012

A todos os falantes de línguas Pano, e aos
Linguistas que trabalham com esses e demais
idiomas indígenas do mundo.

Agradecimentos

Agradeço ao Prof. Angel Humberto Corbera Mori pela cuidadosa orientação a esta pesquisa. Pelas fontes bibliográficas reveladas e leituras atentas durante a construção deste texto. Sua confiança e orientação corresponderam a um importante apoio nos momentos de imprevistos e resultados, assim como por sua amizade em todo o percurso acadêmico.

Aos profs. do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/DL), Angel Humberto Corbera Mori, Lucy Seki, Maria Bernadete Marques Abaurre, Plínio Almeida Barbosa, e Wilmar da Rocha D'Angelis, obrigado por compartilharem seus conhecimentos valiosos durante as aulas e cursos assistidos na UNICAMP.

Aos profs. Maria Filomena Spatti Sândalo e Rogério Vicente Ferreira, por aceitarem o convite de participar das bancas de qualificação e defesa desta dissertação, e também aos profs. suplentes Aroldo Andrade e Wellington Quintino, agradeço pelas leituras e considerações valiosas a respeito deste estudo.

Agradeço à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo financiamento de minha pesquisa (Bolsa de Mestrado, processo nº 2010/03721-2). Assim como ao PROCAD 233/2007, pelo auxílio concedido durante o período de levantamento bibliográfico no Museu Nacional - UFRJ.

Ao Manoel Anízio Tavares Pereira (professor responsável pelo setor de coordenação da Educação Escolar Indígena/RO), e também à Luana Machado de Almeida (antropóloga FUNAI/AC), agradeço pela grande presteza, atenção e consideração em me atender durante as experiências e os imprevistos da visita a campo.

À profa. Marília Lopes da Costa Facó Soares (Museu Nacional/UFRJ) pela confortável recepção e atenciosa apresentação ao Museu Nacional, e à bibliotecária do Centro de Documentação de Línguas Indígenas (CELIN/Museu Nacional), Lourdes Cristina Araújo Coimbra pela paciência e diligência durante minhas visitas ao CELIN.

A todos os funcionários da biblioteca e da Secretaria de Pós-Graduação do IEL que me atenderam com presteza e simpatia durante esses anos do Mestrado. Aos profs. Andrew Nevins, Angel Corbera, Beatriz Christino, Gláucia Cândido, David Fleck, Pilar Valenzuela, Roberto Zariquey, pelas valiosas fontes bibliográficas sem as quais este trabalho não teria chegado a tal proporção.

Agradeço especialmente à profa. Gláucia Vieira Cândido. Além de professora e orientadora venerável que sempre estimulou minhas primeiras reflexões formais sobre o caráter multidimensional da linguagem humana, trilhou com virtude e maestria as “veredas” das línguas indígenas. Agradeço, sobretudo, pela amizade e aprendizagem pessoal e profissional. Assim como ao prof. Lincoln Almir A. Ribeiro (in memoriam) pelos poucos momentos compartilhados, conquanto de valores inestimáveis.

A todos os profs., amigos e colegas da graduação na Universidade Estadual de Goiás. E também aos profs. Barbra Sabota, Frantomé Pacheco, Juliana Chaves, Marco Antônio, Shirley Mattos e Sóstenes Lima pela aprendizagem em classes, grupos de estudos, palestras, tanto dentro como fora de sala de aula. À Agmar Cruvinel e Priscila Ishy, com quem trabalhei desde a graduação no Grupo de Investigação Científica em Línguas Indígenas (GICLI), coordenado pela profa. Gláucia Vieira Cândido.

Aos amigos e colegas com quem assisti às aulas, cursos e palestras no IEL: Eclenir da Silva, Eduardo Vasconcelos, Emerson de Souza, Erick de Souza, Eva Roessler, Fabiana Leite, Fernanda Mendes, Flávia Berto, Francisco Meneses, Graziela Gomes, Ivana Ivo, Juliana dos Santos, Mônica da Cruz, Nayara Camargo, Pablo Alegre, Pablo de Faria, Peter Caisse, Priscila Ishy, Solange Gonçalves, Tatiane Costa, Vinícius Castro, obrigado pelos valiosos momentos de apoio e estímulo pessoal e profissional.

Ao Felipe Nery, Flávia Machado, Fernando Roberto, Frederico Castro, Gardenia Nascimento, Gil Villanova, Jonathan Coelho, Karin Vivanco, Marcio Carvalho, Marco Aurélio, Mariana de Castro, Mariana Mattos, Mariana Naves, Murilo Henrique, Nádia Correia, Nicole Guimarães, Quesler Camargos, Romina Borba, Silval Filho, Vinícius Brito e demais amigos e colegas que compartilharam, há muito ou há pouco, momentos de risos e angústias, obrigado pelo apoio e estímulo.

Em especial, à Flávia Machado pela inestimável vivência de anos, à Lilian Gomes, apesar do pouco tempo pessoalmente, pela hospitalidade de sempre, e à Mariana de Castro pelo apoio e companheirismo em momentos cruciais deste trabalho. Aos tios Maria das Graças e Vicente, e primos Leila, Levi e Luciano, por todo o amparo e carinho durante minha estadia paulista. Aos tios, primos e família, por compreenderem minha ausência. E, sobretudo, agradeço aos meus pais, Maria Lúcia e Divino Alves, e irmão, Lucas Paulo, os quais sempre motivaram minhas escolhas.

“Não podemos chegar à sabedoria final socrática de conhecer-nos a nós mesmos se nunca deixarmos os estreitos limites dos costumes, crenças e preconceitos em que todo homem nasceu”

(Malinowski, 1984 [1921], p. 370)

RESUMO

Esta dissertação analisa o sistema de formação de palavras em um grupo de oito línguas da família Pano: Kashibo-Kakataibo, Katukina, Kaxinawa, Matis, Matsés, Shanenawa, Shipibo-Konibo e Yawanawa - sob a perspectiva teórica da linguística tipológica-funcional. O objetivo desta pesquisa é comparar e explicar as similaridades e diferenças de algumas propriedades semânticas a respeito dos elementos morfológicos usados pelos falantes desses idiomas com vistas a formar palavras por meio de três processos linguísticos: afixação, reduplicação e composição. Com este estudo, buscamos oferecer subsídios para novas pesquisas teóricas e aplicadas a respeito das funções e dos significados presentes na morfologia derivacional do grupo de línguas Pano estudado. Nesse sentido, descrevemos duas classes de prefixos (morfemas partes do corpo e aspectuais), e investigamos como a função locativa e os significados metafóricos são codificados pelo sistema conceptual de prefixação lexical, assim como analisar a função aspectual dos demais prefixos. A respeito da reduplicação, discutimos sua característica icônico-derivacional, sua função aspectual e numeral, e a ordem e significado de suas construções complexas (reduplicações com afixos). Ademais, além de descrevermos a distribuição da composição e seus significados, também analisamos como seus elementos lexicais se configuram da maneira como são observados. Para tanto, utilizamos trabalhos científicos já realizados por estudiosos desses idiomas, disponíveis em teses e outros tipos de publicação. Basicamente, o texto compõe-se de quatro seções, da maneira como se segue. Na introdução (1) apresentamos alguns aspectos etnolinguísticos da família Pano e o quadro teórico-metodológico utilizado na análise. Logo após (2) examinamos o sistema de prefixação e então descrevemos brevemente os sufixos e as construções analíticas do grau aumentativo e diminutivo. Em seguida (3) analisamos a reduplicação e a composição. Na conclusão (4) apresentamos os aspectos tipológicos do sistema de formação de palavras por prefixação, reduplicação, e composição do grupo de línguas Pano selecionado.

PALAVRAS-CHAVE: Tipologia funcional, Semântica, Morfologia, Formação de palavras, Línguas Pano.

ABSTRACT

This dissertation analyses the system of word-formation in a group of eight languages of the Pano family: Kashibo-Kakataibo, Katukina, Kaxinawa, Matis, Mastsés, Shanenawa, Shipibo-Konibo e Yawanawa - from a functional-typological perspective. The objective of this research is to compare and explain the similarities and differences of some semantic properties related to the morphological elements used by speakers of these languages in order to form words using three linguistic processes: affixation, reduplication and composition. Furthermore, we aim to provide insight into new theoretical and applied research about the functions and meanings present in the derivational morphology of the Pano languages studied. Accordingly, we describe two classes of prefixes (parts of the body and aspectual morphemes), and investigate how locative functions and metaphorical meanings are encoded by the conceptual system of lexical prefixation, as well as analyzing the function of other aspectual prefixes. Regarding reduplication, we discuss its iconic-derivational quality, its aspectual and numeral functions, and the order and meaning of their complex constructions (reduplications with affixes). In addition, besides describing the distribution of the composition and its meanings, we also analyse how its lexical elements are configured in the way they are observed. We used scientific research already published by scholars of these languages, available in theses and other types of publication. Fundamentally, the text is composed of four parts. In the introduction (1) we present some ethnolinguistic aspects of the Pano family and the theoretical and methodological framework used in the analysis, follow by (2) an analysis of the system of prefixation, and a description of the suffixes and analytical constructions of augmentative and diminutive meanings. Next (3) we examine the reduplication and the composition. In conclusion (4) we present the typological aspects of the word-formation system of prefixation, reduplication, and composition of the Pano languages studied.

KEYWORDS: Functional typology, Semantics, Morphology, Word-formation, Pano languages.

Lista de Tabelas

Tabela 1	Línguas selecionadas para este estudo e as classificações Pano	12
Tabela 2	Línguas selecionadas e seus tipos de formação de palavras	17
Tabela 3	Lista dos prefixos PC e das raízes nominais correspondentes - seus significados literal básico e metafórico	22
Tabela 4	Prefixos {(h)an-} e {(β)/bi-}, nomes correspondentes analisáveis e seus significados	23
Tabela 5	Lista dos prefixos não-PC	37
Tabela 6	Comparação dos prefixos PC em oito línguas Pano	38
Tabela 7	Significados literais, metafóricos e dos complementos de referência	47
Tabela 8	Construções empregadas para expressar AUG/DIM	54
Tabela 9	Formas sintéticas e analíticas que codificam AUG/DIM	55
Tabela 10	Significados icônicos codificados pela reduplicação	70
Tabela 11	Significados ‘contra-icônicos’ codificados pela reduplicação	71
Tabela 12	Significados (não/contra)-icônicos codificados pela reduplicação	72
Tabela 13	Função aspectual e numeral e seus significados associados	76
Tabela 14	Línguas e tipos de afixos copiados em reduplicações complexas	78
Tabela 15	Tipos de construções lexicais em compostos Pano	90
Tabela 16	Aspectos gerais da prefixação	97
Tabela 17	Aspectos gerais da reduplicação	98
Tabela 18	Aspectos gerais da composição	99

Lista de Figuras

Figura 1	Mapa da distribuição dos povos de línguas Pano	4
----------	--	---

Lista de Abreviaturas

1 – primeira pessoa singular (*first person singular*)
2 – segunda pessoa singular (*second person singular*)
3 – terceira pessoa singular (*third person singular*)
1P – primeira pessoa plural (*first person plural*)
2P – segunda pessoa plural (*second person plural*)
A – sujeito transitivo (*transitive subject*)
A.NMLZ – sujeito transitivo nominalizador
ABL – ablativo (*ablative*)
ABS – absolutivo (*absolutive*)
ADJ – adjetivo (*adjective*)
ADVZR – adverbializador (*adverbializer*)
AF – afixo (*affix*)
AGT – agente (*agent*)
AND1 – andativo singular intransitivo (*andative singular intransitive*)
AND2 – andativo plural/singular transitivo (*andative nonsingular, singular transitive*)
AUG – aumentativo (*augmentative*)
AUX – auxiliar (*auxiliary*)
B – base (*base*)
CMPL – aspecto completivo (*completive aspect*)
COM – comitativo (*comitative*)
COP – copula (*copula*)
DAT – dativo (*dative*)
DECL – declarativo (*declarative*)
DEM – demonstrativo (*demonstrative*)
DES – desiderativo (*desiderative*)
DIM – diminutivo (*diminutive*)
DIST – distante (*distant*)
DS – sujeito diferente (*diferent subject*)
EMPH – enfático (*emphatic*)
ERG – ergativo (*ergative*)
EXP – experiencial (*experiential*)
EV – evidencial direto (*direct evidential*)
FRUSTR – frustrativo (*frustrative*)
FSSA – (*following event, same subject, a-orientation*)
GEN – genitivo (*genitive*)
HAB – habitual (*habitual*)
HSY2 – (*shorter hearsay*)
HYS – (hearsay)
IMP – imperativo (*imperative*)
INC – aspecto incompleto (*incompletive aspect*)
IND – indicativo (*indicative*)
INF – infinitivo (*infinitive*)
INS – instrumental (*instrumental*)
INTR – intransitivo (*intransitive*)
IPFV – imperfeito (*imperfective*)
ITER – iterativo (*iterative*)

L – lexema (*lexeme*)
 LOC – locativo (*locative*)
 MAL – melafativo (*malefactive*)
 MANR – modo (*manner*)
 MID – (*middle*)
 N – nome (*noun*)
 NAR – registro narrativo (*narrative register*)
 NEG – negativo (*negative*)
 NMLZ – nominalizador (*nominalizer*)
 NPST – não passado (*nonpast*)
 NREC – não recente
 P – (*previous event*)
 PAC – paciente (*patient*)
 PFV – perfectivo (*perfectivo*)
 PL – plural (*plural*)
 PO>S/A – (*previous event, dependent object is coreferential with matrix subject*)
 POSS – possessivo (*possessive*)
 PREF – prefixo (*prefixe*)
 PROX – próximo do destinatário (*proximal to the addressee*)
 PRPC – prefixo parte-do-corpo (*pc prefixe*)
 PSSA – (*previous event, same-subject, a-orientation*)
 PST – passado (*past*)
 PST1 – hoje mais cedo (*earlier today past*)
 PST4 – muitos anos atrás (*several years ago*)
 PST.DIST/REM – passado distante/remoto
 PST.NREC – passado não recente
 PST.REC – passado recente
 PTCP1 – particípio incompletivo (*incompletive participle*)
 PTCP2 – particípio completo (*completive participle*)
 PSSS – (*previous event, same-subject, s-orientation*)
 PURP – propósito (*purposive*)
 R – raíz (*root*)
 REC – recente (*recent*)
 RECP – recíproco (*reciprocal*)
 RED – reduplicativo (*reduplicant*)
 REFL – reflexivo (*reflexive*)
 S – sujeito intransitivo (*intransitive subject function, S orientation*)
 SE – (*simultaneous dependent event*)
 SIML – similitivo (*similitive*)
 SIMULT – simultâneo (*simultaneous*)
 SSSS – (*simultaneous event, same-subject, s-orientation*)
 SUFD – sufixo derivacional (*derivational suffix*)
 SUFF – sufixo flexional (*flexional suffix*)
 TEMP – (*temporal*)
 TR – transitivo (*transitive*)
 V – verbo (*verb*)
 VZR – verbalizador (*verbalizer*)
 > - (subordinado>principal)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Estudos em línguas brasileiras e sul-americanas: as línguas Pano	1
1.2 A família Pano	3
1.2.1 Classificações em tronco da família Pano: algumas propostas	14
1.2.2 Aspectos gerais da etnolinguística Pano	15
1.3 Quadro teórico-metodológico	18
1.3.1 Materiais usados na pesquisa	18
1.3.2 Análise teórica dos dados	19
2 O SISTEMA DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR AFIXAÇÃO	21
2.1 Prefixação	21
2.1.1 Prefixos parte-do-corpo (PC)	23
2.1.1.1 <i>Verbal</i>	23
2.1.1.2 <i>Nominal</i>	29
2.1.1.3 <i>Adjetival</i>	31
2.1.2 Prefixos aspectuais	34
2.1.2.1 <i>Verbal</i>	34
2.1.2.2 <i>Nominal</i>	35
2.1.2.3 <i>Adjetival</i>	35
2.1.3 Aspectos da prefixação	36
2.1.3.1 <i>Prefixação: derivação sincrônica</i>	36
2.1.3.2 <i>Função locativa, instrumental e aspectual</i>	41
2.1.3.3 <i>A materialidade do ser e o significado metafórico</i>	45
2.2 Sufixação	49
2.2.1 Aumentativo	49
2.2.2 Diminutivo	52
2.2.3 Construção sintética e analítica	54
3 O SISTEMA DE REDUPLICAÇÃO E COMPOSIÇÃO	59
3.1 Reduplicação	59
3.1.1 Reduplicação icônica	59
3.1.1.1 <i>Verbal</i>	59
3.1.1.2 <i>Nominal</i>	63

3.1.1.3 <i>Adjetival</i>	63
3.1.1.4 <i>Adverbial</i>	64
3.1.2 Reduplicação ‘contra-icônica’	65
3.1.2.1 <i>Verbal</i>	65
3.1.2.2 <i>Adjetival</i>	66
3.1.3 Aspectos da reduplicação	67
3.1.3.1 <i>Iconicidade derivacional</i>	67
3.1.3.2 <i>Aspecto e número em cópia de bases</i>	73
3.1.3.3 <i>Construções complexas: ordem e significado</i>	76
3.2 Composição	79
3.2.1 Compostos endocêntricos	80
3.2.1.1 <i>Heterogêneos</i>	81
3.2.1.2 <i>Homogêneos</i>	83
3.2.2 Compostos exocêntricos	84
3.2.2.1 <i>Heterogêneos</i>	85
3.2.2.2 <i>Homogêneos</i>	86
3.2.3 Aspectos da composição	88
3.2.3.1 <i>Definição e identificação</i>	88
3.2.3.2 <i>Construção endo- e exocêntrica</i>	89
3.2.3.3 <i>Funções do significado metafórico</i>	93
4 CONCLUSÃO	97
4.1 Considerações finais	100
REFERÊNCIAS	101
ANEXO I	
LISTA DOS PREFIXOS PC E DAS RAÍZES NOMINAIS CORRESPONDENTES, E SEUS SIGNIFICADOS BÁSICOS, LITERAL E METAFÓRICO	109

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas científicas desenvolvidas a partir do início do século XX a respeito das línguas da família Pano abrangem principalmente sua fonologia - sendo grande parte da morfologia e sintaxe dessas línguas desconhecida. Contudo, os trabalhos publicados em geral a partir da década de 90 apresentam diversos aspectos relacionados a esses níveis linguísticos, que além da contribuição prática, como o desenvolvimento de materiais didáticos, fornecem dados que nos permitem comparar e identificar aspectos estruturais e funcionais, comuns e particulares, entre essas línguas.

O objetivo geral desta dissertação é apresentar uma análise sincrônica sobre algumas propriedades semânticas da morfologia derivacional de algumas línguas Pano. Em específico, o estudo é centrado na descrição e comparação do sistema de formação de palavras lexicais por prefixação, sufixação (aumentativo/ diminutivo (AUG-DIM)), reduplicação e composição em oito idiomas. As línguas dessa família são faladas por povos indígenas que habitam a Amazônia brasileira, peruana e boliviana.

Com base em teses disponíveis, analisamos o Kashibo-Kakataibo (Kak - Zariquiey, 2011); Katukina (Kat - Aguiar, 1994a); Kaxinawa (Kax - Camargo, 1991); Matis (Mis - Ferreira, 2005); Matsés (Mes - Fleck, 2003); Shanenawa (Sha - Cândido, 2004); Shipibo-Konibo (Shi - Valenzuela, 2003); e Yawanawa (Yaw - Paula, 2004). A partir desses estudos, adicionamos dados de outros tipos de publicação. Do mesmo modo, outras línguas Pano que contenham registros desses tipos de formação de palavras são brevemente descritas (cf. **1.3.1**).

Dessa forma, com o objetivo de analisar tanto aspectos semânticos comuns quanto particulares no sistema de formação de palavras em um grupo de línguas cognatas, analisamos os dados com base na tipologia linguística de orientação funcional (Greenberg, 1966, 1968, 1978; Shibatani & Bynon, 1995). Com isso, buscamos oferecer subsídios para as futuras pesquisas a respeito da família Pano, e mais especificamente beneficiar estudos descritivos e comparativos, teóricos e aplicados, sobre as funções e significados presentes na morfologia lexical do grupo de línguas estudado.

1.1 Estudos em línguas brasileiras e sul-americanas: as línguas Pano

A literatura linguística geralmente afirma que aproximadamente 180 idiomas seriam falados no Brasil atualmente, contudo, muitos desses trabalhos apresentam como línguas o que seriam, na realidade, dialetos de uma mesma língua. Nesse sentido,

é provável que sejam falados hoje no território brasileiro cerca de 150 idiomas (Moore; Galucio & Gabas Jr., 2008).

Nos últimos anos, o número de estudos dessas línguas vem aumentando consideravelmente, no entanto, ainda são muitos os idiomas que não foram contemplados sequer com uma mínima documentação. Os autores supracitados apresentam a seguinte proporção de estudos descritivos em línguas que provavelmente ainda são faladas:

- 13% possuem uma descrição completa
- 38% possuem uma descrição avançada
- 29% possuem uma descrição ainda incipiente
- 19% possuem pouca ou nenhuma descrição científica significativa

Os idiomas Pano vêm sendo investigados de forma mais sistemática a partir dos meados do século XX. No Peru, da década de quarenta e cinquenta em diante, centros de pesquisas, a exemplo do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) e do *Centro de Investigación de Lingüística Aplicada* (CILA) da Universidade Nacional de San Marcos, iniciaram trabalhos descritivos com as línguas Pano. Na Bolívia, na Universidade de San Andrés, deu-se ênfase ao Chácobo e ao Yaminawa (Fleck, ms).

No Brasil, com destaque ao trabalho pioneiro do historiador João Capistrano de Abreu sobre os Kaxinawá em 1941, desde o final do século XX, tem aumentado consideravelmente o interesse em se estudar essas línguas. Atualmente, as instituições que realizam pesquisas sobre línguas Pano são o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade Estadual de Goiás (UEG), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a Universidade de Brasília (UNB), o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Meu primeiro contato com as línguas da família Pano decorreu de um Programa Voluntário de Iniciação Científica (PVIC) realizado no Grupo de Investigação Científica em Línguas Indígenas (GICLI), durante a graduação na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Na UNICAMP, já cursando o mestrado, iniciei o projeto de pesquisa intitulado *Estudos Morfológicos da Língua Kaxarari (PANO)*, financiado pela FAPESP.

O Kaxarari é uma língua que carece de estudos específicos que tratem de sua morfologia, e outros níveis linguísticos. Salvo os estudos de cunho etnográfico, como Gomes (2009) e Moreira (2005), as pesquisas relacionadas a essa língua apresentam somente análises da fonologia. Os principais estudos foram realizados por Cabral & Monserrat (1987), Cândido, Ribeiro & Ishy (2009), Couto (2005), Lanes (2000, 2005), Pickering (1973), Sousa (2004) e Souza (1986).

Durante o curso de mestrado solicitamos à FAPESP a mudança do projeto de pesquisa e do título correspondente. O motivo da mudança decorreu de complicações políticas e históricas recorrentes entre pesquisadores e a comunidade kaxarari, impossibilitando-nos de executar o referido projeto. Dessa forma, solicitamos à FAPESP a mudança do projeto de pesquisa e do título correspondente para *Aspectos Tipológicos na Formação de Palavras em um Grupo de Línguas da Família Pano*.

A respeito da organização do texto a partir desta parte, apresentamos os aspectos gerais sobre a família Pano, bem como alguns trabalhos de classificação genética de suas línguas (1.2). Depois, as principais propostas de classificação em tronco da família são apresentadas (1.2.1), seguidas de um breve histórico da família, e alguns aspectos básicos da etnografia e tipologia morfológica de cada língua do grupo (1.2.2).

Na subseção seguinte (1.3), tratamos basicamente da fundamentação metodológica utilizada neste estudo. Em (1.3.1), apresentamos as referências bibliográficas básicas e complementares, de onde os dados de cada língua foram extraídos e a maneira como foram processados, e então, em (1.3.2), o quadro teórico-metodológico para a análise dos dados é apresentado.

1.2 A família linguística Pano

A família Pano possui cerca de três dezenas de línguas. É considerada a quinta maior da América do Sul, seguida das famílias Tupi-Guarani, Jê, Karib e Arawak (Fleck, ms). Seus falantes localizam-se em um território contínuo da Amazônia Ocidental; oeste brasileiro, leste peruano, e norte boliviano. Mais especificamente, do norte para o sul, ocupam áreas que vão do rio Amazonas ao Alto Madeira e Beni; de oeste para leste, vão do Ucayali às cabeceiras do Javari, Juruá e Purus (Ribeiro, 2003).

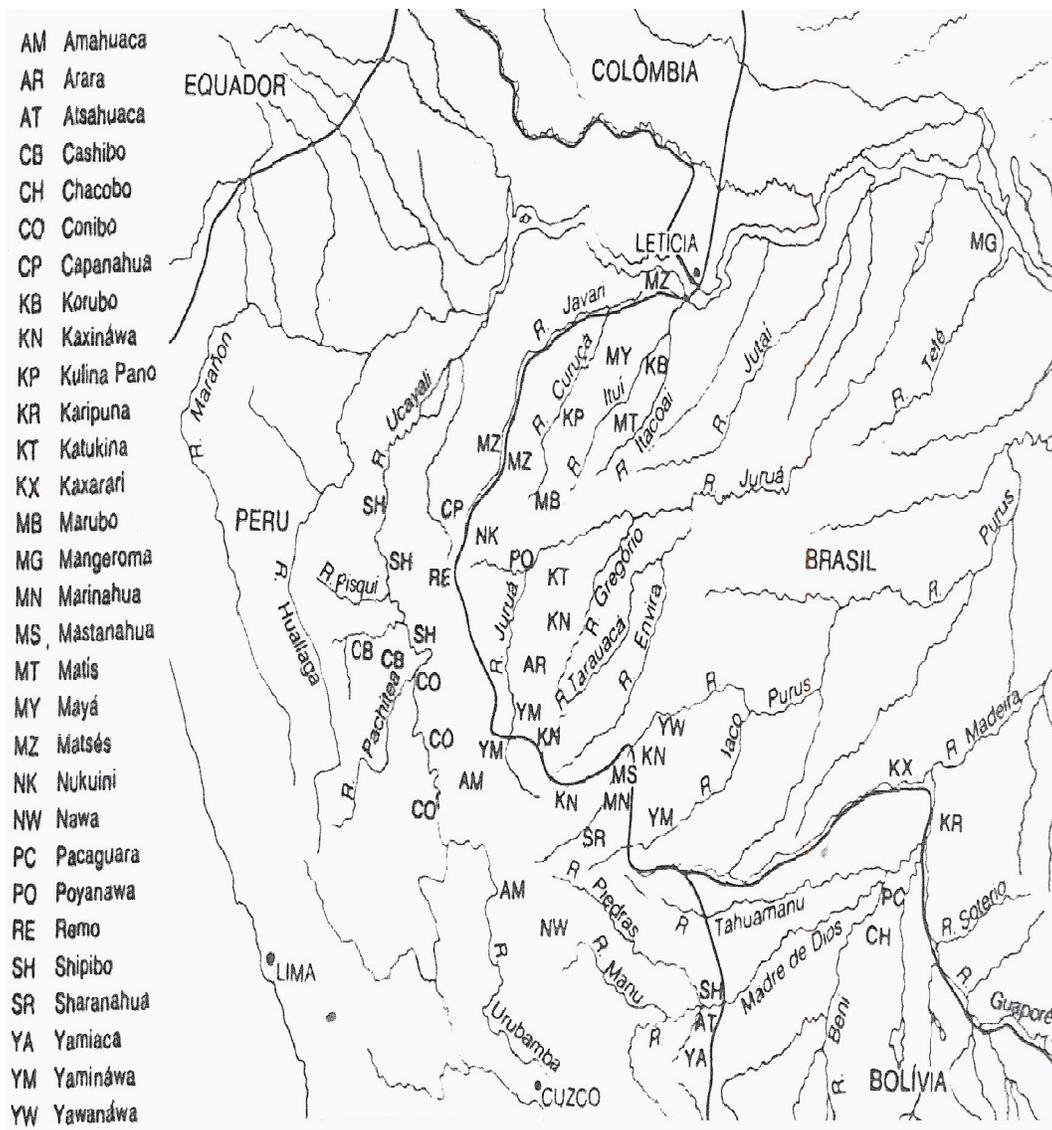


Figura 1. Mapa da distribuição dos povos de línguas Pano

Fonte: (Erikson, 1992, p. 242)

Segundo Ribeiro (2006), cerca de duas dezenas dessas línguas ainda são faladas por mais ou menos 40.000 indivíduos.¹ As línguas Pano assim como as demais “[...] línguas indígenas encontram-se sob as mais diferentes pressões, sofrendo o impacto do crescente contato com a população envolvente e a língua majoritária” (Seki, 1999, p.

¹ A maior parte desses falantes pertence ao povo Shipibo-Konibo, os quais contam com aproximadamente 30.000 indígenas (Valenzuela, 2003, p. 8).

259). De acordo com Cândido & Ribeiro (2007), no Brasil são faladas 12 línguas,² nove no Peru, e duas em ambos. Na Bolívia são duas faladas, sendo uma nos três países.³

O primeiro estudo a formalizar e reconhecer esta família como um grupo autônomo foi o trabalho de La Grasserie, apresentado em 1888 no *VII Congresso Internacional dos Americanistas* (Aguiar, 1994b; Loos, 1999; Ribeiro, 2006). O texto intitulado *De la famille linguistique Pano* apresenta um grupo de sete línguas aparentadas, a saber; “*Pano, Mayoruna Domestica, Mayoruna Fera, Maxuruna, Caripuna, Culino, Conibo, Pacavara*” (Grasserie, 1890, p. 438).

A partir da publicação desse trabalho, o grupo de línguas em questão passou a ser conhecido como ‘*la famille linguistique Pano*’ (Grasserie, op. cit.). Esta família recebeu esse nome por empréstimo de uma dessas línguas, identificada por ‘Pano’, falada pelo povo conhecido por Panobo⁴ (Aguiar, 1994b; Loos, 1999). Desde então, vários trabalhos a respeito da classificação das línguas Pano vêm sendo realizados.

Conforme a literatura (Aguiar, op. cit.; Ribeiro, 2006), em 1891, Brinton ampliou o número de línguas proposto por Grasserie (1890) de sete para 18. Todavia, esta classificação apresenta apenas línguas encontradas no Peru. A adição de oito línguas faladas na Bolívia veio com o trabalho de Crequi-Monfort & Rivet (1913). Basicamente, os trabalhos realizados durante o século XX, sobretudo em sua primeira parte, apresentam a família Pano em três grupos de línguas faladas no Peru e na Bolívia.

Salvo estudos como Shell (1975),⁵ essas classificações baseiam-se principalmente em critérios geográficos (Rivet & Tastevin, 1921, 1924; Loukotka, 1944; Mason, 1950; Rivet & Loukotka, 1952 apud Fabre, 2005). No entanto, a partir da segunda metade do século XX, os trabalhos realizados por pesquisadores de centros de

² Para uma proposta de introdução da língua Saynawa à família Pano, cf. Couto (2010).

³ Brasil (**Br**), Peru (**P**), Bolívia (**Bo**): **Br** – Arara, Katukina, Kaxarari, Korubo, Kulina, Marubo, Matis, Nawa, Nukini, Poyanáwa, Shanenawa e Yawanawa. **P** – Amawaka, Iskonawa, Kapanawa, Kashibo-Kakataibo, Mastanawa, Shipibo-Konibo, Sharanawa, Xitonawa e Yoranawa. **Bo** – Chácobo e Pakawara. **Br** e **P** – Kaxinawa e Matsés. **Br**, **P** e **Bo** – Yaminawa (Cândido & Ribeiro, 2007).

⁴ O termo ‘panobo’ refere-se a uma palavra morfossintática formada pela base {pano} que significa ‘tatu gigante’ e o sufixo marcador de plural {-bo}, podendo ser traduzido literalmente por ‘os tatus gigantes’ (cf. Tessmann, 1999) ou simplesmente ‘os Pano’ (cf. Aguiar, 1994b). Este grupo indígena peruano hoje extinto, encontrado pelos missionários durante o século XVII nas margens do rio Sarayacu, é também conhecido atualmente pelo nome Huariapano. Este nome corresponde a um composto formado pela base {waria} com o significado ‘uariá’; um tubérculo comestível, mais a base {pano} (cf. Gomes, 2010).

⁵ Shell (1975) apresenta uma proposta de classificação interna das línguas Pano baseada no Método Histórico-Comparativo.

pesquisas mencionados anteriormente ampliaram significativamente o conhecimento das línguas Pano.

A partir de então, estudos descritivos e comparativos, contando com línguas dos três países e classificações baseadas em critérios linguísticos, foram desenvolvidos dentro e fora do Brasil. Loos (1999), a exemplo desses estudos, apresenta um trabalho composto por 30 línguas Pano, sendo 14 brasileiras.⁶ O autor as divide em três subgrupos e um número de línguas não agrupadas, da maneira que se segue:

Subgrupo Yaminawa⁷

- 1 Yaminawa 500 P, Br.
- 2 Amawaka 200 P.
- 3 Kashinawa/Honikoin 500 P., Br.
- 4 Sharanawa/Shanindawa/Chandinawa/Inonawa/Marinawa 300 P.
- 5 Yawanawa 200 Br.
- 6 Chitonawa 35 P.
- 7 Yoranawa/Nawa/Parquenawa 200 P.
- 8 Moronawa 300 Br.
- 9 Mastanawa 100 P.

Subgrupo Chakobo

- 10 Chacobo 400 Bo.
- 11 †Arazaire P.
- 12 †Atsawaka P.
- 13 †Yamiaka P.
- 14 Katukina/Kamannawa/Waninnawa 300 Br.
- 15 Pakawara 12 Bo.

Subgrupo Kapanawa

- 16 Kapanawa/Pahenbakebo 400 P.
- 17 Shipibo/Konibo/Xetebo 8.000 P.
- 18 †Remo Br.

⁶ Loos (1999) adiciona 12 línguas faladas apenas no Brasil, e duas também faladas no Peru. Dentre as oito línguas selecionadas para a presente pesquisa, em sua obra encontram-se quatro faladas em território brasileiro, a saber: Katukina e Yawanawa, faladas apenas no Brasil, e Kaxinawa e Matsés, faladas também no Peru.

⁷ O número aproximado de falantes é dado para cada língua. ‘†’ indica uma língua (provavelmente) extinta (Loos, op. cit.). ‘*’ indica uma língua obsoleta; lembrada por alguns falantes, mas não falada diariamente (Fleck, 2012).

- 19 Marubo 400 Br.
- 20 †Wariapano/Panobo/Pano P.
- 21 Iskonawa 30 P.
- 22 †Kanamari/Taverí/Matoinahã Br.

Línguas não agrupadas

- 23 Kashibo/Kacataibo/Komabo 100 P.
- 24 †Kulino Br.
- 25 Karipuná Br.
- 26 Kaxarari 100 Br.
- 27 Matses/Mayoruna 2.000 P, Br.
- 28 †Nokamán Br.
- 29 †Poyanáwa Br.
- 30 †Tuxinawa Br.

Classificação das Línguas Pano (Loos, 1999).

Ribeiro (2006) propõe uma classificação interna das línguas Pano, na qual apresenta um grupo de 34 línguas, cujos dados são analisados a partir da aplicação de métodos tradicionais da Linguística Histórico-Comparativa. O autor divide os idiomas em quatro grandes subgrupos, dos quais três se dividem em subgrupos menores, da forma como apresentado a seguir:

GRUPO I

- 1 Amawaka

GRUPO II

Subgrupo II-1

- 2 Kashibo
- 3 †Nokaman

Subgrupo II-2

- 4 Shipibo
- 5 Kapanawa
- 6 †Panobo

GRUPO III

Subgrupo III-1

- 7 *Iskonawa

8 Kaxinawa

Subgrupo III-2

Subgrupo III-2-1

9 *Nukini

10 †Remo

Subgrupo III-2-2

Subgrupo III-2-2-1

11 †Kanamari

12 Katukina

13 Marubo

Subgrupo III-2-2-2

14 Mastanawa

15 †Tuxinawa

16 Yoranawa

17 Sharanawa

18 Shanenawa

19 Arara

20 Yawanawa

21 Xitonawa

22 Yaminawa

Subgrupo III-2-3

23 Kaxarari

24 †Poyanawa

GRUPO IV

Subgrupo IV-1

25 Kapishto

26 Matsés

27 †Kulina

28 Matis

Subgrupo IV-2

29 †Atsawaka

30 †Arazaire

31 †Yamiaka

Subgrupo IV-3

32 †Karipuna

33 Chacobo

34 Pakawara

Classificação das línguas Pano (Ribeiro, 2006).

Fleck (2012), por fim, apresenta uma classificação preliminar das línguas Pano na qual encerra 32 línguas. Esse estudo baseia-se na comparação de termos lexicais, e em comparação preliminar da fonologia e gramática. O autor divide as línguas em dois ramos, que se dividem em grupos e subgrupos:

I. Ramo Mayoruna

A. Grupo Mayo

i. Subgrupo matsés

a. **1 Matsés** Br. P.

Matsés brasileiro, Matsés peruano, †Paud Usunkid

b. **2 Korubo** Br.

Chankuëshbo, Korubo

c. ***3 Kulina do rio curuçá** Br.

*Chema, *Kapishtana, *Mawi

d. †**4 Demushbo** Br.

ii. Subgrupo matis (mais similar do ramo principal)

a. **5 Matis** Br. (mais divergente deste ramo)

b. †**6 Mayoruna do rio jandiatuba**

c. †**7 Mayoruna do rio amazonas**

†Mayoruna doméstica do rio amazonas

†Mayoruna selvagem do rio amazonas

B. †**8 Mayoruna do tabatinga** (mais divergente deste ramo em termos de fonologia)

II. Ramo Principal

A. **9 Kaxarari** (língua mais divergente deste ramo) Br.

B. **10 Kashibo** (dialeto Kakataibo) P.

Kashibo, Kakataibo,

Nokaman (marcada como extinta em trabalhos anteriores)

C. Grupo Nawa (subgrupo ordenada a partir da língua menos divergente)

i. Subgrupo boliviano

- a. **11 Chakobo/Pakawara** (dois dialetos de uma língua)
- b. †**12 Karipuna** (pode ser dialeto do Chakobo/Pakawara)
- ii. Subgrupo Madre de Dios
 - a. †**13 Atsawaka/†Yamiaka** (dois dialetos de uma língua)
 - b. †**14 Arazaire**
- iii. †**15 Remo do rio Blanco**
- iv. †**16 Kashinawa do rio tarauacá**
- v. Subgrupo marubo
 - a. **17 Marubo do javari**
 - b. **18 Katukina**
 - Katukina de olinda, Katukina de sete estrelas,
 - †Kanamari
 - c. †**19 Kulina de são paulo de Olivença**

‘Grupo de línguas Pano central’ (subgrupos vi-viii): proximidade geográfica entre essas línguas influenciaram seus aspectos comuns.
- vi. Subgrupo Poyanawa
 - a. ***20 Poyanawa**
 - b. ***21 Iskonawa** (muito próximo do Poyanawa, mas também assemelha-se ao Shipibo-Konibo, Kapanawa e Amawaka)
 - c. ***22 Nukini**
 - d. ***23 Nawa** (rio môa)
 - e. †**24 Remo do rio jaquirana**
- vii. Subgrupo Chama
 - a. **25 Shipibo-Konibo-Kapanawa** (três dialetos de uma língua)
 - Shipibo, Konibo, *Kapanawa do rio tapiche
 - b. ***26 Pano**
 - †Pano, *Shetebo, *Piskino
 - c. †**27 Sensi**
- viii. Subgrupo *Headwaters*
 - a. **28 Kashinawa do rio ibuaçu**
 - Kashinawa brasileiro, Kashinawa peruano, †Kapanawa do rio Juruá, †Paranawa
 - b. **29 Yaminawa** (maior complexo dialético)
 - Yaminawa brasileiro, Yaminawa peruano, Chaninawa, Chitonawa, Mastanawa, Parkenawa, Shanenawa,

Sharanawa - *Marinawa, Shawanawa (=Arara),
Yawanawa, *Yaminawa-arara (diferente do
Shawanawa/Arara), †Nehanawa

c. 30 Amawaka

Amawaka peruano (intermediário entre este subgrupo e
o subgrupo chama, talvez por contato geográfico)

†Nishinawa (=Amawaka brasileiro)

†Yumanawa (similar ao Kashinawa do rio ibuaçu)

d. †**31 Remo do rio môa** (similar ao Amawaka)

e. †**32 Tuchinawa** (similar a dialetos Yaminawa)

Classificação preliminar das línguas Pano (Fleck, 2012).

Assim como mencionamos, Loos (1999) classifica 30 línguas; 22 em três grupos e oito línguas não agrupadas. Ribeiro (2006) divide 34 línguas em quatro grupos, cujos três últimos se dividem em subgrupos. Fleck (2012) apresenta uma classificação preliminar com 32 línguas, e as divide em dois grandes grupos e subgrupos. Abaixo, relacionamos as línguas selecionadas para este estudo com as classificações apresentadas acima:

Tabela 1. Línguas selecionadas para este estudo e as classificações Pano

	Loos (1999)	Ribeiro (2006)	Fleck (2012)
Kak	*Não agrupada	Subgrupo II-1	II. Ramo Principal (B)
Kat	Subgrupo Chacobo	Subgrupo III-2-2-1	II. Ramo Principal C. Grupo Nawa v. Subgrupo Marubo (b)
Kax	Subgrupo Yaminawa	Subgrupo III-1	II. Ramo Principal C. Grupo Nawa viii. Subgrupo <i>Headwaters</i> (a)
Mis	---	Subgrupo IV-1	I. Ramo Mayoruna A. Grupo Mayo ii. Subgrupo Matis (a)
Mes	*Não agrupada	Subgrupo IV-1	I. Ramo Mayoruna A. Grupo Mayo i. Subgrupo Matsés (a)
Sha	---	Subgrupo III-2-2-2	*Dialeto da língua yaminawa
Shi	Subgrupo Kapanawa	Subgrupo II-2	II. Ramo Principal C. Grupo Nawa vii. Subgrupo Chama (a)
Yaw	Subgrupo Yaminawa	Subgrupo III-2-2-2	*Dialeto da língua yaminawa

Na classificação de Loos (1999) não há referência aos idiomas matis e shanenawa. A respeito do primeiro, Ferreira (2005) e Fleck (2003) discutem a condição de dialeto e língua entre o Matis e o Matsés, respectivamente. Do mesmo modo, sobre a segunda língua, Cândido (2004) e Aguiar (1994a) discutem o mesmo problema entre o Shanenawa e o Katukina. Estas análises são brevemente descritas e discutidas abaixo, juntamente com a interpretação do Shanenawa e o Yawanawa como dialetos da língua yawanawa, na classificação preliminar de Fleck (2012).

A respeito da língua matis, segundo Ferreira (2005, p. 9) o povo matis e matsés referem a si próprios como ‘Matsés’; termo geral que significa ‘pessoas’, ‘gente’ ou mesmo ‘não-índio’. Conforme este autor, apesar das línguas matis e matsés serem parecidas, há diversas evidências que são duas línguas diferentes. Aliás, Fleck (2003) relata a ausência do Matis na classificação de Loos (1999), e sugere que o Matis e o Matsés tenham sido interpretados como dialetos e não como línguas separadas.

Tanto Ferreira (2005, p. 10-11) quanto Fleck (2003, p.10-11) apresentam informações de testes de mútua inteligibilidade realizados em seus trabalhos de campo entre falantes de Matis e Matsés. Conforme esses autores, o grau de compreensão entre os falantes dessas línguas é muito baixo, o que corrobora a interpretação de que são línguas distintas. Ademais, apresentam evidências linguísticas de que não são dialetos de uma mesma língua, e que pertencem a um mesmo grupo dentro da família Pano.

Sobre o Shanenawa, conforme Cândido (2004), alguns estudos, como CIMI (1985 apud Cândido, 2004), afirmam que o Shanenawa seria um dialeto do Katukina. Esta língua seria falada por três grupos distribuídos em diferentes localizações geográficas do Estado do Acre: Aldeia de Olinda (Município de Cruzeiro do Sul); Aldeia Sete Estrelas (Município de Tarauacá); e Aldeia Morada Nova (Município de Feijó). De acordo com Aguiar (1994a, p. 25), durante todo seu contato com os grupos da Aldeia de Olinda e de Sete Estrelas (1984-1991), eles afirmaram ser Katukina.

Em contrapartida, segundo Aguiar (1994a, p. 26) e Cândido (2004, p. 12), os índios da Aldeia Morada Nova, no Município de Feijó autodenominam-se 'Shanenawa'; falantes de língua do mesmo nome. Esses índios afirmam haver diferenças significativas entre sua língua e aquela falada em Olinda e Sete Estrelas. Segundo eles, essas diferenças dificultam a compreensão entre os grupos (Cândido, 2004, p. 13). Ademais, em seus trabalhos, essas autoras apresentam evidências linguísticas de que se trata de duas línguas diferentes.

Nesse sentido, esses estudos como o do CIMI (e provavelmente também o trabalho de Loos (1999), no qual das duas línguas classifica somente o Katukina) se baseiam no fato de a FUNAI ter, à época da demarcação da área indígena em Feijó (1991), atribuído ao povo lá instalado a denominação 'Katukina' (Cândido, 2004, p. 13). Portanto, de acordo com Cândido (2004, p. 15), o Shanenawa é considerado uma língua Pano específica, e não uma variante dialetal de outras línguas faladas no Estado do Acre, como o Yawanawa, o Kaxinawa e o Katukina.

Por outro lado, o Shanenawa e o Yawanawa são considerados dialetos do Yaminawa na classificação de Fleck (2012). Segundo Paula (2004), “[...] o povo yawanawa é formado por remanescentes de vários povos, alguns destes já extintos e outros tendo apenas descendência [...]”. Ademais, relata que há pessoas consideradas ou

que se autodenominam como, por exemplo, Saynawa (língua Pano do estado do Acre proposta recentemente pela descrição fonológica de Couto (2010)), Shanenawa etc.

Sendo assim, sugerimos que na classificação de Loos (1999) não há referência ao Matis e ao Shanenawa provavelmente por equívocos aos nomes atribuídos aos grupos e às línguas em alguns trabalhos demográficos. Apesar das controvérsias em relação à condição dialeto/língua, testes de mútua inteligibilidade, assim como comparações de aspectos linguísticos das línguas podem esclarecer suas condições ou grau de independência ou variação dialetal de um mesmo idioma (Greenberg, 1968).

A exemplo da presente pesquisa, os estudos comparativos sobre alguns aspectos particulares das línguas Pano podem contribuir para o aperfeiçoamento da classificação genética desses idiomas. Desde que as línguas sejam descritas e comparadas pelos estudiosos, efetivamente, futuros estudos como os histórico-comparativos disporão de maiores resultados de análise que evidenciam ou não as hipóteses a respeito das línguas, e suas relações em família e tronco linguístico.

1.2.1 Classificações em tronco da família Pano: algumas propostas

Até o momento não há consenso na literatura sobre as propostas de classificação em tronco das famílias Pano e Takana. Com a hipótese de Schuller (1933), desde a segunda metade do século XX, alguns estudiosos vêm publicando propostas de relações genéticas entre as línguas de ambas as famílias. Esses trabalhos datam, sobretudo, da década de 70 a 80, a exemplo de Key (1968); Girard (1971); d'Ans (1973); Greenberg (1987); Loos (1987); Suárez (1988); e Key, Tugwell & Wessels (1991). E mais recentemente, Ribeiro (2003) e Loos (2005).

Mediante o método comparativo, o trabalho de Key (1968), por exemplo, apresenta correspondências fonéticas entre os dois grupos de línguas, e em Girard (1971), 116 itens lexicais Proto-Pano-Takana são reconstruídos. No entanto, assim como observado pelos autores em questão, o resultado dos estudos até aquele momento era insuficiente para evidenciar as semelhanças gramaticais entre as duas famílias, e, por conseguinte, se elas se relacionam ou por herança genética ou empréstimo linguístico.

A proposta de Greenberg (1987) apresenta o filo Pano-Takana dentro do superfilo Jê-Pano-Karib. Contudo, Rodrigues (2000) postula que essa classificação requer uma verificação mais segura em termos de semelhanças linguísticas mais sistemáticas. Aliás, este autor apresenta evidências de relações próximas entre o tronco

Tupi e a família Karib (Rodrigues, 2000), enquanto que do que se depreende de Greenberg (1987), as línguas do tronco Tupi não teriam semelhanças com as do grupo Jê-Pano-Karib.

Conforme referimos, os estudos realizados sobre as relações entre as famílias Pano e Takana datam da segunda metade do século XX. Nessa linha, publicações mais recentes, como Loos (2005) e Ribeiro (2003), por exemplo, apresentam proposições a favor da relação genética entre as línguas de ambas as famílias. Esses estudiosos afirmam que a grande quantidade de cognatos existentes entre o Proto-Pano e o Proto-Takana provavelmente possui uma origem comum relacionada às duas famílias.

Com este trabalho, buscamos contribuir para a ampliação do conhecimento a respeito da caracterização tipológica de algumas línguas Pano, assim como de relações genéticas e/ou geográficas de futuros estudos sobre o Pano-Takana. Ademais, pesquisas comparativas oferecem subsídios para o planejamento de trabalhos de campo e, de maneira mais profunda, o desenvolvimento de quadros teórico-metodológicos de análises descritivas e/ou comparativas, em determinados tipos de língua.

1.2.2 Aspectos gerais da etnolinguística Pano

Erikson (1992), a partir das investigações arqueológicas realizadas por Lathrap (1970), examina a pré-história dos povos Pano. Basicamente, o autor postula com a devida prudência que os Pano migraram em direção ao rio Ucayali por volta de 100-300 d.C., vindos do norte da Amazônia boliviana (região do Beni e do Guaporé). As ondas de migração deveram-se à expansão dos Arawak Maipuram, vindos da região de Mojos.

Conforme Aguiar (1994b), segundo tradições orais dos índios Pano, a respeito da formação dos grupos étnicos, eles teriam migrado do norte do Peru, tendo sido forçados pelos índios Yevera⁸ a se mudarem para o sul. Com o decorrer do tempo eles foram se dividindo em grupos, concentrando-se em uma área contínua na fronteira amazônica do Brasil, Bolívia e Peru.

Evidências de registros linguísticos dos povos Pano são apresentadas por Fleck (ms). As primeiras notas sobre as línguas datam do século XVII, realizadas por missionários Jesuítas. Outros registros datam do século XVIII, por missionários Franciscanos, demais viajantes do exterior, até o estudo comparativo apresentado por

⁸ A autora não apresenta maiores informações a respeito dessa etnia.

Grasserie em 1888. A partir de então, estudos sobre as línguas Pano têm sido realizados pelo SIL e por instituições acadêmicas dentro e fora da América Latina (seção 1.1).

De modo geral, após as migrações desses povos, os grupos tornaram-se mais isolados, e então passaram a se distinguir linguística e culturalmente uns dos outros. Não obstante, esses povos são caracterizados por apresentarem uma grande homogeneidade linguística (Shell, 1975), e cultural (Erikson, 1992). O fato é que as línguas Pano possuem grandes similaridades que sugerem uma divisão e expansão recente de seus povos (Loos, 1999, p. 227).

Sobre seus aspectos morfossintáticos, essas línguas são predominantemente sufixais, e, na maior parte, apresentam tendência ao tipo estrutural sintético-aglutinante, principalmente em verbos. A ordem dos constituintes da oração é AOV/SV,⁹ e com sistema de alinhamento ergativo-absolutivo (Loos, 1999, p. 240). A seguir, apresentamos breves aspectos dos povos e das línguas selecionadas para este estudo.

Os Kashibo-Kakataibo contam com cerca de 3.000 falantes, e habitam os departamentos de Huánuco e Ucayali no Peru (Zariquiey, 2011). Os Katukina encontram-se divididos em duas aldeias localizadas em Cruzeiro do Sul e Tarauaca - Acre (Aguiar, 1994a), e contam com uma população de 549 índios (Instituto Sócio Ambiental - ISA; Fundação Nacional de Saúde - Funasa, 2010).

Os Kaxinawa se dividem em 10 aldeias localizadas na fronteira amazônica entre Brasil e Peru (Camargo, 1991), com uma população de 7.534 índios (ISA; Funasa, 2010). Assim como a língua kashibo-kakataibo, o Kaxinawa é um dos idiomas mais estudados da família Pano. Os Matis habitam o noroeste amazônico brasileiro (Ferreira, 2005), e contam com 390 indivíduos (ISA; Funasa, 2010).

Os Matsés, também com um dos idiomas mais estudados da família (Fleck, 2003), vivem na Amazônia brasileira e peruana, contando com uma população de 1.592 indivíduos (ISA; Funasa, 2006). Os Shanenawa se dividem em quatro aldeias localizadas no Estado do Acre (Cândido, 2004), e possuem uma população de 411 índios (ISA; Funasa, 2010).

Os Shipibo-konibo, igualmente com um dos idiomas mais estudados, contam com aproximadamente 30.000 indivíduos, com cerca de 130 aldeias localizadas principalmente nos Departamentos de Ucayali e Loreto - Peru (Valenzuela, 2003). Os

⁹ As notações dos argumentos seguem as convenções encontradas em Dixon (1994); (A) para argumento externo transitivo, (S) para argumento externo intransitivo, e (P) para argumento interno transitivo.

Yawanawa localizam-se em aldeias às margens do rio Gregório - Acre (Paula, 2004), com 541 índios (ISA; Funasa, 2010). A tabela 2 apresenta a ocorrência dos tipos de formação de palavras no conjunto de línguas selecionadas para este estudo:

Tabela 2. Línguas selecionadas e seus tipos de formação de palavras

	KAK	KAT	KAX	MIS	MES	SHA	SHI	YAW
Prefixação	X	X ¹⁰	X	X	X	X	X	-
Sufixação - AUG/DIM	X	X	X	X	X	X	X	-
Reduplicação	X	-	-	X	X	-	X	X
Composição	-	X	X	X	-	X	X	X

Além dos sufixos com valor aumentativo/diminutivo, as línguas Pano também apresentam sufixos direcionais. Os falantes anexam esses sufixos em bases verbais para formar verbos, e basicamente indicam ao ouvinte que a ação verbal possui uma informação adicional de direção. O significado direcional corresponde basicamente ao deslocamento de uma entidade de um ponto (A) para um (B) ou vice-versa.

Em Shipibo-Konibo, esses sufixos são formal e semanticamente análogos a bases verbais independentes. Conforme Valenzuela (2003, p. 278), estes morfemas presos podem ser interpretados como uma derivação diacrônica de verbos independentes. Nesse sentido, segundo a autora, “[...] parece haver uma relação de continuidade entre a serialização verbal e a sufixação.”¹¹ Essas construções direcionais, segundo a autora, apresentam gramaticalização verbal, e tendência ao tipo aglutinante.

Nos idiomas Kak, Mes e Shi, o processo de nominalização, mediante sufixo instrumental, por exemplo, não só deriva elementos nominais de outras classes lexicais, mas também envolve construções complexas como relativização, complementação e orações adverbiais. Nesse sentido, a nominalização em línguas Pano se divide em lexical (sem estrutura argumental) e gramatical (com estrutura argumental) (Zariquiey, 2011, p. 295; Fleck, 2003, p. 292-293; Valenzuela, 2003, p. 212, 435).¹²

Nas línguas Pano, as categorias flexionais dividem-se em ‘inerentes’ (independentes de uma estrutura sintática específica), e ‘contextuais’; (determinadas

¹⁰ O Katukina, diferente das demais línguas Pano selecionadas para este estudo, apresenta um conjunto de prefixos específicos (cf. 2.1.3.2).

¹¹ O original é o que se segue: “In sum, the deictic-directive morphemes discussed so far can be traced back to SK independent verbs, and there seems to be a continuum from nuclear verb serialization to derivation”.

¹² Na maior parte das línguas Pano, outros processos derivacionais ocorrem como as construções causativas, nominalizações lexicais como instrumental, verbalização, entre outras (cf. Loos, 1999).

pela estrutura sintática na qual a palavra se encontra). Enquanto a primeira corresponde a sufixos de aspecto, número etc., a segunda refere a relações de marcação de caso, concordância de participante, entre outros (cf. Valenzuela, 2003).

1.3 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Em princípio, a temática desta pesquisa é centrada na comparação de alguns aspectos derivacionais relacionados ao sistema de formação de palavras em línguas Pano. Para tanto, analisamos as propriedades da estrutura interna das palavras e os significados de seus elementos conforme os aportes teórico-metodológicos da tipologia linguística funcional (Greenberg, 1966, 1968, 1978; Shibatani & Bynon, 1995).

Tendo em vista que o tipo morfológico dessas línguas tende a ser aglutinante, no qual os afixos se anexam a bases de maneira linear e discreta, consideramos o morfema como a unidade mínima da morfologia. Diferente da abordagem morfema-e-processo, adotamos a o procedimento de análise conhecido como morfema-e-arranjo, tendo por base os princípios fundamentados em Aikhenvald (2007) e Bauer (1983, 2004).

Com referência específica à análise do sistema de prefixação, seguimos basicamente Blake (2004); Lakoff & Johnson (1980); Mithun (1997). Sobre a reduplicação, adotamos Bhat (1999); Kajitani (2005); Rubino (2005). E com relação às construções compostas, usamos Bauer (2009); Bhat (1994); Lakoff & Johnson (1980); Lieber & Štekauer (2009). Ao final do texto, relacionamos e comparamos o resultado da análise entre estes tipos de formação de palavras.

1.3.1 Materiais usados na pesquisa

Tendo em vista os objetivos gerais e específicos apresentados (1), a princípio os dados para este estudo provêm de oito teses. Esses trabalhos correspondem às descrições realizadas por pesquisadores de centros de pesquisas do Brasil e de países como a França e os Estados Unidos. Os trabalhos são os que se seguem: Zariquiey (2011)¹³ – **Kashibo-Kakataibo**; Aguiar (1994a) – **Katukina**; Camargo (1991) – **Kaxinawa**; Ferreira (2005) – **Matis**; Fleck (2003) – **Matsés**; Cândido (2004) – **Shanenawa**; Valenzuela (2003) – **Shipibo-Konibo**; e Paula (2004) – **Yawanawa**.

¹³ Neste trabalho, a transcrição ortográfica presente nos dados dos trabalhos de Zariquiey (2011), Fleck (2003) e Valenzuela (2003) foi adaptada para a fonológica correspondente, apresentada nos respectivos capítulos sobre a fonologia da língua. A transcrição dos segmentos consonantais e vocálicos segue a convenção da Associação Internacional de Fonética com o uso do *International Phonetic Alphabet* (IPA).

A partir da seleção dessas teses, dados provindos de outros tipos de publicação foram adicionados à análise. A respeito das publicações das demais línguas Pano, outros trabalhos como artigos científicos, dicionários e listas de palavras, também foram acrescentados. Os critérios fundamentais para a escolha dessas teses correspondem à distribuição das línguas nas principais classificações filogenéticas, a disponibilidade de dados em cada trabalho, e à seleção de publicações mais recentes.

Sobre a prefixação, servimo-nos de Montag (1979) – **Kaxinawa**; Fleck (2006) – **Matsés**; Ribeiro & Cândido (2008) – **Shanenawa**; Faust (1990); Lorient et. alli, (1993) – **Shipibo-Konibo**. A respeito dos trabalhos com outras línguas Pano utilizamos Hyde (1980) – **Amawaka**; Prost (1956; 1962) – **Chakobo**; H. Loos & E. Loos (1973) – **Kapanawa**; Scott (2004) – **Sharanawa**; Faust & Loos (2002) – **Yaminawa**. Com referência à sufixação (AUG/DIM), complementamos com Camargo (1997) – **Kaxinawa**. Para a reduplicação, Faust & Loos (2002) – **Yaminawa**. E a respeito da composição, Camargo (1997), Montag (1979) – **Kaxinawa**; Valenzuela (1998) – **Shipibo-Konibo**.

1.3.2 Análise teórica dos dados

Em termos gerais, a morfologia é entendida como o estudo da estrutura interna (morfemas presos e livres – unidades mínimas) das palavras (unidade máxima), e se divide em derivacional e flexional (Bauer, 1983). A primeira é geralmente definida em operações que modificam classes lexicais, e as que modificam (intensificam, adicionam etc.) significados lexicais (Aikhvenvald, 2007). Basicamente, construções derivacionais não são condicionadas por um contexto sintático específico.

A morfologia flexional divide-se em ‘inerente’ e ‘contextual’. A primeira é análoga à derivacional, quanto a não depender de uma estrutura sintática específica; como o aspecto, o número etc. Na contextual, relevante à sintaxe (ou seja, no domínio da morfossintaxe), essas categorias são determinadas pela função sintática da palavra; a exemplo da marcação de caso nuclear, a concordância etc. (Bauer, 2004).

A respeito da terminologia dos elementos morfológicos, consideramos que a raiz corresponde a parte do item lexical desconstituído de todos os afixos derivacionais e flexionais. O radical (ou tema) corresponde a uma base que recebe afixos flexionais. Nesses termos, em alguns contextos estruturais, o termo radical (bases não afixadas por afixos flexionais) implica uma raiz (bases não afixadas por afixos derivacionais).

Com referência à base, ela é entendida como toda unidade linguística (raiz e/ou radical) que recebe um (ou mais) afixo com significado lexical ou gramatical. O lexema corresponde a raiz e ao radical. E sobre a palavra (morfofossintática), todo item geralmente anexado por afixos derivacionais e/ou flexionais, já estruturado na cadeia discursiva (Bauer, 2004).

A partir dos trabalhos supracitados, beneficiamo-nos com uma profusão de exemplos destas obras. Nas próximas seções, o texto se organiza como segue. A descrição e análise dos dados obtidos a partir dos trabalhos arrolados em 1.3.1 são apresentadas nos próximos capítulos; o tipo de formação de palavras por prefixação e sufixação (2), seguido da reduplicação e composição (3), e logo após, a conclusão (4).¹⁴

¹⁴ A partir da seguinte seção, os exemplos são apresentados em um sistema numérico linear. Os dados apresentados nas subseções sobre os aspectos dos processos de formação de palavras (2.1.3; 3.1.3; 3.2.3) equivalem aos exemplos apresentados nas descrições (subseções) prévias correspondentes.

2 O SISTEMA DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR AFIXAÇÃO

2.1 Prefixação

Dentre as oito línguas selecionadas para este estudo, a prefixação é descrita em sete delas; **Kat**,¹⁵ **Kak**, **Kax**, **Mis**, **Mes**, **Sha** e **Shi**. Idiomas como o Amawaka (Ama), Chakobo (Chk), Chankueshbo (Chn), Kapanawa (Kap), Kulina (Kul), Sharanawa (Sar) e o Yaminawa (Yam) também possuem trabalhos que registram a ocorrência de prefixos.¹⁶ Esses prefixos são anexados a bases verbais para com elas formar verbos ou, de maneira mais restrita, a bases nominais e adjetivais para formar nomes ou adjetivos.

Em todas as línguas selecionadas, com exceção dos idiomas Kat e Yaw, há um conjunto de prefixos referentes a partes do corpo (PC), os quais codificam uma orientação locativa. E em número mais restrito, os idiomas Kax, Mis e Mes apresentam um tipo de prefixo referente a conceitos aspectuais que modificam o significado da base.¹⁷ De forma geral, os prefixos são combinados por aglutinação e funcionam como modificadores de um significado potencial.

A função básica dos prefixos PC é prover uma orientação locativa. Em específico, os falantes codificam dois tipos de orientação; concreta, e em Mis e Mes também abstrata. Quando a referência do prefixo é uma parte específica do corpo humano, a orientação é literal. Quando o significado é estendido para (partes de) entidades da natureza, objetos inanimados, e a relações espaciais abstratas que em algumas línguas também são expressas por posposições, ela é metafórica.

Formalmente, esses morfemas são monossilábicos. Os prefixos aspectuais apresentam a estrutura silábica (CVC-).¹⁸ Os prefixos PC, em seu maior número, compõem-se da estrutura (CV-) e alguns (CVC-), e seu significado corresponde ao codificado por nomes plenos. De maneira similar, grande parte da forma dos segmentos dessa estrutura corresponde à forma desses nomes. A tabela seguinte contém uma lista dos prefixos PC, seus nomes correspondentes e seus significados:¹⁹

¹⁵ (cf. 2.1.3.2).

¹⁶ Amawaka (Hyde, 1980, p. 146-147); Chákobo (Prost, 1956 - lista; 1962, p. 113); Chankueshbo (Fleck, 2012); Kapanawa (Loos H. & Loos E., 1973, p. 97-100); Kulina (Fleck, 2012); Sharanawa (Scott, 2004, p. 149); Yaminawa (d'Ans, 1932 - lista; Faust & Loos, 2002, p. 176).

¹⁷ (leve/breve/falso/brando/incorreto/rapidamente/pela metade, com pouca vontade).

¹⁸ Somente em Kaxinawa (Montag, 2004, p. 109), esses prefixos apresentam a estrutura (CV-).

¹⁹ A tabela seguinte contém a maior parte dos prefixos PC que ocorrem nos exemplos providos dos trabalhos selecionados, apresentados em (2.1.1). Para uma lista com os demais prefixos PC, conferir ANEXO I.

Tabela 3. Lista dos prefixos PC e das raízes nominais correspondentes - seus significados literal básico e metafórico

	KAK	KAX	MIS	MES	SHA	SHI
1	{an-} ana 'língua'	{han-} hana 'língua'	{an-} ana 'boca/língua' 'pt. int.'	{an-} ana 'boca' 'pt. int.'	{a-} ana 'língua'	{han-} hana 'boca/língua'
2	{βi-} βiru 'rosto'	{bi-} bidu,bisu 'olho'	{bi-} bidu,bitante 'olho'	{bi-} bitantete 'rosto'	{fi-} firu 'olho'	{βi-} βinaman 'rosto'
3	{βu-} ? 'cabelo'	{bu-} bu 'cabelo'	---	---	{fu-} fu 'cabelo'	{βo-} boo 'cabelo'
4	{ra-} nami 'corpo'	{da-} yuda 'corpo'	{da-} dada 'corpo'	{da-} dada 'corpo' 'pt. ext.'	---	{ɟa-} yoɟa 'corpo'
5	{ran-} ranβuβu 'joelho'	---	{dan-} danbudu 'joelho'	{dan-} daniβ 'joelho'	---	{ɟan-} ɟantonko 'joelho'
6	{ri-} rikin 'nariz'	{di-} dikin 'nariz'	{di-} diβan 'nariz'	{di-} dibiate 'nariz' 'pt. ant.'	{pi-} pikin 'nariz'	{ɟi-} ɟikin 'nariz'
7	{in-} ina 'pênis'	---	{in-} ina/βui 'rabo/pênis'	{in-} inkuenta 'pênis'	---	{hin-} hina 'pênis'
8	{ka-} kaβu 'costas'	{ka-} kate 'costas'	{ka-} kaβuku 'costas'	{ka-} kaβo 'costas' 'pt. post.'	---	{ka-} kaβo 'coluna'
9	{k ^w i-} k ^w ipa 'lábios'	{ki-} kibiβi 'lábios'	{ik-} ikβak 'lábios'	{ik-} ikbid 'lábios' 'pt. red.'	{ki-} kiβa 'lábios'	{ki-} kiβa 'lábios'
10	{k ^w i-} k ^w iβi 'boca'	{kiβ-} kiβa 'boca'	{kui-} kuitonko 'queixo'	{kui-} kiate 'queixo'	---	{ko-} koi 'queixo'
11	---	---	---	{kuis-} kuitβiβa 'coxa'	---	{ki-} kiβi 'coxa'
12	{ma-} maβká 'cabeça'	{ma-} mapu 'cabeça'	{ma-} maβo 'cabeça'	{ma-} mapi 'cabeça' 'pt. sup.'	{ma-} mapu 'cabeça'	{ma-} mapo 'cabeça'
13	{mi-} mikin 'mão'	{mi-} mikin 'mão'	{mi-} mikin/mitidek 'mão'	{mi-} mipu 'mão'	{mi-} mifi 'mão'	{mi-} mikin 'mão'
14	---	---	{mik-} mikin kaβuku 'costela'	---	---	{pi-} piβi 'costela'
15	{pi-} pik ^w i 'ombro'	---	---	---	---	{pi-} piká 'costas'/'ombro' (?)
16	{ta-} tai 'pé'	---	{ta-} tai 'pé'	{ta-} tai 'pé' 'pt. inf.'	---	{ta-} tai 'pé'
17	{tan-} tamu 'bochecha'	---	{tan-} tanpeβ 'bochecha'	{tan-} tanβuku 'bochecha'	---	{tan-} tamo 'bochecha'
18	---	---	---	---	---	{tβa-} ? 'duas pernas'
19	{ti-} tiβá 'pescoço'	{ti-} tiβu 'pescoço'	{ti-} titun, teos 'pescoço'	{ti-} tinidte 'pescoço' 'pt. sup.'	{ti-} tiβu 'pescoço'	{ti-} tiβo 'pescoço'
20	{tsi-} tβiβu 'nádegas'	---	{tsi-} tsitsu 'nádegas'	{tsi-} tsitsu 'nádegas'	{tβi-} tβimanβin 'nádegas'	{tsi-}/tβi- tβiβo 'nádegas'

pt. int. = parte interna; pt. ext. = parte externa; pt. ant. = parte anterior; pt. red. = parte redonda; pt. post. = parte posterior; pt. sup. = parte superior.
 Fleck (2003, p. 267) apresenta os seguintes nomes para o Matis: (5) *danbidu* 'joelho'; (9) *kafoko* 'costas'.

Os prefixos que possuem mais de um nome correspondente codificam significados mais gerais, enquanto os nomes plenos, noções mais específicas. Por exemplo, cada nome na tabela 4 abaixo corresponde especificamente ao significado apresentado à sua direita. Conforme Zariquiey (2011, p. 201), em Kashibo-Kakataibo, o primeiro significado dos prefixos pode ser interpretado como o mais geral, ou mais comum e preferido pelos falantes:

Tabela 4. Prefixos {(h)an-} e {(β)/bi-}, nomes correspondentes analisáveis e seus significados

KAK		MES		SHI				
{an-}	ana	boca/língua	{an-}	ana	boca/língua	{han-}	hana	boca/língua
	mañanta	palato		anmaiş	fenda escama		---	---
	namì	cavidade		anşantuk	perau		---	---
	kini	buraco longo		---	cavidade		---	---
{βi-}	βimanan	rosto/olho	{bi-}	bitantete	rosto/testa	{bi-}	βimanan	rosto
	βiru	olho		işi	olho		βiru	olho
	βişku	sobrancelha		bişni	sobrancelha		bişni	sobrancelha
	βiun	lágrima		biun	lágrima		biun	lágrima

Fonte: Fleck (2012).

A seguir, descrevemos os prefixos PC que ocorrem em bases verbais nas línguas Kak, Kax, Mis, Mes, Sha e Shi; nominais em Kak, Mis, Mes e Shi; e adjetivais em Kak, Mis, Mes e Shi (2.1.1). Logo após, os prefixos aspectuais, em bases verbais em Mis e Mes; e nominais e adjetivais em Matsés (2.1.2). Em seguida, caracterizamos o sistema de prefixação em relação à sua condição sincrônico-diacrônica (2.1.3.1), às funções locativa, instrumental e aspectual (2.1.3.2), e como ao seu significado metafórico (2.1.3.3).

2.1.1 Prefixos parte-do-corpo (PC)

2.1.1.1 Verbal

O Kashibo-Kakataibo possui um conjunto de 30 prefixos do tipo PC.²⁰ Esses prefixos codificam um significado locativo:

²⁰ Em Kak, Mes e Shi, há ocorrências de reduplicação envolvendo prefixos PC, conforme seção (3.1.3.3).

- (b) **da-daiʃ** ‘corpo-mastigar’
 kuite **da-daiʃ-tsik-kid** madu-n sipi-n
 árvore PRPC-mastigar-DIM-HAB pequeno-GEN macaco-ERG
 ‘os macacos pequenos mastigam a parte externa (tronco) das árvores’
 (Fleck, 2003, p. 342)

Em sentido literal, esses prefixos se anexam a diversas bases verbais como em **tinidte** – ‘pescoço’ [**ti-usud**] [PRPC-estar.fundo] ‘estar/ficar (*tion* ‘laringe’) no fundo do pescoço’ (Fleck, 2003, p. 342). Segundo este autor, alguns verbos ocorrem mais frequentemente anexados aos prefixos PC. Como exemplo, temos o uso da raiz *pan* ‘lavar’ que quando recebe {**mi-**} ‘mão’ forma a palavra *mipan* ‘lavar a mão’; quando {**da-**} ‘corpo’ forma *dapan* ‘lavar todo o corpo/parte externa’, e quando {**an-**} ‘boca’ forma *anpan* ‘lavar a boca/parte interna’ (Fleck, 2003, p. 343).

Os dois últimos verbos, *dapan* e *anpan*, são formados com a extensão do sentido codificado pelo prefixo. Os exemplos seguintes apresentam o significado metafórico desses prefixos em uma orientação sobre a construção de uma canoa: **katʃo** – ‘costas’ [**ka-tadid**] [PRPC-cortar] ‘cortar a parte posterior de’; **ana** – ‘boca’ [**an-fui**] [PRPC-esquentar] ‘esquentar a parte interna de’; **dada** – ‘corpo’ [**da-tadid**] [PRPC-cortar] ‘cortar as partes externas de’ (Fleck, 2003, p. 343).

Em Shanenawa, o sistema de prefixação verbal é constituído por 13 morfemas referentes às partes do corpo:

- (6) **mi-tʃuka** ‘mão-lavar’
 PRPC-lavar
 ‘lavar a mão’ (Cândido, 2004, p. 159)

Nesta língua, os prefixos PC codificam somente a função literal. Assim como na língua matsés, eles ocorrem em diversas bases verbais, como os seguintes exemplos: **puku** – ‘barriga’ [**pu-ʃati**] [PREF-cortar] ‘cortar a barriga’; **mapu** – ‘cabeça’ [**ma-kuʃa**] [PREF-bater] ‘bater a cabeça’ (Cândido, 2004, p. 159).

O Shipibo-Konibo apresenta um conjunto de 30 prefixos do tipo PC. Outros trabalhos que registram a ocorrência de prefixos PC verbais nesta língua correspondem a Faust (1990, p. 144), e Lorient et. alli (1993, p. 64). Assim como em Mis e Mes, a afixação desses prefixos codifica uma função literal ou metafórica:

(7) (a) **βi-otit** ‘olho-ter.um.tique’
 i-a-ɣa **βi-otit-ai**
 1-ABS-EV PRPC-ter.um.tique-INC
 ‘eu tenho um tique no olho’ (Valenzuela, 2003, p. 355)

(b) **ki-ski** ‘boca-colocar.líquido’
 mi-ki ainbo sinat-ai-tian mi-n hawen tʃitonti
 2-DAT mulher.ABS ficar.nervoso-SE-DS 2-ERG 3.GEN pampanilla
 ʃeni-n **ki-ski-nan-a** ha ainbo
 gordura-INS PRPC-colocar.líquido-MAL-PO>S/A que mulher.ABS
 tsini-ti ka-[a]i
 tornar-se.promíscuo-INF ir-INC
 ‘se uma mulher ficar nervosa com você, você coloca gordura (de golfinho do rio) na borda da *pampanilla*²¹ dela, e então ela vai começar a ter relação sexual com qualquer homem’ (Valenzuela, 2003, p. 357)

Outros exemplos de prefixos verbais PC em Shipibo-Konibo com função literal são: **ʃita** – ‘dente’ [**ʃi-ɣabin**] [PRPC-ter.vergonha] ‘ter vergonha dos dentes’ (Valenzuela, 2003, p. 356); **taí** – ‘pé’ [**ta-nini**] [PRPC-puxar] ‘puxar pelo pé’ (Valenzuela, 2003, p. 255).

Conforme Valenzuela (2003, p. 354), não há um critério básico para distinguir as bases verbais que recebem os prefixos PC das que não recebem. Contudo, esses prefixos se anexam a verbos que possuem um conjunto de traços semânticos, como ‘estado’, ‘posição’, ‘movimento’. Esses traços estão presentes tanto em exemplos da língua shipibo-konibo quanto das demais descritas acima.

Em Shipibo-Konibo, há um prefixo PC que funciona como base, e alguns que ocorrem em combinação de dois em um mesmo verbo, ou sem uma raiz verbal (Valenzuela, 2003, p. 360-361). Em (8:a) o prefixo {**mi-**}, correspondente ao verbo *mi/mikin* ‘mão’, ocorre em função da base verbal *mi* ‘pegar/tocar’, a qual recebe sufixos de modo e tempo. Dois prefixos PC podem se anexar a uma mesma raiz verbal (8:b), ou mesmo ocorrerem desconstituídos de um verbo (8:c):

²¹ Cobertura de folhagem similar à saia, usada pelos índios para cobrir a nudez.

- (8) (a) kinan-a pekao moa hakiꞑibi moa semana
vômito-PTCP2 depois já novamente já semana
- pia **mi**-yama[-a] pikao no-a ka-ꞑiꞑa-a iki
flecha.ABS mão-NEG-PTCP2 depois 1P-ABS ir-REP-PTCP2 AUX
- ‘depois do vômito (causado pela ingestão de uma planta para se tornar um bom pescador/caçador) e então de não termos tocado em nenhuma flecha por uma semana, nós fomos (pescar) novamente’
- (Valenzuela, 2003, p. 362)

- (b) **ma-mi**-pas ‘cabeça-mão-passar’

ꞑima-mia-ꞑ ho-ꞑon-ꞑa papa-ꞑoko-n hawin
Lima-LOC.ABL-SE vir-PSSA-EV pai-DIM-ERG 3.GEN

baba-bo **ma-mi**-pas-ki
neto-PL.ABS PRPC-PRPC-passar-CMPL

‘retornando de Lima, o avô deu um ‘tapinha’ na cabeça de seus netos’

- (c) **pi-tꞑi**- ‘costas-nádega’

ha-ꞑa **pi-tꞑi**-ki
3.ABS-EV PRPC-PRPC-CMPL

‘ele está virando de costas para alguém’ (Valenzuela, 2003, p. 361)

Segundo Valenzuela (2003, p. 357), apesar de incomum, assim como na língua kashibo-kakataibo, há casos em que um verbo prefixado é antecedido pelo nome correspondente ao prefixo (PC). Esta base nominal recebe o sufixo locativo {-nko}:

- (9) **hi**-natiꞑ ‘rabo-morder’

nokon otꞑiti-ꞑa hawin **hina**-nko **hi**-natiꞑ-ki
1.GEN cachorro-EV 3.GEN rabo-LOC PRPC-morder-CMPL

‘meu cachorro morde o próprio rabo’ (Valenzuela, 2003, p. 357)

Nesta língua, algumas bases verbais, e também adjetivais (cf. 2.1.1.3), reduzem a sua forma quando prefixadas. Esta redução ocorre nas seguintes raízes verbais: *ꞑati* ‘cortar’, prefixada por {-no-} ‘abdômen’, reduz para -*ꞑti*, formando *noꞑti* ‘cortar o abdômen’ (Valenzuela, 2003, p. 142); e *niꞑa* ‘amarrar’, quando prefixada por {-ta-} ‘pé’, reduz para -*niꞑ*, formando *taniꞑ* ‘amarrar o pé’ (Valenzuela, 2003, p. 356).

A respeito da valência verbal, de acordo com Valenzuela (2003, p. 359), em Shipibo-Konibo geralmente os prefixos não mudam a valência dos verbos, contudo em

um caso específico, ocorre a mudança de valência causada pela prefixação. O exemplo abaixo apresenta a raiz intransitiva *ik* ‘colocar, fazer’ que se torna transitiva quando recebe o prefixo {**ma-**} ‘cabeça’ (colocar algo na cabeça). A transitividade é indicada pela marca de ergatividade no argumento externo:

- (10) **ma-i** ‘cabeça-fazer’
- | | | | |
|-------|--------|------------------------|-------|
| i-n | panyon | ma-i-ke-tian-ja | i-a |
| 1-ERG | lenço | PRPC-fazer-P-DS-EV | 1-ABS |
- honi-baon osan-ki
 pessoa-PL.ERG sorrir-CMPL
- ‘as pessoas riram de mim, quando eu coloquei o lenço na cabeça’
- (Valenzuela, 2003, p. 359)

2.1.1.2 Nominal

As línguas Kak, Mis, Mes e Shi apresentam um sistema de prefixação de base nominal constituído por prefixos PC. Em Kashibo-Kakataibo, conforme Zariquiey (2011, p. 204), esses prefixos se anexam basicamente a termos com os seguintes significados: ‘pele’; ‘cabelo’; ‘carne’, e codificam uma função locativa:

- (11) **ti-şaka** ‘pescoço-pele’
- | | | | | |
|--------------|------------|-----------|----------------|-------------|
| kiki-ia | kaisa | kapi | ti-şaka | mira-aş |
| atirar-S/A>O | NAR.REP.3P | crocodilo | PRPC-pele | achar-S/A>S |
- ‘dizem que, quando (o homem) atirou mirando a pele do pescoço do crocodilo’
- (Zariquiey, 2011, p. 205)

Nesta língua, “Há muitos casos de lexicalização de nomes prefixados” (Zariquiey, 2011, p. 205). Por exemplo, os prefixos {**βi-**} ‘olho’ e {**ri-**} ‘nariz’ ocorrem em nomes como *βiun* ‘lágrimas’ e *riun* ‘coriza’, cujo material ‘-un’ não ocorre anexado a nenhum outro prefixo. Do mesmo modo com o elemento *-ni* ‘cabelo/pelo’; *nami* – ‘corpo’ [**rani**] ‘pelo do corpo’; *şabi* – ‘virilha’ [**şani**] ‘pelo pubiano feminino’; *k^wiβi* – ‘boca’ [**k^wini**] ‘barba/bigode’.

Em Matis, os prefixos PC se anexam a bases nominais para codificar uma orientação locativa literal ou metafórica. Segundo este autor, “Em alguns casos é possível encontrar nomes com partes do corpo já lexicalizados.” (Ferreira, 2005, p. 76):

(12) (a) **kui-ƶakete** ‘queixo-pelo’
 PRPC-pelo
 ‘barba’

(b) **ta-kini** ‘pé-buraco’
 iwi **ta-kini**
 árvore PRPC-buraco
 ‘fundo do buraco da árvore’.

(Ferreira, 2005, p. 76)

O Matsés, da mesma forma que a língua matis, apresenta a prefixação nominal de prefixos PC, os quais codificam um significado literal ou metafórico. Com referência à prefixação nominal, Fleck (2003, p. 266) assinala que “[...] muitos dos exemplos [...] podem ser considerados termos lexicalizados.”²² Nesta língua, a raiz nominal com maior ocorrência com esses prefixos é *bu* ‘cabelo’ (Fleck, 2003, p. 268):

(13) (a) **ƶik-bu** ‘costela-cabelo’
 PRPC-cabelo
 ‘pêlo do peito’

(b) **an-kini** ‘boca-cercado’

aid	ƶapeƶ-bi	pisid	daidka-kid	tƶido-n	ƶubu
aquele	fronde-EMPH	tapete	trançar-HAB	mulher-ERG	casa

an-kini-ua-nun
 PRPC-cercado-vzr.fazer-PURP:S/A>A

‘as mulheres trançam aquelas mesmas frondas (em tapetes) para fazerem
 o cercado de dentro da casa’

(Fleck, 2003, p. 268)

Outros exemplos de prefixos PC anexados a *bu* ‘cabelo’ são: **kiate** – ‘queixo’ [**kui-bu**] [**PREF-cabelo**] ‘barba’; ? – ‘virilha’ [**ƶa-bu**] [**PREF-cabelo**] ‘pêlo pubiano’ (Fleck, 2003, p. 268). Esta construção, porém, não é restrita à raiz *bu* ‘cabelo’, pois ocorre prefixação metafórica em bases nominais como *ƶikui* ‘buraco’; **tai** – ‘pé’ [nisti **ta-ƶikui**] [palmeira **PREF-buraco**] ‘buraco na raiz da palmeira’ (Fleck, 2003, p. 268).

Em Shipibo-Konibo, segundo Valenzuela (2003, p. 208), o sistema de prefixação nominal é constituído por morfemas referentes às partes do corpo:

²² O original é o que se segue “[...] many os the examples I have could be considered lexicalized terms.”.

- (17) (a) **mi-uşu** ‘**mão-branco**’
 Roberto ka **mi-uşu** ?ikin
 Roberto NAR.3P PRPC-branco ser.3P
- (b) Roberto ka **mikin-nu** **mi-uşu** ?ikin
 Roberto NAR.3P mão-LOC PRPC-branco ser.3P
 ‘a mão do Roberto é branca’ (Zariquiey, 2011, p. 206)

Em Matis, assim como em Kak, o sistema de prefixação de adjetivos se restringe a bases adjetivais referentes a cores (Ferreira, 2005, p. 50). Em sua tese, este autor apresenta somente uma ocorrência desse tipo de prefixação:

- (18) **bi-şin** ‘**rosto-laranja**’
 tşoşe **bi-şin**
 macaco.prego PRPC-laranja
 ‘o macaco prego tem rosto laranja’ (Ferreira, 2005, p. 50)

Em Matsés, esses prefixos tem a função de indicar o local modificado pelo adjetivo (literal/metafórico):

- (19) **di-uisak** ‘**nariz-longo**’
 biui-n mapi **di-uisak-kio** ik-e-k
 tamanduá-GEN cabeça PRPC-longo-AUG ser-NPST-IND
 ‘o tamanduá tem o nariz longo’ (Fleck, 2005, p. 474)

Nesta língua, em uma sentença na qual ocorre a prefixação adjetival de morfemas PC, é possível coocorrer, precedendo o adjetivo formado, o nome pleno correspondente àquele prefixo:

- (20) **mi-miskin** ‘**antebraço-ossudo**’
 mikuest **mipu** ania-tsik-kio **mi-miksin-kio**
 paca **antebraço** pequeno-DIM-AUG PRPC-ossudo-AUG
 ik-kid mikuest ne-e-k
 ser-AGT.NMLZ paca ser-NPST-IND
 ‘a frente das pernas da paca é fina e ossuda’ (Fleck, 2005, p. 474)

Ademais, em uma sentença, o uso ou do prefixo ou do nome pleno não apresenta diferença semântica, porém, segundo Fleck (2003, p. 475), pode haver distinção em termos discursivos. A sentença abaixo apresenta a ‘palmeira’ como tópico, e a seguinte (21) especifica a própria ‘folha’ da palmeira como tópico:

- (21) (a) **pi-umu** ‘ombro-verde’
pi-umu-mbo ik-e-k
 PRPC-verde-AUG ser-NPST-IND
 ‘ela (palmeira) tem a cor verde nas folhas’ (Fleck, 2003, p. 475)
- (b) **aton podo umu-mbo ik-e-k**
 3GEN folha (palmeira) verde-AUG ser-NPST-IND
 ‘suas folhas são verdes’ (Fleck, 2003, p. 474)

Em Shipibo-Konibo, o sistema de prefixação adjetival é constituído por morfemas referentes às partes do corpo:

- (22) **βi-kejas** ‘rosto-sujo’
 PRPC-sujo
 ‘rosto sujo’ (Valenzuela, 2003, p. 142)

Nesta língua, assim como nos verbos, algumas bases adjetivais prefixadas pelos morfemas PC ocorrem em uma forma reduzida (Valenzuela, 2003, p. 142). A exemplo da raiz adjetival *bata* ‘doce’ > *ba*. Esta base reduzida, prefixada por {**ki-**} ‘boca’, produz a palavra *kiba* ‘gosto doce’. Da mesma maneira, o adjetivo *wiso* ‘preto’ > *wis*, prefixado por {**bi-**} ‘rosto’, produz *biwis* ‘rosto preto’.

O apagamento do material fonológico produz uma base constituída por uma sílaba. Como o exemplo apresentado, a raiz *bata* (CVCV) reduz para *ba* (CV). E *wiso* (CVCV), para *wis* (CVC). Conforme Valenzuela (2003, p. 105), em Shipibo-Konibo, a estrutura fonológica não permite que a coda silábica receba uma consoante plosiva /t/, a exemplo de **bat* (CVC). Ao passo que segmentos soantes, como /s/ e também /ʃ/, /ç/ e /n/, são permitidos, da maneira como ocorre em *wis*.

Assim como mencionamos anteriormente (2.1.1.1), nesta língua, algumas bases verbais também reduzem a sua forma quando prefixadas. A raiz verbal *šati* (CVCV) reduz para *šti* (CVC). E *niša* (CVCV), para *niš* (CVC). A respeito do processo *šati* > *šti*,

p. 86-87) e o Shanenawa (Ribeiro & Cândido, 2008b, p. 135), por exemplo, essas formas monossilábicas não ocorrem livremente na estrutura discursiva, e, portanto, não representam uma paráfrase do verbo formado.

Demais evidências fundamentam a existência de um sistema de prefixação. A existência de outro tipo de prefixo como {ni-} com os seguintes significados: ‘em água/fogo’ em Matsés (Fleck, 2003, p. 342); ‘água corrente’ em Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003, p. 206); ‘líquido’ em Kashibo-Kakataibo (Zariquiey, 2011, p. 202); e ‘líquido amniótico’ em Matis (Ferreira, 2005, p. 100). Em Shipibo-Konibo, Valenzuela (2003, p. 207) apresenta, no quadro de prefixos, o morfema {na-} ‘interior’.

A erosão fonética presente nas bases verbais (2.1.1.1) e adjetivais (2.1.1.3) apresenta indícios de que atualmente essas formas se comportam como afixos gramaticalizados. Além deste conjunto de prefixos referentes a partes do corpo, há também os que possuem a função aspectual de modificar o alcance temporal/espacial do significado da base. Eles ocorrem em verbos, nas línguas Mis e Mes, e, em especial, em nomes no Matsés, e em adjetivos em Kax e Mes:

Tabela 5. Lista dos prefixos não-PC

	Kax	Mis	Mes
Verbo	---	{paʃ-} ‘breve, rapidamente’	{paʃ-} ‘levemente’ {biʃ-} ‘pela metade’
Nome	---	---	{paʃ-} ‘quase’ {biʃ-} ‘falso’
Adjetivo	{bi-} ‘amenizador’	---	{biʃ-} ‘amenizador’

Outro indício de que se trata de uma prefixação é a semelhança formal entre a maior parte dos prefixos PC, e a diferença nas formas dos nomes, exceto na primeira sílaba. Dessa maneira, de acordo com Fleck (2012, p. 5), a maior parte dos prefixos pode ser reconstruída para o Proto-Pano, diferentemente dos nomes plenos correspondentes, pois apresentam maior variação formal:

Tabela 6. Comparação dos prefixos PC em oito línguas Pano

	Boca	Lábios	Nariz	Orelha	Cabeça	Mão	Pescoço
CHN	{an-} ana	{ik-} ikbid	{di-} dişan	{pa-} pabişan	{ma-} maşo	{mi-} midante	{ti-} tişo
KUL	{an-} ana	{ik-} ikşan	{di-} dişan	{pa-} pabişan	{ma-} maşo	{mi-} mişgate	{ti-} titun
MIS	{an-} ana	{ik-} ikşak	{di-} dişan	{pa-} papuşan	{ma-} maşo	{mi-} mikin	{ti-} titun
MES	{an-} ana	{ik-} ikbid	{di-} dibiate	{pa-} pabiate	{ma-} mapi	{mi-} mişu	{ti-} tinidte
KAK	{an-} ana	{k ^w i-} k ^w iβi	{ri-} rikin	{pa-} paβi	{ma-} maşká	{mi-} mikin	{ti-} tişá
KAX	{han-} hana	{ki-} kibitfi	{di-} dikin	{pa-} pabinki	{ma-} mapu	{mi-} mikin	{ti-} tifu
SHA	{a-} ana	{ki-} kişá	{pi-} pikin	{pa-} pahinki	{ma-} mapu	{mi-} mifi	{ti-} tişu
SHI	{han-} hana	{ki-} kişá	{ti-} tişin	{pa-} paβiki	{ma-} mapo	{mi-} mikin	{ti-} tişo

Neste quadro adicionamos as línguas Chn e Kul (Fleck, 2012). Nele, as quatro primeiras pertencem ao Ramo Mayoruna; e as demais, ao Ramo Principal da classificação de Fleck (op. cit.).

A respeito da interpretação desses prefixos PC, é possível identificar resquícios de uma composição, pois essas formas carregam significado próprio. No entanto, assumimos que, seguindo Fleck (2006) e Zariquiey & Fleck (2012), diacronicamente, essa construção corresponda a uma composição/incorporação, que sincronicamente caracteriza-se como uma prefixação. Além disso, assim como as formas aspectuais, esses prefixos em termos gerais também restringem o significado potencial da base.

Ademais, em Shipibo-Konibo, segundo Valenzuela (2003, p. 360), há um prefixo PC {**mi-**} que funciona como base, *mi*, para então receber sufixos que a torna uma raiz verbal (28:a). Além do mais, dois prefixos podem ocorrer em um mesmo verbo (28:b), ou mesmo sem uma raiz verbal (28:c):

- (28) (a) kinan-a pekao moa haki.ɽibi moa semana
vômito-PTCP2 depois já novamente já semana
- pia **mi-yama**[-a] pikao no-a ka-ɽiβa-a iki
flecha.ABS mão-NEG-PTCP2 depois 1P-ABS ir-REP-PTCP2 AUX
- ‘depois do vômito (causado pela ingestão de uma planta para se tornar um bom pescador/caçador) e então de não termos tocado em nenhuma flecha por uma semana, nós fomos (pescar) novamente’ (Valenzuela, 2003, p. 362)

- (b) **ma-mi-pas**

ɽima-mia-ş ho-şon-ɽa papa-foko-n hawin
Lima-LOC.ABL-SE vir-PSSA-EV pai-DIM-ERG 3.GEN

baba-bo **ma-mi-pas-ki**
neto-PL.ABS PRPC-PRPC-passar-CMPL

‘retornando de Lima, o avô deu um ‘tapinha’ na cabeça de seus netos’

- (c) **pit-ji-**
 ha-ɟa **pi-tji-ki**²⁴
 3.ABS-EV PRPC-PRPC-CMPL
 ‘ele está virado de costas para alguém’ (Valenzuela, 2003, p. 361)

Em Shipibo-Konibo, com mecanismo análogo à função verbal, contudo de modo mais restrito, esses prefixos podem funcionar também como bases nominais e receberem sufixos marcadores de privação (29). Conforme Valenzuela (2003, p. 167; 208), a anexação desses sufixos a essas bases formam itens adjetivais:

- (29) **tja-nto**
 duas.pernas-PRIV
 ‘inabilitado para o uso normal das duas pernas’
 (Valenzuela, 2003, p. 208)

Em Kak (30) e Shi (32) há coocorrência de prefixação verbal antecedido pelas formas nominais livres correspondentes aos prefixos. Em Kashibo-Kakataibo, conforme mencionamos em (2.1.1.1), esses nomes codificam uma referência mais específica, (30:a) - (30:b), no entanto, quando há somente um nome correspondente ao prefixo, não ocorre necessariamente esta especificação (30:c):

- (30) (a) ain **βimanan**-nu ka **βi-taška?**
 3.GEN testa-LOC NAR PRPC-bater.IMP
 ‘no olho/face, bata na testa dele!’
- (b) ain **βiru**-nu ka **βi-taška?**
 3.GEN olho-LOC NAR PRPC-bater.IMP
 ‘no olho/face, bata no olho dele!’
- (c) ain **βanβušu**-nu ka **βan-βaɟka?**
 3.GEN cotovelo-LOC NAR PRPC-bater.IMP
 ‘no cotovelo, bata no cotovelo dele!’ (Zariquiey, 2011, p. 209)

²⁴ A tradução desta sentença apresentada por Valenzuela (2003, p. 361) é a que se segue: “*He is turning his back on someone*”. Conforme a autora, a sentença em questão caracteriza-se como monovalente. Ademais, ela corresponde a um sintagma nominal, podendo ser traduzido como; “ele (está) de costas”.

Nesta língua, há uma coocorrência deste tipo de prefixação envolvendo bases adjetivais, conforme o exemplo a seguir:

- (31) (a) **mi-uşu**
 Roberto ka **mi-uşu** ?ikin
 Rober.ABS NAR.3P mão-branco ser.3P
- (b) Roberto ka **mikin-nu** **mi-uşu** ?ikin
 Rober.ABS NAR.3P mão-LOC PRPC-branco ser.3P
 ‘Roberto tem a mão branca’/‘A mão do Roberto é branca’
 (Zariquiey, 2011, p. 206)

Em Shipibo-Konibo, assim como mencionamos, há coocorrência de prefixação verbal com o morfema nominal livre correspondente ao prefixo:

- (32) **hi-natiş**
 nokon otʃiti-ja hawin **hina-nko**
 1.GEN cachorro-EV 3.GEN rabo-LOC
hi-natiş-ki
 PRPC-morder-CMPL
 ‘meu cachorro morde o próprio rabo’ (Valenzuela, 2003, p. 357)

O Matsés, à maneira da prefixação adjetival na língua kashibo-kakataibo, apresenta coocorrência de prefixos PC anexados a bases adjetivais com seus nomes correspondentes:

- (33) **mi-miskin**
 mikuest **mipu** ania-tsik-kio **mi-miksin-kio**
 paca **antebraço** pequeno-DIM-AUG PRPC-ossudo-AUG
 ik-kid mikuest ne-e-k
 ser-AGT.NMLZ paca ser-NPST-IND
 ‘a paca é aquele que tem a frente das pernas fina e ossuda’
 (Fleck, 2005, p. 474)

Ademais, se o que temos hoje é um conjunto de prefixos PC e suas formas correspondentes, é provável que esses prefixos tenham sido derivados ou por alomorfa de nomes polissilábicos (como os atuais), ou mesmo de nomes monossilábicos livres que então derivaram os nomes polissilábicos de atualmente (Zariquiey & Fleck, 2012).

- (38) **βui-fakete** ‘queixo-pelo’
queixo.LOC-pelo
‘barba’ (Ferreira, 2005, p. 76)
- (39) **βik-bu** ‘peito-cabelo’
cabelo.LOC-cabelo
‘pêlo do peito’ (Fleck, 2003, p. 268)
- (40) **βi-tonko** ‘rosto-inchaço/mancha’
rosto.LOC-inchaço/mancha
‘inchaço/mancha no rosto’ (Valenzuela, 2003, p. 208)
- (41) **bi-βin** ‘rosto-laranja’
tʃoʃe **bi-βin**
macaco.prego rosto.LOC-laranja
‘o macaco prego tem rosto laranja’ (Ferreira, 2005, p. 50)
- (42) **di-uisak** ‘nariz-longo’
biui-n mapi **di-uisak-kio** ik-e-k
tamanduá-GEN cabeça nariz.LOC-longo-AUG ser-NPST-IND
‘a cabeça do tamanduá tem o nariz longo’ (Fleck, 2005, p. 474)
- (43) **βi-ke.ɾas** ‘rosto-sujo’
rosto.LOC-sujo
‘rosto sujo’ (Valenzuela, 2003, p. 142)

A função básica da afixação desses prefixos em N e Adj e principalmente em verbos é indicar uma referência locativa, ou seja, operar um papel semântico locativo, diferente de casos sintáticos que codificam as funções gramaticais de um termo central como S, A e P/O (Blake, 2004, p. 118). Desse modo, o significado desses prefixos apresenta propriedades de marcação de um caso locativo; referência espacial que expressa uma parte referente ao corpo pertencente a um dos participantes.

Além do mais, em Shipibo-Konibo, dois prefixos parte-do-corpo podem ocorrer em uma mesma raiz verbal. O prefixo mais próximo da raiz, {**mi-**}, codifica uma função instrumental, ‘com a mão’ (objeto/instrumento com o qual uma ação é realizada (Blake, 2004, p. 154)), enquanto o mais distante, {**ma-**}, uma função locativa, ‘na cabeça’, conforme exemplo abaixo:

- (44) **ma-mi-pas** ‘cabeça-mão-passar’
 ðima-mia-ŝ ho-ŝon-ja papa-ŝoko-n hawin
 Lima-LOC.ABL-SE vir-PSSA-EV pai-DIM-ERG 3.GEN
 baba-bo **ma-mi-pas-ki**
 neto-PL.ABS cabeça.LOC-mão.LOC-passar-CMPL
 ‘retornando de Lima, o avô deu um ‘tapinha’ (com a mão) na cabeça de seus netos’ (Valenzuela, 2003, p. 361)

De maneira análoga, segundo Zariquiey (2011, p. 208), o Kashibo-Kakataibo apresenta alguns casos que parecem codificar uma função instrumental como: **mikin** – ‘mão’ [**mi**-iti] [PRPC-fazer] ‘fazer algo com a mão’.

Uma característica da afixação dos prefixos aspectuais é o fato de desempenharem propriedades semânticas específicas dependendo da classe lexical da base a qual se anexam (Fleck, 2006, p. 72). Esses prefixos, quando ocorrem em uma base verbal, funcionam como um modificador adverbial em Mis (45) e Mes (46:a-b):

- (45) **paŝ-ed** ‘rapidamente-entrar’
 ðibi **paŝ-ed-ek** ed-a-k
 I.ABS PREF.INC-entrar-SIMULT.A/S>S entrar-PST.REC-DECL
 ‘eu entrei, e entrei rapidamente’ (Ferreira, 2005, p. 158)

- (46) (a) **paŝ-se-o-ŝ** ‘levemente-furar’
 PREF.INC-furar-PST-3
 ‘ele o furou levemente’
- (b) **bif-did-Ø** ‘pela.metade-cortar’
 PREF.INC-cortar-IMP
 ‘corte isso pela metade’ (Fleck, 2003, p. 345)

Em bases nominais e adjetivais, em especial, esses prefixos codificam propriedades, assim como nos verbos, também de um modificador, porém, adjetival, como em bases nominais do Matsés (47:a-b). Quando anexado em adjetivos (termos referentes a cores), a exemplo das línguas Kax {**bi**-} e Mes {**bif**-}, eles modificam (atenuam) o alcance do significado da raiz, como em (48) e (49):

- (47) (a) **paŝ-kaniwa** ‘menos-cunhado.mais.novo’
 kun **paŝ-kaniwa** ne-e-k
 I.GEN PREF.INC-cunhado.mais.novo ser-NPST-IND
 ‘ele é meu “quase” cunhado mais novo’

- (b) **bif**-edmanu ‘menos-cristão’
bif-edmanu ne-e-k
 PREF.INC-cristão ser-NPST-IND
 ‘ele é um falso cristão’ (carrega uma bíblia, mas não segue seus princípios)
 (Fleck, 2003, p. 269)
- (48) **bi**-míf ‘menos-preto’
 PREF.INC-preto
 ‘cinza’
 (Montag, 2004, p. 109)
- (49) **bif**-piu ‘menos-vermelho’
 PREF.INC-vermelho
 ‘amarelo/rosa’
 (Fleck, 2003, p. 475)

O Katukina possui um conjunto de prefixos (CV(C)) cuja função (restritivo) assemelha-se aos prefixos aspectuais em questão. Apensar dessa semelhança, esses morfemas apresentam grande variação em sua forma, a exemplo de {**ta-**} *kara* ‘ave do mato’ > *takara* ‘galinha’; {**pa-**} *kuma* ‘inhambu’ > *pakuma* ‘inhambu galinha’; {**wi-**} *mani* ‘banana’ > *wimani* ‘banana nanica’; {**tjan-**} *piftfa* ‘pequeno’ > *tjanpiftfan* ‘mais que pequeno’ (Aguiar, 1994, p. 97-98).²⁵

Em Matsés, este prefixo ocorre apenas com duas bases adjetivais referentes a cor; as raízes *piu* ‘vermelho’, e *tanun* ‘cinza’; [**bif**-tanun] ‘cinza claro’ ‘lit. menos cinza’. Devido à falta de produtividade deste prefixo, conforme Fleck (2003, p. 475), as palavras formadas são consideradas lexicalizadas. Ainda que, segundo este autor, não há evidências de lexicalização como alteração fonológica e imprevisão semântica.

A baixa produtividade do prefixo {**bif-**} pode estar associada a sua função de codificar uma gradação de uma cor específica. De acordo com Fleck (2003, p. 475), o termo ‘*bifpiu*’ é associado ao ‘amarelo’, e casualmente a tonalidades fracas do ‘rosa’. Neste sentido, é provável que este prefixo seja usado pelos falantes para indicar uma tonalidade mais fraca de uma mesma cor, e não necessariamente uma nova cor (cf. Ribeiro & Cândido, 2008a).

Esses prefixos possuem uma função aspectual, pois indicam uma ação verbal realizada de maneira efêmera ou uma condição incompleta. Em Matsés, eles são usados

²⁵ Devido a sua variação formal aparente (superfície), esses prefixos se diferenciam dos demais das línguas Pano, e apresentam relevantes aspectos fonológicos a serem trabalhados em estudos deste nível linguístico.

desses prefixos em bases nominais possui a função geral de indicar orientações locativas entre um item nuclear e seu complemento:

- (53) **ta-kini** ‘‘parte.inferior’-buraco’
 iwi **ta-kini**
 árvore pé.LOC-buraco
 ‘fundo do buraco da árvore’. (Ferreira, 2005, p. 76)

- (54) **an-kini** ‘‘parte.interna’-cercado’
 aid fapef-bipisid daid ka-kid tʃido-n fubu
 aquele fronde-EMPH tapete trançar-HAB mulher-ERG casa
an-kini-ua-nun
 boca.LOC-cercado-vzr.fazer-PURP:S/A>A
 ‘as mulheres trançam aquelas mesmas frondas (em tapetes) para fazerem o
 cercado de dentro da casa’ (Fleck, 2003, p. 268)

Em verbos e de modo mais restrito em nomes, os prefixos PC codificam orientações locativas menos específicas e mais abstratas. Nesse sentido, é provável que a função locativa tenha se abstraído em termos semânticos, e com isso, lexicalmente se estendeu a outras classes como o nome.

A referência desses prefixos tende a expandir da base para outros termos do sintagma. Isto ocorre sobretudo em verbos transitivos devido a sua estrutura interna, o que justifica a maior ocorrência do significado metafórico nesta classe lexical. De acordo com os dados, identificamos que a anexação dos prefixos metafóricos em V ou N codifica uma relação locativa entre o significado dessas bases e seus complementos.

Ademais, conforme mencionamos em (2.1.1), Fleck (2003, p. 343) apresenta algumas ocorrências em Matsés que ilustram a extensão do significado literal para o metafórico mediante o verbo *pan* ‘lavar’. Segundo o autor, esta base é o verbo que mais frequentemente recebe os prefixos PC. Sendo assim, a raiz *pan* ‘lavar’ quando recebe o prefixo {**da-**} ‘corpo’ forma *dapan* ‘lavar todo o corpo/parte externa’, e quando {**an-**} ‘boca’ forma *anpan* ‘lavar a boca/parte interna’.

Dessa forma, os seguintes exemplos apresentam o significado metafórico desses prefixos em uma orientação sobre a construção de uma canoa: [da-tadid] *dada* – ‘corpo’ [PRPC-cortar] ‘cortar as partes externas de’ (Fleck, 2003, p. 343); [an-fui] *ana* – ‘boca’ [PRPC-esquentar] ‘esquentar a parte interna de’ (Fleck, 2003, p. 343). Esses exemplos

evidenciam a transposição do significado literal para o significado metafórico, da maneira como apresentado a seguir:

Tabela 7. Significados literais, metafóricos e dos complementos de referência

	MIS			MES			SHI		
	Lit.	Met.	Refer.	Lit.	Met.	Refer.	Lit.	Met.	Refer.
V	BOCA	INT.	CANOA	BOCA	INT.	CANOA	LÁBIOS	BORDA	ROUPA
	BOCA	INT.	ZARAB.	BOCA	INT.	CASA	---	---	---
	COSTAS	POST.	PESSOA	COSTAS	POST.	CANOA	---	---	---
	ROSTO	ANT.	PESSOA	CORPO	EXT.	ÁRVORE	---	---	---
	---	---	---	CORPO	EXT.	CANOA	---	---	---
N	BOCA	INT.	CANOA	BOCA	INT.	CASA	---	---	---
	PÉ	INF.	ÁRVORE	PÉ	INF.	ÁRVORE	---	---	---

int. = interior; post. = posterior; ant. = anterior; inf. = inferior; ext. = exterior; sup. = superior; zarab. = zarabatana. Lit. = literal; Met. = metafórico; Refer. = referência.

Conforme o quadro acima, nas línguas Mis, Mes e Shi, o uso dos prefixos faz referência, senão àquela a qual os nomes plenos codificam, a partes de objetos inanimados. Quando o significado é metafórico, a prefixação é sempre orientada para um complemento nominal ou verbal (em termos semânticos), conforme a ordem básica de modificadores e de constituintes nucleares da família Pano (OV).

Neste quadro, a relação entre os significados literais e metafóricos em Mis e Mes é biunívoca. Sendo assim, para cada um dos significados como ‘boca’, ‘costas’ e ‘corpo’ etc. é associado a um e apenas um sentido metafórico, respectivamente, ‘int.’, ‘post.’ e ‘ext.’. O prefixo {**an-**} ‘boca’ – ‘parte interna’ (a boca em relação ao rosto) ocorre nas três línguas, e é o mais comum em prefixações metafóricas.

A respeito do significado dos complementos verbais e nominais (coluna ‘referência’), a maioria codifica objetos como ‘árvore’ e ‘canoa’ tanto na prefixação verbal como nominal. Os demais se referem a ‘pessoa’, ‘zarabatana’, ‘casa’ e ‘roupa’. Com exclusão de ‘árvore’, ‘pessoa’ e ‘roupa’, todas essas referências correspondem ao significado literal ‘boca’.

Em verbos do Matis, por exemplo, o prefixo {**an-**} ‘boca’ se anexa à raiz *tsad* ‘sentar’, formando *antsad* ‘(parte interna) sentar’. Nesta construção, o significado metafórico do prefixo é orientado para o complemento da raiz verbal *nunte* ‘canoa’. Neste caso, apesar do argumento externo ser um absolutivo, este nome funciona

semanticamente como um complemento verbal. Além do mais, sua posição estrutural corresponde a um argumento interno conforme a ordem dos constituintes nucleares.

No Matsés, o prefixo {**da-**} ‘corpo’ se anexa à base verbal *daif* ‘mastigar’, resultando *dadaif* ‘(parte externa) mastigar’. Com mecanismo semelhante, em Shipibo-Konibo, o prefixo {**ki-**} ‘lábios’ se anexa à *ski* ‘colocar líquido em’, formando *kiski* ‘(borda) colocar líquido’. Em ambos os exemplos, o significado metafórico do prefixo indica o local de referência (argumento ‘O’) da raiz verbal.

As bases nominais das línguas Mis e Mes podem receber o prefixo {**an-**} ‘boca’ e {**ta-**} ‘pé’. Em Matis, este último prefixo se anexa à raiz *kini* ‘buraco’, formando a palavra *takini* ‘(parte inferior) buraco’. Nesta formação, o sentido metafórico do prefixo indica a referência locativa da raiz com relação ao complemento *iwi* ‘árvore’, *iwi an-kini* [árvore [parte inferior]-buraco] ‘fundo do buraco da árvore’.

Essa construção ocorre de maneira análoga em Matsés. O prefixo {**an-**} ‘boca’, por exemplo, ocorre anexado a raiz *kini* ‘cercado’, formando a base *ankini* ‘(parte interna) cercado’. O sentido expresso pelo prefixo assinala a referência locativa da base com relação ao termo *fubu* ‘casa’; o que resulta no sintagma nominal *fubu an-kini* [cercado [parte interior]-casa] ‘cercado de dentro da casa’.

Em geral, os prefixos PC podem se referir tanto às partes específicas do corpo, como à referências semânticas menos concretas. Estas noções de espaço, também codificadas por posposições (Fleck, 2003), correspondem a extensões do significado literal. Desse modo, interpretamos, em termos de Lakoff & Johnson (1980), que os falantes das línguas Pano utilizam os prefixos PC de maneira abstrata em termos de ações diárias condicionadas pelo seu sistema conceitual metafórico.

Sobre as línguas do grupo selecionado para o estudo em questão (cf. ANEXO I), o Kashibo-Kakataibo apresenta um conjunto de 30 prefixos PC, com a adição de mais um relativo a substâncias líquidas (Zariquiey, 2011, p. 200). O Kaxinawa, 16 prefixos PC (Montag, 2004, p. 116). O Matis, 28 prefixos divididos em dois tipos; um não-PC, e 26 PC, mais um relativo a ‘líquido amniótico’ (Ferreira, 2005, p. 100).

Em Matsés existem 30 prefixos divididos em dois tipos; dois não-PC e 27 PC, com a adição de mais um referente a substâncias líquidas ou ao fogo’. (Fleck, 2003, p. 342). O Shanenawa possui 13 prefixos PC (Ribeiro & Cândido, 2008b, p. 136). E em

Shipibo-Konibo, por fim, foram registrados 30 do tipo PC, com a adição de mais um relativo a ‘água corrente’ (Valenzuela, 2003, p. 206).

Conforme Fleck (2006, p. 59) há uma média de 30 prefixos PC para cada língua Pano. Loos (1999, p. 243) propõe que em cada idioma exista aproximadamente 45 morfemas monossilábicos referentes a partes do corpo. A prefixação supostamente ocorre em todas senão grande parte dessas línguas. Essa proposição pode ser comprovada mediante futuras descrições dos idiomas já estudados e dos ainda não descritos, assim como daqueles sequer identificados.²⁶

2.2 Sufixação

Dentre as línguas Pano selecionadas para este trabalho, as construções cuja função codifica o significado de aumentativo e/ou diminutivo (AUG/DIM) são registradas em sete delas; **Kak, Kat, Kax, Mis, Mes, Sha e Shi**. Tendo em vista que algumas dessas línguas codificam essas noções em construções analíticas, nas quais os adjetivos seguem as bases nominais, descrevemos também este tipo de operação nesta seção.

A respeito da construção sintética, a função básica da anexação desses sufixos em bases nominais é modificar seu significado e formar novos nomes. Análises específicas deste processo têm sido realizadas por linguistas que trabalham com a Morfologia Avaliativa. Além do mais, os idiomas Pano apresentam um sistema de sufixação nominal, e principalmente verbal, no qual as demais categorias derivacionais e flexionais são codificadas.

Nas próximas subseções, apresentamos o sistema de codificação AUG/DIM a partir dos trabalhos selecionados. Primeiro, descrevemos as línguas que apresentam sufixos e construções cujo significado é o aumentativo (2.2.1), e então o diminutivo (2.2.2). Em seguida, discutimos o tipo de formação sintética e analítica dessas construções (2.2.3).

2.2.1 Aumentativo

A respeito do Kashibo-Kakataibo, Zariquiey (2011, p. 287) descreve que a noção de aumentativo é codificada pelos sufixos {-on} ~ {-an}.²⁷ Conforme o autor,

²⁶ Para uma proposta de introdução da língua Saynawa à família Pano, falada no estado do Acre, cf. Couto (2010).

²⁷ O sufixo {-on} é realizado como o alomorfe [-an] depois de /u/ (Zariquiey, 2011, p. 288).

esta língua expressa a noção de aumentativo de modo sintético, por meio dos sufixos mencionados (55:a-b), e analiticamente, mediante o adjetivo *tfa* ‘grande’ (56:a-b):

- (55) (a) kuma ‘pombo’
kuma-**on** ‘perdiz’
- (b) kuni ‘enguia’
kuni-**on** ‘enguia elétrica’ (Zariquiey, 2011, p. 288)
- (56) (a) ?inu ‘jaguar’
?inu **tfa** ‘jaguar grande’
- (b) ?inu-**on** ‘jaguar preto’
?inu-**on tfa** ‘jaguar preto grande’ (Zariquiey, 2011, p. 287)

Segundo Zariquiey (2011, p. 287-288), quando os falantes utilizam *?inu-on* ‘jaguar preto’, eles se referem a um animal diferente do codificado por *?inu* ‘jaguar’, e então forma-se uma subclasse. Com o uso do adjetivo, não se estabelece uma subdivisão da classe nominal. O sufixo só é utilizado quando os falantes reconhecem uma diferença de tamanho ou outra propriedade dos animais, a qual deve distingui-los. Por exemplo, os seguintes nomes são considerados agramaticais: **amin-on* < *amin* ‘capivara’; **ru-on* < *ru* ‘macaco barrigudo’. porém, eles aceitam o uso de *amin tfa* ‘capivara grande’.

O Katukina, conforme Aguiar (1994, p. 124), expressa a noção de aumentativo somente de maneira analítica, por meio do adjetivo *anipa* ‘grande’ posposto ao nome:

- (57) (a) mapu ‘cabeça’
mapu **anipa** ‘cabeça grande’
- (b) kapi ‘jacaré’
kapi **anipa** ‘jacaré grande’ (Aguiar, 1994, p. 124)

O Kaxinawa, conforme Carmargo (1997, p. 154), codifica o aumentativo de modo sintético, por meio do sufixo {-wan} (58:a-b), enquanto {-şudu} é geralmente usado com termos referentes a partes do corpo (58:c-d). Anexado a esses termos também ocorre o sufixo {-tun} (59). A construção analítica é formada mediante o adjetivo *iwapa* ‘grande’ (60):

- (58) (a) hui ‘voz’
hui-**wan** ‘vozeirão’/‘voz grave’

- (b) şubu ‘tapiri’
 şubu-**wan** ‘maloca’
- (c) dikin ‘nariz’
 dikin-**şudu** ‘narigão’
- (d) titun ‘pescoço’
 titun-**şudu** ‘pescoçudo’ (homem)
 titun-**şu-wan** ‘pescoçudo’ (mulher) (Camargo, 1997, p. 155)
- (59) kişa ‘boca’/‘lábios’
 ki-**tun** ‘bocado’/‘beijudo’ (Camargo, 1997, p. 156)
- (60) bidu ‘olho’
 bidu **iwapa** ‘olho grande’
 dunu ‘cobra’
 dunu **iwapa** ‘cobra grande’ (Camargo, 1997, p. 155)

Os falantes de Matis, de acordo com Ferreira (2005, p. 167), assim como a língua katukina, codificam a noção de aumentativo analiticamente mediante o adjetivo *ami* ‘grande’, ou com menor ocorrência por meio do termo *nowa*:

- (61) (a) matsu ‘panela’
 matsu **ami** ‘panela grande’
- (b) şubu ‘casa’
 şubu **nowa** ‘casa grande’ (Ferreira, 2005, p. 167-168)

Sobre o Matsés, Fleck (2003, p. 283) apresenta os sufixos aumentativos {-**mbo/-kio**},²⁸ os quais codificam restrição (62:a), ou ênfase (62:b):

- (62) (a) matses ‘matsés, índios matsés, índios, humanos’
 matses-**kio** ‘matsés’
- (b) bakui ‘criança’
 bakui-**kio** ‘realmente uma criança’ (Fleck, 2003, p. 283)

Em Shanenawa, segundo Cândido (2004, p. 87), assim como em Kak e Kax, a noção de aumentativo é codificada sintético, mediante sufixo {-**wan**} (63:a), e analiticamente, por meio do adjetivo *iwa-pa* ‘grande-?’ (63:b). Conforme a autora, os

²⁸ O sufixo {-**mbo**} segue vogais e {-**kio**}, consoantes (Fleck, 2003, p. 283).

sufixos se anexam somente a nomes referentes à classe dos não-humanos, enquanto o modo analítico não apresenta restrição:

- (63) (a) titi ‘gavião’
titi-wan ‘gavião grande’ ou ‘avião’
- (b) takara ‘galo’
takara iwa-pa ‘galo grande’ (Cândido, 2004, p. 87)

O Shipibo-Konibo, de acordo com Valenzuela (2003, p.210-212), possui a construção [N-n ewá] – [N-POSS Adj], que codifica a noção de ‘mother’ ou ‘owner’ – (criador) de plantas e animais; ou seja, entidade relacionada a sua origem. Segundo a autora, estas entidades vivem na floresta ou na água e são consideradas maiores que seus descendentes (64:a). Quando a construção é usada com termos não referentes a plantas e animais, ela codifica essencialmente um significado aumentativo (64:b):

- (64) (a) βawa ‘papagaio’
βawa-n ewá ‘papagaio grande (criador)’
- (b) hene ‘água corrente’
hene-n ewá ‘dilúvio’ (Valenzuela, 2003, p. 212)

2.2.2 Diminutivo

A noção de diminutivo em Kashibo-Kakataibo, conforme Zariquiey (2011, p. 289), é codificada pelos sufixos {-rá} ~ {-ratsu},²⁹ os quais parecem não apresentar restrições:

- (65) (a) uni ‘homem’
uni-rá ‘homem pequeno’
- (b) maiş ‘genipapo’
maiş-ratsu ‘genipapo pequeno’ (Zariquiey, 2011, p. 290)

O Katukina, do modo como mencionamos, expressa a noção de AUG/DIM analiticamente (Aguiar, 1994, p. 124). O diminutivo é codificado por meio do adjetivo *pişfa* ‘pequeno’ posposto ao nome:

²⁹ O sufixo {-ratsu} ocorre somente quando um material morfológico o segue (Zariquiey, 2011, p. 289).

- (66) (a) *ʃuβu* ‘casa’
ʃuβu piʃtʃa ‘casa grande’
 (b) *huni* ‘homem’
huni piʃtʃa ‘homem grande’ (Aguiar, 1994, p. 124)

Em Kaxinawa, conforme Camargo (1997, p. 157), o diminutivo é operado somente de modo analítico, por meio do adjetivo *pišta* ‘pequeno’ (67:a). A noção de ‘pequenez’ é codificada por *pišipišta* (67:b). Ademais, segundo a autora, este termo pode apresentar um sentido irônico (67:c), e expressar a noção de aumentativo:

- (67) (a) *baki* ‘criança’
baki pišta ‘criança pequena’
 (b) *baki pišipišta* ‘‘pequenez’ da criancinha’
 (c) *pustu dunu* ‘barriga’ ‘suspender’
pustu dunu pišta ‘barrigudo’ (de tanto comer)
 (Camargo, 1997, p. 157)

O Matis, assim como a língua katukina, codifica o diminutivo analiticamente. A construção se assemelha à formação do aumentativo no idioma shipibo-konibo [N-POSS Adj]. Segundo Ferreira (2005, p. 167), os falantes utilizam o adjetivo *bakui* ‘pequeno/criança’, ou de modo menos produtivo, o termo *papitsik* ‘pouco’:

- (68) (a) *tʃanpi-n* ‘menina’
tʃanpi-n bakui ‘menina pequena/menininha/bebê’
 (b) *di* ‘rede’
di-n papitsik ‘rede pequena’³⁰ (Ferreira, 2005, p. 168)

Os falantes de Matsés codificam o significado de diminutivo por meio do sufixo {-*tsik*} ‘restritivo’. Este sufixo, menos produtivo que os de significado ‘aumentativo’, ocorre após {-*uid*} ‘somente’ (Fleck, 2003, p. 284):

- (69) *tʃido* ‘mulher’
tʃido-uid-tsik ‘somente mulher’ (Fleck, 2003, p. 284)

³⁰ O termo ‘*papitsik*’ corresponde a um ‘restritivo’. Desse modo, a sentença *tʃanpi-n papitsik* pode ser traduzida como; ‘menina que é pequena’.

O diminutivo em Shanenawa, assim como a noção de aumentativo, é codificado sintético, por meio do sufixo {-pusku} (70:a), e analiticamente, mediante adjetivo *iwa-pa-ma-sta* ‘grande-EMPH-NEG-?(=pequeno)’ (70:b):

- (70) (a) jumaj ‘onça’
 jumaj-**pusku** ‘onça pequena/gato’
 (b) takara ‘galo’
 takara **iwa-pa-ma-sta** ‘galo pequeno’ (Cândido, 2004, p. 87)

Em Shipibo-Konibo, conforme Valenzuela (2003, p. 217), a noção de diminutivo é codificada por meio do sufixo {-foko} (71:a), o qual pode ter um sentido afetivo (71:b):

- (71) (a) ʒoβo ‘casa’
 ʒoβo-**foko** ‘casa pequena’
 (b) tita ‘mãe’
 tita-**foko** ‘avó’,³¹ (Valenzuela, 2003, p. 217)

2.2.3 Construção sintética e analítica

No grupo de línguas Pano em questão, a formação de palavras que designam as noções de tamanho (‘grande’/‘pequeno’) é implementada mediante formas sintéticas e/ou analíticas. Sinteticamente, as bases nominais recebem sufixos, e analiticamente, são seguidas por um item adjetival que modifica o significado dessas bases. A distribuição dessas construções é apresentada na tabela abaixo:

Tabela 8. Construções empregadas para expressar AUG/DIM

	KAK	KAT	KAX	MIS	MES	SHA	SHI
AUG	sint./analit.	analit.	sint./analit.	analit.	sint.	sint./analit.	analit.
DIM	sint.	analit.	analit.	analit.	sint.	sint./analit.	sint.

Sint. = sintético; Analit. = analítico.

A respeito do valor semântico de aumentativo, somente em Matsés a construção é especificamente sintética. Por outro lado, as línguas Kat, Mis e Shi apresentam em exclusivo a formação analítica. E em Kak, Kax e Sha, há ambas as formas. O diminutivo é designado em especial pela construção sintética em Kak, Mes e Shi. Nas

³¹ ‘lit. mãe pequena’ – ‘mãezinha/avó’

línguas Kat e Kax, ela é somente analítica, enquanto as línguas Mis e Sha possuem ambas as formações para o diminutivo.

Além da noção básica de ‘grande’ e ‘pequeno’, parte das línguas Pano codifica ideias específicas dependendo do tipo da construção empregada. Os idiomas que implementam essa distinção são os que possuem, em um mesmo significado, ambas as construções para expressar AUG e/ou DIM (Kak, Kax e Sha). Os elementos dessas construções são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 9. Formas sintéticas e analíticas que codificam AUG/DIM

	Aumentativo		Diminutivo	
	Sintético	Analítico	Sintético	Analítico
Kak	{-on} ~ {-an} ^a	<i>tʃa</i> ‘grande’	{-rá} ~ {-ratsu} ^b	---
Kat	---	<i>anipa</i> ‘grande’	---	<i>piʃʃa</i> ‘pequeno’
Kax	{-wan} ~ {-ʃudu} ^c	<i>iwapa</i> ‘grande’	---	<i>piʃta</i> ‘pequeno’
Mis	---	<i>ami/nowa</i> ^d ‘grande’	{-tsik}	<i>bakui/papitsik</i> ^d ‘pequeno’
Mes	{-mbo} ~ {-kio} ^e	---	{-tsik}	---
Sha	{-wan}	<i>iwa-pa</i> ‘grande-EMPH’	{-pusku}	<i>iwa-pa-ma-sta</i> ‘grande-EMPH- NEG-?’
Shi	---	[N- <i>n ewá</i>]	{-foko}	---

^aO sufixo {-on} é realizado como o alomorfe [-an] depois de /u/ (Zariquiey, 2011, p. 288). ^b{-rátsu} ocorre somente quando um material morfológico o segue (Zariquiey, 2011, p. 289). ^c{-ʃudu} é restrito a nomes referentes a partes do corpo (Carmargo, 1997, p. 154). ^dTermos com menor ocorrência (Ferreira, 2005, p. 167). Spanghero (2005, p. 159) apresenta o item lexical *papi* ‘filho/bebê do sexo masculino’. ^eO sufixo {-mbo} segue vogais e {-kio}, consoantes (Fleck, 2003, p. 283).

Conforme a representação cultural dos falantes de Kashibo-Kakataibo, eles utilizam a forma sintética do aumentativo para especificar um animal cujo tamanho define um tipo diferente do codificado pela base. Desse modo, esta construção se restringe a termos referentes a animais, e desse modo forma-se uma subclasse nominal. Sendo assim, a construção sintética codifica animais diferentes (72), enquanto a analítica, uma variação de um mesmo jaguar (73):

- (72) (a) kuma ‘pombo’
kuma-on ‘perdiz’

- (73) (a) ?inu 'jaguar'
 ?inu **tja** 'jaguar grande' (Zariquiey, 2011, p. 287)

O Kaxinawa possui duas formas sufixais que codificam o aumentativo. O morfema {-wan} 'largo' não apresenta restrição (75:a-b), enquanto {-şudu} 'comprido' geralmente é utilizado com termos referentes a partes do corpo (75:c). Nesta língua, há somente uma ocorrência de sufixação dupla anexada ao item *titun* 'pescoço' (75:d). Provavelmente, esta construção ocorre para especificar o gênero da pessoa que possui a referência codificada (parte do corpo):

- (74) (a) hui 'voz'
 hui-**wan** 'vozeirão'/'voz grave'
- (b) şubu 'tapiri'
 şubu-**wan** 'maloca'
- (c) dikin 'nariz'
 dikin-**şudu** 'narigão'/'nariz comprido'
- (d) titun 'pescoço'
 titun-**şudu** 'pesçoçudo' (homem)
 titun-**şu-wan** 'pesçoçudo' (mulher) (Camargo, 1997, p. 155)

Em Shanenawa, os significados AUG/DIM são codificados de forma sintética e analítica. Esta ocorre por meio do adjetivo *iwa-pa* 'grande-EMPH' (75:b), e sinteticamente, mediante o sufixo {-wan} (75:a), o qual se anexa apenas a nomes referentes à classe dos não-humanos:

- (75) (a) titi 'gavião'
 titi-**wan** 'gavião grande' ou 'avião'
- (b) takara 'galo'
 takara **iwa-pa** 'galo grande' (Cândido, 2004, p. 87)

Em resumo, as línguas Kak, Kax, Shi, e também o Mes e Shi apresentam propriedades específicas para expressar o aumentativo. O Kashibo-Kakataibo produz significados distintos entre a construção sintética e analítica. A primeira especifica animais diferentes e forma uma subclasse nominal, a segunda codifica uma variação de tamanho de um mesmo animal.

O Kaxinawa em geral apresenta dois sufixos para o aumentativo. Um específico para termos referentes a partes do corpo e outro para demais referências. Esta língua não apresenta uma distinção evidente entre as construções sintética e analítica. Em Shanenawa, a forma sintética se restringe a nomes não-humanos, e a analítica se refere aos demais campos semânticos.

Além disso, o Matsés possui os seguintes sufixos aumentativos: {-**mbo**} após vogais, e {-**kio**}, consoantes. Estas formas codificam restrição (76:a), ou ênfase (76:b). O Shipibo-Konibo apresenta a construção [**N-n ewá**], que quando usada com termos referentes a plantas e animais, codifica a ideia de ‘criador’ (77:a), e a outras referências, um significado básico de aumentativo (77:b):

- (76) (a) matses ‘matsés, índios matsés, índios, humanos’
 matses-**kio** ‘matsés’
 (b) bakui ‘criança’
 bakui-**kio** ‘realmente uma criança’ (Fleck, 2003, p. 283)

- (77) (a) βawa ‘papagaio’
 βawa-**n ewá** ‘papagaio grande (criador)’
 (b) hene ‘água corrente’
 hene-**n ewá** ‘dilúvio’ (Valenzuela, 2003, p. 212)

Sobre a noção de diminutivo, em Kaxinawa, ela é codificada apenas analiticamente. Aliás, somente nesta língua, a qualidade de pequeno, a ‘pequenez’, é expressa por *pišipišta* (78). O Matsés opera o diminutivo unicamente de forma sintética. O sufixo {-**tsik**} ‘restritivo’ geralmente ocorre após {-**uid**} ‘somente’ (79):

- (78) baki **pišipišta** ‘‘pequenez’ da criancinha’ (Camargo, 1997, p. 157)

- (79) tʃido ‘mulher’
 tʃido-**uid-tsik** ‘somente mulher’ (Fleck, 2003, p. 284)

Em adição ao emprego das noções básicas de tamanho ‘grande’ e ‘pequeno’, os falantes de algumas línguas Pano utilizam suas formas, analisadas mediante Morfologia Avaliativa, para expressar sentimentos como admiração, familiaridade, desprezo etc. Por exemplo, os falantes de Kaxinawa utilizam o sufixo {-**tun**} em termos referentes a partes do corpo para expressar uma noção depreciativa (80):

- (80) kişa ‘boca’/‘lábios’
 ki-**tun** ‘bocado’/‘beijudo’ (Camargo, 1997, p. 156)

Nesta língua, sobre a expressão do diminutivo, a posposição do adjetivo *pišta* ‘pequeno’ pode codificar um sentido irônico, e conotar desqualificação (81). Em Shipibo-Konibo, o diminutivo {-**foko**} pode codificar uma noção afetiva ou emocional (82):

- (81) pustu dunu ‘barriga’ ‘suspender’
 pustu dunu **pišta** ‘barrigudo’ (de tanto comer)

- (82) tita ‘mãe’
 tita-**foko** ‘avó’ (Valenzuela, 2003, p. 217)

A respeito da iconicidade, significados de aumentativo e diminutivo tendem a ser empregados respectivamente com vogais abertas e fechadas (Aikhenvald, 2007, p. 24). Contudo, podemos observar na tabela 9 que esta motivação não se aplica às línguas Pano em questão.

3 O SISTEMA DE REDUPLICAÇÃO E COMPOSIÇÃO

3.1 Reduplicação

Das línguas Pano selecionadas para o presente estudo, cinco formam palavras por reduplicação; **Kak, Mis, Mes, Shi e Yaw**. Nas línguas do mundo, essa construção codifica diversos significados: em termos gerais, aumento e/ou redução de quantidade e/ou de grau, ou mudança de classe lexical.³² Formalmente, o material copiado, toda raiz/radical ou um constituinte fonológico, antecede, segue ou ocasionalmente é inserido no meio da base (Kajitani, 2005; Rubino, 2005). Nas línguas Pano estudadas, em geral, toda raiz/radical antecede a base com função de modificar sua quantidade e/ou grau.

A seguir, descrevemos o significado icônico (**IC**) que ocorre em bases verbais nas línguas Kak, Mis, Mes, Shi e Yaw (**3.1.1**); nominais em Shipibo-Konibo; adjetivais em Mis, Shi e Yaw; e adverbiais em Matsés. Logo após, o ‘contra-icônico’ (**CI**); redução de quantidade e/ou grau, em verbos em Matsés (**3.1.2**).³³ Por fim, caracterizamos a reduplicação com base na iconicidade derivacional (**3.1.3.1**), nas funções aspectual e numeral (**3.1.3.2**), bem como nas construções complexas (**3.1.3.3**).

3.1.1 Reduplicação icônica

3.1.1.1 Verbal

O Kashibo-Kakataibo possui um sistema de reduplicação da raiz verbal que expressa significados como ‘iteratividade, continuidade’ (Zariquiey, 2011, p. 453):

(83) **nia~nia**

ukairi	o-şun	kaisa
escada	FACT-S/A>A	NAR.3P

nia~nia -ru-βian-kin	ʔa-βait-kin
RED~amarrar-SUFD.acima-SUFD.ir.TR-S/A>A	fazer-DUR-S/A>A

kaisa	ka-aki-ş-in
NAR.3P	dizer-PST.REM-3P-PROX

‘dizem que, para fazer uma escada, amarre-a várias vezes na medida em que for subindo, fazendo isso por um longo tempo, ele disse...’

(Zariquiey, 2011, p. 455)

³² Em Yaw há um exemplo de formação de um verbo denominal por reduplicação (Paula, 2004, p. 168). Porém, devido ao limite dos dados, neste estudo analisamos apenas as formas icônica e "contra-icônica".

³³ Em Matsés há reduplicação de posposição (Fleck, 2003, 704-705), no entanto, devido à complexidade apresentada pelo processo, restringimos nossa comparação às demais classes lexicais.

Nesta língua, conforme Zariquiey (2011, p. 453), a reduplicação verbal pode envolver a cópia de uma palavra morfossintática, anexada por um sufixo flexional (84:a), ou de um radical, sufixado por um morfema derivacional (84:b):

(84) (a) **ʔaʂun~ʔa-ʂun**

ronru-tankiʂun	kaisa	ʂimin
subir-S/A>A	NAR.3P	jupará.ABS
ʔa-aki-ʂ-a	pia-n	pia-n
matar-PST.REM-3P-N.PROX	flecha-INS	flecha-INS

ʔaʂun~ʔa-ʂun	ni-pat-aki-ʂ-a
RED~matar-S/A>A	jogar-SUFD.abaixo.TR-PST.REM.-3P-N.PROX

‘dizem que, depois de subir, ele matou juparás, matando e matando com flechas, derrubou vários’

(b) **nipa~nipa**³⁴

nipat~ni-pat -kin	is-kiʂ-βi	kaisa		
RED~jogar-SUFD.abaixo.TR-S/A>A	ver-O>S-mesmo	NAR.3P		
ain	ʂanu	ʔa-ki	uni	a-ʂ
3.GEN	esposa.ABS	fazer.NMLZ	homem	3-S
u-aki-ʂ-a				
vir-PST.REM-3P-N.PROX				

‘dizem que, jogando e jogando (animais da árvore), (o marido) viu o homem, que costumava ter relações sexuais com sua esposa, vindo’

(Zariquiey, 2011, p. 454)

Em Matis, o sistema de reduplicação verbal codifica significados como ‘intensidade, totalidade’:

(85) (a) **kuan~kuan**

mikui	kuan~kuan -e
2P	RED~ir-NPST

‘vocês vão embora?’

³⁴ Em Kakataibo-Kakataibo, somente os segmentos /n/, /s/, /ʃ/ e /ʂ/ ocupam a posição de coda silábica (cf. Zariquiey, 2011).

(b) **t̥so~t̥so**

nuki **t̥so-t̥so-bo-k**
1P RED~vir-PST.NREC-DECL

‘nós (a família do Bina) viemos’ (Ferreira, 2005, p. 117)

Em Matsés, da maneira como mencionamos em (3.1), a reduplicação codifica dois tipos de significado (I. icônico (3.1.1) e II. ‘contra-icônico’ (3.1.2)); a reduplicação verbal apresenta os tipos I. e II. O primeiro codifica um significado ‘distributivo’ (iteratividade, pluralidade) (Fleck, 2003, p. 453):

(86) (a) **bisto~bisto**

bisto~bisto-tsik-kid tambisimpi ni-i-k
RED~cobrir-DIM-AGT.NMLZ rato-de-espinho ser-NPST-IND

‘os ratos-de-espinho são aqueles que repetidamente cobrem (a entrada de seus esconderijos com folhas)’ (Fleck, 2003, p. 453)

(b) **bi~bi**

ti-**jun** dada-n **bi~bi**-kid
cortar-depois.S/A>A homem-ERG RED~trazer-HAB

tsindo-kin
pilhar-enquanto.S/A>A

‘depois de cortá-las, os homens as trazem (folhas) fazendo várias viagens, enquanto as empilha’ (Fleck, 2003, p. 454)

Nesta língua, conforme Fleck (2003, p. 452), a reduplicação verbal também envolve a cópia de um radical (reduplicação IC verbal afixada), anexado por um prefixo PC (87:a), ou, como na língua kashibo-kakataibo, um sufixo derivacional (87:b):

(87) (a) **minif~mi-nif**

minif~mi-nif-jun akati da-uk-kid
RED~PRPC-amarrar-depois:S/A>A sapo PRPC-raspar-HAB

matses-n
matsés-ERG

‘depois de amarrar todas as mãos e pés, os matsés raspam o corpo do sapo’

(b) **kuistan~kuis-tan**

tʃiuiʃ bakui tʃido **kuistan~kuis-tan-i-k**
figo fruta etc RED~coletar-SUFD.ir-NPAST-IND

‘eles continuam indo para coletar figos e outras frutas’

(Fleck, 2003, p. 452)

Em Shipibo-Konibo, a reduplicação verbal icônica codifica significados como ‘continuidade, intensidade, ênfase, iteratividade’:

(88) (a) **βiwa~βiwa
onis~onis**

haino-a-ʃ-ki **βiwa~βiwa-kain-i** ka-a iki,
lá.LOC-ABL-S-HSY2 RED~cantar-AND1-SSSS ir-PTCP2 AUX

onis~onis-kain-i ha honi-n βi-[y]ama
RED~estar.triste-AND1-SSSS aquele homem-ERG ter-NEG.PTCP2

‘(o homem não a teve como esposa), então ela saiu cantando e cantando, se sentindo muito triste’

(b) **wifa~wifa**

nato no-n kini-bo-ʒa kirikain-bo
DEM 1P-GEN desenho-PL.ABS-EV livro.LOC-PL

wifa~wifa-kan-a yama-ki no-n mapo-nko-bitʃo
RED~escrever-PL-PP2 não.existir-CMPL 1P-GENcabeça-LOC-somente

‘estes desenhos da gente não estão escritos em nenhum livro, (eles existem) somente em nossas mentes’ (Valenzuela, 2003, p. 151)

Conforme Valenzuela (2003, p. 150), em Shipibo-Konibo, ocorre também a cópia do radical verbal anexado por um prefixo (reduplicação IC verbal prefixada). Este tipo de reduplicação faz com que a operação se aplique, por exemplo, sobre o prefixo {**na-**} ‘interior’:

(89) **natsá?~na-tsá**

natsá?~na-tsá-βain-a
RED~PREF-espetar-AND2-PTCP2

‘permanecemos espetando (flechas) dentro d’água’

(Valenzuela, 2003, p. 150)

(b) **uanno~uanno**

uanno~uanno-ik kapu-kid biui
RED~aqui/lá-MANR.INTR locomover-AGT.NMZL tamanduá

ni-i-k
ser-NPST-IND

‘tamanduás são aqueles que andam/sobem aqui, ali e todo lugar’

(Fleck, 2003, p. 617)

Segundo Fleck (2003, p. 617), as reduplicações adverbiais são acompanhadas do sufixo de concordância {-ik} ou {-in}, e frequentemente também do aumentativo {-mbo} ou {-kio}. Assim como ocorre em [bidiatsik~bidiatsik-kio-ik tʃo-o-ʃ] – [RED~devagar-AUG-MANR.INTR vir-PST-3] ‘muitos vieram devagar’ (intensidade); e em [ad-kid-n nidai badid~badid-kio-in uidiʃka-i-k] – [aquele-AGT.NMLZ-ERG chão RED~rapidamente-AUG-ADVZR.TR cavar-NPST-IND] ‘ele (tipo de tatu) cava o chão muito rapidamente, começando em um lugar e então em outro’ (intensidade).

3.1.2 Reduplicação ‘contra-icônica’

3.1.2.1 Verbal

Em Matsés, o outro tipo de significado que se obtêm da reduplicação é o ‘contra-icônico’, o qual codifica significados como ‘rapidamente (redução de tempo), incompleto, inadequadamente (redução de qualidade)’. Devido à incompatibilidade semântica com algumas raízes, este tipo de reduplicação possui menor produtividade (Fleck, 2003, p. 454).

(96) **uf~uf**

uf~uf-o-ʃ
RED~dormir-PST-3

‘ele dormiu pouco (cochilou)’

(Fleck, 2003, p. 453)

No exemplo acima o significado da reduplicação não é que o sujeito pegou no sono rapidamente, mas que ele cochilou ou dormiu mal (redução de tempo). Este mesmo significado ocorre em [ak~ak-i-k] [RED~beber-NPST-IND] ‘ele bebe rapidamente’ (Fleck, 2003, p. 453). E [tʃud~tʃud-i-k] [RED~ter.relação.sexual-NPST-IND] ‘ele faz sexo com ela rapidamente’ (Fleck, 2003, p. 454). Com vistas à intenção do falante, o último exemplo apresenta uma crítica à ação verbal (redução de qualidade).

3.1.2.2 Adjetival

O sistema de reduplicação adjetival ‘contra-icônico’ em Matsés ameniza o significado do adjetivo:

(97) (a) **umu~umu**

taui **umu~umu**-mbo ik-tsik-i-k
raiz RED~verde-AUG ser-DIM-NPST-IND

‘a raiz é verde claro’ (Fleck, 2003, p. 496)

(b) **tfuka~tfuka**

tfuka~tfuka-mbo ik-i-k
RED~novo-AUG ser-NPST-IND

‘isto é semi-novo’ (Fleck, 2003, p. 497)

De acordo com Fleck (2003, p. 496), a reduplicação adjetival ocorre tanto em raízes (reduplicação CI adjetival simples), quanto em radicais anexados por um prefixo PC (reduplicação CI adjetival prefixada). Neste caso, o sentido codificado passa a ‘parcialmente’:

(98) **makui~makui**

tambis **makui~ma-kui**-mbo ik-kid
paca RED~PRPC-longo-AUG ser-HAB

‘a paca é parcialmente longa na cabeça’

No exemplo acima, a reduplicação atenua o significado do adjetivo em relação ao prefixo, codificando a noção de ‘parcialmente’. O mesmo processo ocorre com o exemplo a seguir, em que o falante enuncia a raiz nominal, *bitantiti* - ‘rosto’, correspondente ao prefixo reduplicado:

(99) **bipiu~bipiu**

bitantiti-no **bipiu~bi-piu**-mbo tʃiʃid ik-kid
rosto-LOC RED~PRPC-vermelho-AUG macaco ser-HAB

‘os macacos-aranha são parcialmente vermelhos no rosto’

(Fleck, 2003, p. 500)

3.1.3 Aspectos da reduplicação

Nesta subseção, examinamos alguns aspectos a respeito da reduplicação Pano. Primeiramente, examinamos a iconicidade derivacional (3.1.3.1). Logo após, discutimos a função aspectual e numeral (3.1.3.2). E então, analisamos as construções afixadas codificadas pelo sistema de reduplicação das línguas estudadas (3.1.3.3).

3.1.3.1 Iconicidade derivacional

A iconicidade corresponde à transparência entre forma e significado de certas unidades e construções linguísticas. A iconicidade do tipo lexical (unidades linguísticas) está associada a formas usadas para expressar simbolismo sonoro, a exemplo de onomatopeias. A iconicidade derivacional (construções linguísticas) “[...] envolve uma correlação intuitiva previsível entre um processo derivacional e seu significado.”³⁶ (Aikhenvald, 2007, p. 23).

Nas línguas Pano, a reduplicação geralmente apresenta essa semelhança estrutural do tipo derivacional, cujo emprego corresponde ao aumento da quantidade ou grau do significado da base (icônico). Contudo a reduplicação nem sempre apresenta a união entre forma e significado. Desse modo, o resultado destas construções corresponde também à redução de quantidade ou grau de intensidade do sentido codificado pela base (‘contra-icônico’).³⁷

A aplicação desses significados é condicionada por fatores como a classe lexical da base, suas propriedades semânticas, e o contexto pragmático em que as construções são usadas. Todas as línguas selecionadas para este estudo codificam aumento de quantidade e/ou grau. E somente em Matsés há exemplos de redução de quantidade e/ou grau da base copiada.

A partir das definições de i. ‘Aumentativo’, ii. ‘Intensificação’, iii. ‘Diminutivo’ e iv. ‘Atenuação’ apresentadas por Moravcsik (1978 apud Kajitani, 2005, p. 97), a respeito do significado icônico, relacionamos a ele o parâmetro de i. aumento de quantidade, e de ii. grau de intensidade. E a cerca do significado contra-icônico, relacionamos o parâmetro de iii. redução de quantidade e de iv. grau de intensidade.

³⁶ O original é o que se segue: “[...] involves an intuitively predictable correlation between a derivational process and its semantics.”

³⁷ Conforme terminologia (“contra-icônico”) adotada por Fleck (2003, p. 220).

Dessa forma, nas línguas Pano em análise, o significado icônico está associado ao aumento dos argumentos do verbo e ao evento expresso pela base verbal. E o grau de intensidade, aos sentidos codificados por V, Adj e Adv. O aumento de quantidade dos argumentos verbais ocorre na reduplicação de nomes em Shipibo-Konibo (101), ‘O’:

- (100) **ʂoβo~ʂoβo** ‘casa~casa’
- | | | | | |
|---------------|-----------|-----|------------------|------------|
| honi-n-ronki | oin-a | iki | ʂoβo~ʂoβo | mistá-foko |
| homem-ERG-HSY | ver-PTCP2 | AUX | RED~casa | bom-DIM |
- ‘(dizem que) o homem viu muitas casas boas’

(Valenzuela, 2003, p. 153)

A noção de aumento da quantidade de um evento expresso pelo verbo ocorre em reduplicações verbais do Mes (101); e Shi (102). Assim, esse tipo de reduplicação quantitativa corresponde aos significados de ‘pluralidade’ e ‘totalidade’, e de ‘continuidade’ e ‘iteratividade’:

- (101) **bi~bi** ‘trazer~trazer’
- | | | |
|---------------------|-----------|------------------|
| ti-fun | dada-n | bi~bi-kid |
| cortar-depois.S/A>A | homem-ERG | RED~trazer-HAB |
- tsindo-kin
 pilhar-enquanto.S/A>A
- ‘depois de cortá-las, os homens as trazem (folhas) fazendo várias viagens, enquanto as empilha’

(Fleck, 2003, p. 454)

- (102) **βiwa~βiwa** ‘cantar~cantar’
onis~onis ‘estar.triste~estar.triste’
- | | | | |
|-------------------|-------------------------|----------|------|
| haino-a-ʂ-ki | βiwa~βiwa-kain-i | ka-a | iki, |
| lá.LOC-ABL-S-HSY2 | RED~cantar-AND1-SSSS | ir-PTCP2 | AUX |
- onis~onis-kain-i** ha honi-n βi-[y]ama
 RED~estar.triste-AND1-SSSS aquele homem-ERG ter-NEG.PTCP2
- ‘(o homem não a teve como esposa), então ela saiu cantando e cantando, se sentindo muito triste’

(Valenzuela, 2003, p. 151)

O aumento do grau de intensidade ocorre em bases V e Adj em Mis (103), (104); Shi (105), (106); e Yaw (107), (108):

- (103) **kuan~kuan** ‘ir~ir’
 mikui **kuan~kuan-e**
 2P RED~ir-NPST
 ‘vocês vão embora?’ (Ferreira, 2005, p. 117)
- (104) **jin~jin** ‘amarelo~amarelo’
 jin ‘amarelo’
 ‘muito amarelo’ (Ferreira, 2005, p. 169)
- (105) **wifa~wifa** ‘escrever~escrever’
 nato no-n keni-bo-ja kirikain-bo
 DEM 1P-GEN desenho-PL.ABS-EV livro.LOC-PL
wifa~wifa-kan-a yama-ki no-n mapo-nko-bitfo
 RED~escrever-PL-PP2 não.existir-CMPL 1P-GEN cabeça-LOC-somente
 ‘estes desenhos da gente não estão escritos em nenhum livro, (eles existem)
 somente em nossas mentes’ (Valenzuela, 2003, p. 151)
- (106) **yoitima~yoitima** ‘desobediente~desobediente’
 ha tʃosko bake piko-t-a-ki
 que quatro criança.ABS nascer-MID-PO>S/A-HSY2
 i-káti-ai, çoço bake a-kan-ai,
 fazer.INTR-PST4-INC órfão criança.ABS fazer.TR-PST4-INC
 kikin **yoitima~yoitima-bo**
 extremamente RED~desobediente-PL
 ‘aquelas quatro crianças nasceram e as pessoas as chamam de órfãs, elas eram,
 extremamente, muito desobedientes’ (Valenzuela, 2003, p. 153)
- (107) **ufan~ufan** ‘sorrir~sorrir’
 ufan ‘sorrir’
 ‘sorrir demais’
- (108) **βiski~βiski** ‘magro~magro’
 βiski ‘magro’
 ‘magro demais’ (Paula, 2004, p. 167)

Em Matsés, a reduplicação de advérbios também codifica aumento do grau de intensidade (109):

- (109) **inapin~inapin** ‘longe~longe’
inapin~inapin-kio-ik tʃo-o-ʃ
 RED~longe-AUG-MANR.INTR vir-PST-3
 ‘eles vieram de vários lugares longes’ (Fleck, 2003, p. 616)

- (112) **makui-ma-kui** ‘cabeça.longo~cabeça-longo’
 tambis **makui-ma-kui-mbo** ik-kid
 paca RED~PRPC-longo-AUG ser-HAB
 ‘a paca é parcialmente longa na cabeça’
- (113) **bpiu-bi-piu** ‘rosto.vermelho~rosto-vermelho’
 bitantiti-no **bpiu-bi-piu-mbo** tʃiʃiɪd ik-kid
 rosto-LOC RED~PRPC-vermelho-AUG macaco ser-HAB
 ‘os macacos-aranha são parcialmente vermelhos no rosto’

(Fleck, 2003, p. 500)

O significado ‘contra-icônico’ é codificado somente em Matsés. Conforme Fleck (2003, p. 219) chama a atenção, Payne (1990, p. 218) descreve que as línguas da América do Sul apresentam apenas reduplicação icônica. É importante frisar que provavelmente o significado ‘não-icônico’ pode ocorrer em outras línguas Pano. A tabela a baixo apresenta os sentidos expressos em Matsés:

Tabela 11. Significados ‘contra-icônicos’ codificados pela reduplicação

	KAK	MIS	MES	SHI	YAW
Verbo	---	---	inadequado, rápido	---	---
Adjetivo	---	---	amenizador, parc.	---	---

parc. = parcialmente

Em termos gerais, o significado icônico codifica aumento de quantidade e de grau. O ‘não-icônico’ deriva, a partir de bases nominais, adjetivos em Matsés e verbos em Yawanawa. E o ‘contra-icônico’, uma redução de quantidade e de grau em Matsés. A reduplicação de nomes em Mes e Yaw codifica apenas uma mudança de classe lexical. Portanto, em ambas as línguas, os itens da classe nominal não apresentam reduplicação icônica, conforme a tabela a seguir:

Tabela 12. Significados (não/contra)-icônicos codificados pela reduplicação

	KAK	MIS	MES	SHI	YAW
Icônico					
Verbo	iterat., contin.	totalidade	iterat., plural.	iterat., contin.	intensidade
Nome	---	---	---	intensidade	intensidade
Adjetivo	---	intensidade	---	pluralidade	---
Advérbio	---	---	intensidade	intensidade	intensidade
C.-Icônico					
Verbo	---	---	inad., rápido	---	---
Adjetivo	---	---	amen., parc.	---	---

iterat. = iteratividade; contin. = continuidade; plural. = pluralidade;
inad. = inadequado; amen. = amenizador; parc. = parcialmente

De acordo com a proposta de Kajitani (2005), cujo estudo tipológico baseia-se em 16 línguas não relacionadas em termos genéticos e geográficos, existe uma ordenação entre os quatro parâmetros apresentados; aumento ou redução de quantidade e de grau de intensidade. Esta hierarquia, relacionada aos significados icônicos e ‘contra-icônicos’, corresponde à representação a seguir:

(Aumento) Quantidade > Intensidade > (Redução) Intensidade > Quantidade

Em bases verbais, as línguas Kak, Mis, Mes e Shi codificam o parâmetro de aumento de ‘quantidade’. Em Mis, Shi e Yaw, de ‘intensidade’. Conforme a hierarquia acima, o Yawanawa (única língua que apresenta somente ‘intensidade’) provavelmente codifica significados do parâmetro de ‘quantidade’ em reduplicações verbais, pois o aumento de ‘intensidade’ implica a ocorrência do aumento de ‘quantidade’.

Nas demais classes lexicais, o parâmetro de ‘intensidade’ é codificado em modificadores como as bases adjetivais em Mis, Shi e Yaw (assim como no verbo), e adverbiais em Matsés. Esta língua (única que apresenta significados de redução) não codifica ‘intensidade’ em bases verbais tampouco em adjetivais. Sendo assim, é provável que a codificação dos significados de redução restrinja esta ocorrência.

Em Matsés, a cópia de verbos codifica tanto um significado de aumento (quantidade) quanto de redução (intensidade e quantidade). Em verbos, o sentido é especificado pelo contexto, tendo em vista a noção de crítica à ação verbal (redução de esforço ou quantidade temporal) associada ao significado de redução. Nesta língua, é provável que os significados de redução em cópias de V e Adj correspondam ao de

- (119) **nipa~nipa** ‘continuidade’
- nipat~ni-pat-kin** is-kiɕ-βi kaisa
 RED~jogar-SUFD.abaixo.TR-S/A>A ver-O>S-mesmo NAR.3P
- ain ʂanu ʔa-ki uni a-ɕ
 3.GEN esposa.ABS fazer.NMLZ homem 3-s
- u-aki-ɕ-a**
 vir-PST.REM-3P-N.PROX
- ‘dizem que, jogando e jogando (animais da árvore), (o marido) viu o homem, que costumava ter relações sexuais com sua esposa, vindo’
- (Zariquiey, 2011, p. 454)

A respeito da categoria de número, em Matis, a reduplicação de bases verbais expressa ‘totalidade’ (120). A língua Shi codifica ‘pluralidade’, em cópia de bases nominais (121):

- (120) **tʂo~tʂo** ‘totalidade’
- nuki **tʂo-tʂo-bo-k**
 1P RED~vir-PST.NREC-DECL
- ‘nós (a família do Bina) viemos’ (Ferrerira, 2005, p. 117)

- (121) **ʂoβo~ʂoβo** ‘pluralidade’
- honi-n-ronki oin-a iki **ʂoβo~ʂoβo** mistá-foko
 homem-ERG-HSY ver-PTCP2 AUX RED~casa bom-DIM
- ‘(dizem que) o homem viu muitas casas boas’ (Valenzuela, 2003, p. 153)

Nas línguas Kak, Mes, Mis e Shi, as categorias codificadas pela morfologia flexional do tipo ‘inerente’ são aspecto e número. Sobre o aspecto, o Kak e Mes expressam ‘iteratividade’ e o Shipibo-Konibo, ‘continuidade’. A respeito do número, em Mes e Shi, ‘pluralidade’ e Matis, ‘totalidade’. Nestas línguas, além da reduplicação modificar a classe lexical, e a intensidade do significado de modificadores e predicados, ela codifica noções correspondentes à função aspectual e numeral, conforme o quadro abaixo:

Tabela 13. Função aspectual e numeral e seus significados associados

	KAK	MIS	MES	SHI
Verbo	iterativ. (as) contin. (as)	total. (nu)	iterativ. (as) plural. (nu)	iterativ. (as) contin. (as)
Nome	---	---	---	dist. plural. (nu)

iterativ. = iteratividade; contin. = continuidade; total. = totalidade;
plural. = pluralidade; dist. = distributivo

De acordo com as funções reduplicativas indicadas por Rubino (2005, p. 19), o significado de intensidade, codificado em V e Adj, ocorre em Mis, Shi e Yaw. O Matsés codifica este sentido em bases adverbiais, e o ‘amenizador’ em V, Adj e Posp. Conforme a tabela acima, em verbos, a função aspectual (‘continuidade’ e/ou ‘iteratividade’) é codificada em Kak, Mes e Shi, e a numeral (‘pluralidade’ ou ‘totalidade’) em Mis, Mes e Shi.

3.1.3.3 Construções complexas: ordem e significado

Nas línguas do mundo, a cópia total de bases lexicais ocorre tanto em raízes quanto em radicais (Bhat, 1999, Rubino, 2005). No que se refere às línguas Pano, a reduplicação dessas unidades ocorre em Kak, Mes e Shi. O Kashibo-Kakataibo é a única língua que reduplica uma palavra morfossintática, anexada pelo sufixo flexional {-**şun**} (122:a). O exemplo (122:b) apresenta a cópia do sufixo direcional {-**pat**} ‘abaixo’:

- (122) (a) **?aşun~?a-şun** ‘matar.SUFF~matar-SUFF’
- | | | | |
|-------------------------------|---------------------|--|---------------------------------------|
| ronru-tankişun
subir-S/A>A | kaisa
NAR.3P | şimin
jupará.ABS | ?a-aki-ş-a
matar-PST.REM-3P-N.PROX |
| pia-n
flecha-INS | pia-n
flecha-INS | ?aşun~?a-şun
RED~matar-S/A>A | |
- ni-pat-aki-ş-a
jogar-SUFD.abaixo.TR-PST.REM-3P-N.PROX
- ‘dizem que, depois de subir, ele matou juparás, continuando a matar com flechas, ele derrubou vários’

- (b) **nipa~ni-pa** ‘jogar.abaixo~jogar-abaixo’
- | | | | | |
|--------------------------------|---------------|--------|-----------------------|------------|
| nipat~ni-pat -kin | is-kiş-βi | kaisa | ain | şanu |
| RED~jogar-SUFD.abaixo.TR-S/A>A | ver-O>S-mesmo | NAR.3P | 3.GEN | esposa.ABS |
| ʔa-ki | uni | a-ş | u-aki-ş-a | |
| fazer.NMLZ | homem | 3-S | vir-PST.REM-3P-N.PROX | |
- ‘dizem que, continuando a jogar abaixo (animais da árvore), (o marido) viu o homem que costumava ter relações sexuais com sua esposa vindo’
- (Zariquiey, 2011, p. 454)

Em Matsés, assim como na língua kashibo-kakataibo, a reduplicação verbal envolve a cópia de um radical, anexado por um prefixo PC {**mi-**} ‘mão’ (123:a), ou por um sufixo derivacional {-**tan**} ‘ir (e voltar)’ (123:b):

- (123) (a) **kuistan~kuis-tan** ‘coletar.ir~coletar-ir’
- | | | | |
|--------|-------|-------|-------------------------------|
| tʃiuiʃ | bakui | tʃido | kuistan~kuis-tan -i-k |
| figo | fruta | etc | RED~coletar-SUFD.ir-NPAST-IND |
- ‘eles continuam indo para coletar figos e outras frutas’
- (b) **minif~mi-nif** ‘mão.amarrar~mão-amarrar’
- | | | | |
|-------------------------------|-------|----------------------|------------|
| minif~mi-nif -fun | akati | da-uk-kid | matses-n |
| RED~PRPC-amarrar-depois:S/A>A | sapo | corpo.LOC-raspar-HAB | matsés-ERG |
- ‘depois de amarrar todas as mãos e pés, os matsés raspam o corpo do sapo’
- (Fleck, 2003, p. 452)

O Matsés apresenta reduplicação ‘contra-icônica’ de radicais adjetivais anexados por um prefixo PC {**ma-**} ‘cabeça’ (124:a). O falante pode também enunciar a raiz nominal, *bitantiti* - ‘rosto’, correspondente ao prefixo reduplicado {**bi-**} ‘rosto’ (124:b):

- (124) (a) **makui~ma-kui** ‘cabeça.longo~cabeça-longo’
- | | | |
|--------|--------------------------|---------|
| tambis | makui~ma-kui -mbo | ik-kid |
| paca | RED~PRPC-longo-AUG | ser-HAB |
- ‘a paca é parcialmente longa na cabeça’
- (b) **bipiu~bi-piu** ‘rosto.vermelho~rosto-vermelho’
- | | | | |
|--------------|--------------------------|--------|---------|
| bitantiti-no | bipiu~bi-piu -mbo | tʃiʃid | ik-kid |
| rosto-LOC | RED~PRPC-vermelho-AUG | macaco | ser-HAB |
- ‘os macacos-aranha são parcialmente vermelhos no rosto’
- (Fleck, 2003, p. 500)

O Shipibo-Konibo apresenta uma ocorrência de reduplicação verbal que envolve a cópia do radical, anexado pelo prefixo {**na-**} ‘interior’:

(125) **natsáʔ~na-tsá** ‘interior.espetar~interior-espetar’

natsáʔ~na-tsá-βain-a
RED~PREF-espetar-AND2-PTCP2

‘permanecemos espetando (flechas) no interior d’água’

(Valenzuela, 2003, p. 150)

Dentre as línguas Pano que apresentam reduplicação complexa, o Kashibo-Kakataibo é o único idioma, em especial, no qual ocorre cópia de palavra morfosintática, envolvendo o sufixo flexional, marcador de referência alternada {-**sun**} (122:a). As demais línguas possuem reduplicação somente do radical. Os idiomas Mes e Kak possuem reduplicações de verbos envolvendo sufixos derivacionais, especificamente os direcionais.

Apenas em Matsés ocorre a cópia de prefixos PC (IC – V); (NI – N); (CI – Adj). O Shipibo-Konibo apresenta a cópia de um prefixo verbal; {**na-**} ‘interior’, porém, não referente a partes do corpo (cf. 2.1.3.1). O quadro a seguir apresenta as línguas e os elementos envolvidos neste tipo de reduplicação:

Tabela 14. Línguas e tipos de afixos copiados em reduplicações complexas

	IC	NI	CI
Verbo	Kak (SUFF/D), Shi (PREF) Mes (PRPC/SUFD)	---	---
Nome	---	Mes (PRPC)	---
Adjetivo	---	---	Mes (PRPC)

SUFF = sufixo flexional; SUFD = sufixo derivacional;
PREF = prefixo; PRPC = prefixo parte-do-corpo

Conforme discutimos em (2.1.2), em verbos do Matsés, a anexação de um prefixo PC não modifica a intensidade do significado da base, no entanto, há prefixos que reduzem sua intensidade - (aspectuais). Em bases verbais transitivas, o significado básico expresso por esses prefixos corresponde ao codificado pela reduplicação contraiônica de intransitivas (‘inadequadamente’). O mesmo ocorre em adjetivos (‘amenizador’), cuja prefixação restringe-se a termos referentes a cores.

Em geral, a reduplicação complexa codifica efeitos semânticos distintos da cópia somente da raiz, pois sua função na maioria das vezes é estendida aos afixos anexados. O Matsés possui o direcional {-tan} que codifica ‘ir (e voltar)’. No exemplo (50:a), o radical **kuistan~kuis-tan** [RED~coletar-SUFD] significa ‘continuar indo (e retornando) para coletar’. O sufixo é anexado à raiz verbal, adicionando o sentido de direção ‘ir (e retornar)’, e então este radical é reduplicado, codificando ‘continuidade’ não só do evento verbal, mas também do significado expresso pelo sufixo.

Em Shipibo-Konibo, a reduplicação do prefixo {na-} ‘interior’, morfema não correspondente a um nome parte-do-corpo (Valenzuela, 2003, p. 207), indica que a operação se aplica sobre o radical. Tendo em vista a cópia tanto destas formas, em Shi e Mes, como dos sufixos derivacionais de direção, consideramos que as ocorrências de reduplicações com radicais do tipo [RED~n-[X]y]y contribuem na identificação dessas formas à esquerda da raiz como um conjunto independente de morfemas presos.

3.2 Composição

Nas línguas do mundo, a formação de palavras por composição é predominante em tipos estruturais isolantes (Aikhenvald, 2007, p. 24). No entanto, conforme esta autora, línguas de qualquer tipo morfológico apresentam composição. Da maneira como assinalamos no primeiro capítulo, os estudiosos de línguas Pano geralmente as classificam como aglutinantes. Não obstante, algumas dessas línguas são caracterizadas por uma estrutura morfológica dissimilar.

Por exemplo, Aguiar (2004, p. 94) classifica o Katukina como uma língua “[...] mais próxima à natureza isolante.”. Outros linguistas como Ferreira (2005, p. 48) e Fleck (2003, p. 204), a respeito do Mis e Mes, respectivamente, os caracterizam em um contínuo entre isolante e polissintética. Não obstante, a maior parte dos autores, cujos trabalhos foram selecionados para este estudo, apresenta ocorrência de composição. As línguas correspondem ao **Kat, Kax, Mis, Sha, Shi e Yaw**.

Interpretamos a composição como a formação de “[...] um lexema o qual contém dois (ou mais) radicais, e que não tenham afixos derivacionais anexados à combinação desses radicais.”³⁹ (Bauer, 2004, p. 32). Sendo assim, as descrições das línguas Pano

³⁹ O original é o que se segue: “A compound is a lexeme which contains two (or more) stems and which does not have any derivational affix which applies to the combination of stems.”.

selecionadas para este estudo apresentam uma série de combinações lexicais mediante N, Adj e V. Estas construções formam nomes, e em Yawanawa, também adjetivos.

As combinações [N V], e [(N) ADJ N (N)] pertencem aos compostos de classe heterogênea (HE). As [N N], [ADJ ADJ] e [V V], aos de classe homogênea (HO).⁴⁰ A formação [N N] ocorre em todas as línguas; na maior parte, [N ADJ]; e em menor número, [ADJ N], e [ADJ ADJ], [V V], [N V], [ADJ N N], [N ADJ N]. Apenas o Shipibo-Konibo apresenta as duas últimas combinações.

Nas subseções que se seguem, apresentamos uma classificação semântica dos compostos do tipo endocêntrico (EN – definido conforme critério apresentado por Bauer, 2009, p. 348) (3.2.1), e exocêntrico (EX) (3.2.2). Em seguida, apresentamos os critérios de definição e identificação de compostos em línguas Pano (3.2.3.1), discutimos os tipos de construções endo e exocêntrica (3.2.3.2), e então, analisamos a função do significado metafórico em alguns compostos (3.2.3.3).

3.2.1 Compostos endocêntricos

Os compostos endocêntricos são aqueles que possuem um núcleo semântico; elemento central (cabeça), o qual apresenta uma relação de hiperonímia com o composto formado (Bauer, 2009, p. 348-350). Segundo este autor, com exemplo do inglês ‘*flagpole*’ ‘mastro’ (ou da palavra portuguesa ‘radioterapia’) um composto nuclear é identificado do seguinte modo:

1. O composto X (radioterapia) constituído dos elementos [B C] [radio terapia] é um tipo de C [terapia], não um tipo de B [radio]. Então, X é um hipônimo de C e C um hiperônimo de X.

Esta relação pode ser representada como ${}^{[c]}X=[b\ c]$.

$({}^{[terapia]}radioterapia=[radio\ terapia])$

2. Dessa forma, em qualquer situação de uso de X (radioterapia), podemos usar C (terapia), mas não B (radio) sem mudar o significado. Em outras palavras, C é obrigatório na construção X.⁴¹

⁴⁰ Os termos ‘heterogêneo’ e ‘homogêneo’ são usados com o fim de facilitar a caracterização e análise dos compostos.

⁴¹ O original é o que se segue: “A flagpole is a type o pole, not a type of flag; thus *flagpole* is a hyponym of *pole*, and *pole* is a superordinate term (or hypernym) for *flagpole*. It follows from this that in any situation in which we can use *flagpole*, we could use *pole*, but could not use *flag* without changing the meaning. In other words, *pole* is obligatory in the construction *flagpole*.” (Bauer, 2009, p. 348).

Dessa maneira, este aspecto semântico com a palavra formada condiciona a produção de compostos endocêntricos. Portanto, este tipo de composto, além de traços semânticos comuns entre o núcleo e a palavra formada, completa o autor: “[...] tende a pertencer à mesma classe lexical que seu núcleo.”⁴² (Bauer, 2009, p. 348).

Por meio deste teste de identificação de construções nucleares, verificamos a relação hipônima dos compostos com seus constituintes, e identificamos os endocêntricos pela presença de um item central. O significado deste núcleo é modificado mediante função atributiva do item adjacente (modificador).

3.2.1.1 Heterogêneos

Nas línguas Pano, parte dos compostos endocêntricos apresenta construções heterogêneas. Sendo assim, a presença de um item nuclear à esquerda ou à direita condiciona o significado e a classe lexical de combinações [N V], [N ADJ (N)] e [ADJ N (N)].

❖ Endocêntrico Heterogêneo – Núcleo à Esquerda

Katukina

[N ADJ]

(126) (a) **may putu** may putu ‘poeira’
 terra seca

[N V]

(b) **iḻi katu** iḻi katu ‘tipo de cipó’
 embira dobrar (Aguiar, 1994, p. 112)

Matis

[N ADJ]

(127) (a) **kamun pid** kamun pid ‘onça vermelha’
 onça vermelho

(b) **ḻubu ami** ḻubu ami ‘maloca’
 casa grande (Ferreira, 2005, p. 77)

Shanenawa

[N ADJ]

(128) **jukan ḻun** jukan ḻun ‘goiaba verde’
 goiaba verde (Cândido, 2004, p. 152)

⁴² O original é o que se segue: “[...] the compound as an entity tends to belong to the same word-class as its head.”.

3.2.1.2 Homogêneos

Os demais compostos endocêntricos apresentam construções homogêneas. Sendo assim, o significado e a classe lexical de combinações [N N] e [ADJ ADJ] são determinados pelo item nuclear à esquerda ou à direita. Esses compostos formam itens nominais, e somente em Yawanawa, adjetivais.

❖ Homogêneo – Núcleo à Esquerda

Shanenawa

[N N]

(132)	(a)	tari şutʃi	tari roupa	şutʃi peito	‘blusa’
	(b)	tari kişi	tari roupa	kişi coxa	‘calça’ (Cândido, 2004, p. 152)

Yawanawa

[ADJ ADJ]

(133)	(a)	uʃin ʃara	uʃin vermelho	ʃara bom	‘vermelho claro’
	(b)	tʃihʃi kuru	tʃihʃi preto	kuru escuro	‘preto escuro’ (Paula, 2004, p. 170)

❖ Homogêneo – Núcleo à Direita

Katukina

[N N]

(134)	(a)	βiwa tini	βiwa flor	tini tempo	‘primavera’
	(b)	βari tini	βari sol	tini tempo	‘verão’
	(c)	βimi tini	βimi fruta	tini tempo	‘outono’ (Aguiar, 1994, p. 119)
	(d)	ui tini	ui chuva	tini tempo	‘inverno’ (Aguiar, 1994, p. 112)
	(e)	matʃi tini	matʃi frio	tini tempo	‘inverno’ (Aguair, 1994, p. 119)

Kaxinawa

[N N]

(135)	(a)	şawi şaka	şawi tartaruga	şaka casca	‘casco de tartaruga’
-------	-----	------------------	-------------------	---------------	----------------------

(b)	şaci hişi	şaci grama	hişi grão	‘arroz’ (Camargo, 1991, p. 288)
-----	------------------	---------------	--------------	------------------------------------

Matis

[N N]

(136)	(a)	takpan şubu	takpan chão-de-madeira	şubu casa	‘palafita’
	(b)	nawan atsa	nawan não-índio	atsa macaxeira	‘mandioca (não-comestível)’ (Ferreira, 2005, p. 77)

Shipibo-Konibo

[N N]

(137)	(a)	ino ɰono	ino jaguar	ɰono cobra	‘tipo de cobra’
	(b)	ɰono atsa	ɰono cobra	atsa mandioca	‘tipo de mandioca’
	(c)	oşi bina	oşi lua	bina vespa	‘tipo de vespa’ (Valenzuela, 2003, p. 155)
	(d)	tʃašo ino	tʃašo cervo	ino jaguar	‘tipo de jaguar’ (Valenzuela, 2003, p. 216)

Yawanawa

[N N]

(138)	mihi nata	mihi mão	nata palma	‘palma da mão’ (Paula, 2004, p. 171)
-------	------------------	-------------	---------------	---

Os compostos endocêntricos homogêneos com núcleo à esquerda ocorrem em, Sha e Yaw. Com núcleo à direita ocorrem em Kat, Kax, Kar, Mis, Shi e Yaw. Em todos estes tipos de compostos homogêneos e suas línguas correspondentes, as construções são [N N]. Somente o Yawanawa apresenta a formação de adjetivos pela construção [ADJ ADJ], com núcleo à esquerda (cf. 3.2.3.2).

3.2.2 Compostos exocêntricos

Os compostos exocêntricos (opacos) são aqueles que não possuem um núcleo (Bauer, 2009, p. 350). Ou seja, esse tipo de composição não possui um elemento evidente com significado central cuja relação com o composto é depreendida mediante sua propriedade hiperônima.

Nas línguas Pano, da maneira como descrevemos, os compostos endocêntricos apresentam construções heterogêneas e homogêneas. Nessas línguas há também os

compostos do tipo exocêntrico. A formação de itens nominais ocorre em [N ADJ], [N V], [ADJ N], assim como [N N], [V V].

3.2.2.1 Heterogêneos

Katukina

[N ADJ]

- (139) (a) **kisa unşin** kisa unşin ‘batim’
 lábio vermelho
- (b) **mantşif unşin** mantşif unşin ‘esmalte’
 unha vermelho (Aguiar, 1994, p. 119)

Kaxinawa

[N ADJ]

- (140) (a) **bidu cakabu** bidu cakabu ‘óculos’
 olho ruim

[N V]

- (b) **tai adunti** tai adun-ti ‘calçado’
 pé marcar-INS
- (c) **bidu uinti** bidu uin-ti ‘óculos’
 olho ver-INS
- (d) **badi tanati** badi tana-ti ‘relógio’
 sol contar-INS (Camargo, 1991, p. 289)

Matis

[N V]

- (141) (a) **tsadi tşamoakid** tsadi tşadi-akid ‘pipoca/milho assado’
 milho assar-PAC.NMLZ
- (b) **nawa tşuikid** nawa tşui-kid ‘libélula’
 não-índio contar-NMLZ
- (c) **tşidabo padkid** tşidabo pad-kid ‘jovem na idade de
 mulher ser.igual-NMLZ menstruar’
 (Ferreira, 2005, p. 77)

Shanenawa

[N ADJ]

- (142) (a) **ini iwapa** ini iwapa ‘rio’
 água grande

[N V]

- (b) **ini itfu** ini itfu ‘corredeira’
 água correr

(c)	uși uşa	uși lua	uşa dormir	‘mês passado’ (Cândido, 2004, p. 153)
-----	----------------	------------	---------------	--

Shipibo-Konibo

[ADJ N]

(143)	ani seati	ani grande	şeati bebida	‘cerimônia <i>Anişeati</i> ’ (Valenzuela, 2003, p. 215)
-------	------------------	---------------	-----------------	--

3.2.2.2 Homogêneos

Katukina

[N N]

(144)	(a)	uni βaki	uni homem	βaki filho	‘menino’ (Aguiar, 1994, p. 112)
-------	-----	-----------------	--------------	---------------	------------------------------------

	(b)	manşin unşin	manşin amarelo	unşin vermelho	‘cor laranja’ (Aguiar, 1994, p. 112)
--	-----	---------------------	-------------------	-------------------	---

Kaxinawa

[N N]

(145)	(a)	tai şaka	tai pé	şaka casca	‘calçado’ (Camargo, 1991, p. 289)
-------	-----	-----------------	-----------	---------------	--------------------------------------

	(b)	hiwi şaw	hiwi casa	şaw osso	‘teto’
--	-----	-----------------	--------------	-------------	--------

	(c)	mani ci	mani metal	ci fogo	‘fósforo/isqueiro’ (Camargo, 1991, p. 288)
--	-----	----------------	---------------	------------	---

	(d)	bidu mani	bidu olho	mani metal	‘óculos’ (Camargo, 1991, p. 289)
--	-----	------------------	--------------	---------------	-------------------------------------

	(e)	mişu mabiş	mişu ⁴³ escuridão	mabiş ⁴⁴ pasta	‘café’ (Camargo, 1991, p. 288)
--	-----	-------------------	---------------------------------	------------------------------	-----------------------------------

[V V]

	(f)	dati kidi	dati passar.sobre.o.corpo	kidi limpar	‘toalha de banho’ (Camargo, 1991, p. 290)
--	-----	------------------	------------------------------	----------------	--

⁴³ Camargo (1991, p. 283) apresenta este termo como item nominal. Conforme esta autora, as palavras referentes a cor são adjetivos derivados de raízes nominais sufixadas por {-pa}. Sendo assim, o termo *mişu* significa ‘escuridão’, e quando sufixado, *mişu-pa*, refere-se à cor ‘preta’.

⁴⁴ Segundo Camargo (1991, p. 288), ‘*mabiş*’ designa especialmente uma pasta de banana e mandioca. O original é o que se segue: ‘/mabiş/ désigne surtout la bouillie de banana et de manioc.’

Matis
[N N]

(146)	(a)	nunte podo	nunte canoa	podo braço	‘remo’
	(b)	tonkate iși	tonkate espingarda	iși semente	‘cartucho’ (Ferreira, 2005, p. 77)

Shanenawa
[N N]

(147)	(a)	ifi pani	ifi madeira	pani rede	‘cama’
	(b)	tai şaka	tai pé	şaka casca	‘calçado’
	(c)	nawa pia	nawa não-índio	pia flecha	‘espingarda’ (Cândido, 2004, p. 150)
	(d)	şuma rihu	şuma seio	rihu ponta	‘mamilo’ (Cândido, 2004, p. 151)
	(e)	nai piși	nai céu	piși casa	‘telhado’ (Cândido, 2004, p. 152)

Yawanawa
[N N]

(148)	(a)	takara βaki	takara galinha	βaki filho	‘pinto’ (Paula, 2004, p. 163)
	(b)	jutaku βaki	jutaku moça	βaki filho	‘menino/a’ (Paula, 2004, p. 169/170)
	(c)	iβi turi	iβi pau	turi pedaço	‘cavaco’ (Paula, 2004, p. 168)
	(d)	mui fuma	mui boi	fuma peito	‘leite’ (Paula, 2004, p. 170)
	(e)	pabinki hui	pabinki orelha	hui buraco	‘ouvido’ (Paula, 2004, p. 171)
	(f)	kuru maβa	kuru escuro	maβa claro	‘cinza’ (Paula, 2004, p. 170)

Os compostos exocêntricos heterogêneos ocorrem em Kat, Kax, Sha e Shi. A construção [N ADJ], nas três primeiras línguas, em Kax e Sha, também [N V], e na

última, somente [ADJ N]. Os homogêneos ocorrem em Kat, Kax, Mis, Sha e Yaw, [N N]. Ademais, somente em Kaxinawa há nomes formados por [V V].

3.2.3 Aspectos da composição

Nesta subseção, comparamos alguns aspectos a respeito da composição Pano. Primeiro, caracterizamos os critérios de conceituação e identificação de compostos (3.2.3.1). Em seguida, analisamos as construções endocêntricas e exocêntricas – sua estrutura e significados básicos (3.2.3.2). E por fim, analisamos as funções do sistema metafórico em algumas composições da língua Shipibo-Konibo (3.2.3.3).

3.2.3.1 Definição e identificação

Lieber & Štekauer (2009, p. 4), após apresentar o problema de conceituar um composto linguístico, inicia a seção denominada *The problem of definition: What's a compound?*, do seguinte modo: “A composição é um fenômeno linguístico que deve em princípio ser compreendido em termos básicos”.⁴⁵ Logo em seguida, são apresentadas as definições de Bauer (2003) e Marchand (1967 apud Lieber & Štekauer, 2009).

O primeiro define a composição como o resultado (lexema) da combinação de dois ou mais lexemas. Esta definição corresponde (cf. 3.2) à encontrada em *A glossary of morphology*, em que o autor define como a formação de “um lexema o qual contém dois (ou mais) radicais [...]”⁴⁶ (Bauer, 2004, p. 32). O segundo linguista apresenta um conceito com base na distinção entre formas presas ou livres do constituinte nuclear.

Conforme Lieber & Štekauer (2009, p. 4), os autores supracitados apresentam conceitos divergentes, caracterizados por uma definição direta e básica do primeiro, e um critério não canônico do segundo. Tendo em vista que nossos objetivos correspondem a uma análise básica da composição Pano em dados providos de trabalhos já publicados, adotamos a definição apresentada por Bauer (2004, 2009).

Nas descrições das línguas Pano, geralmente os linguistas apresentam o conceito e os critérios de identificação adotados no tratamento da composição. Basicamente, o critério para a identificação de compostos é fonológico (acento na última sílaba) e morfológico (não ocorrência de flexão no genitivo). A definição apresentada, na maioria das vezes, diverge em termos de especificação de características.

⁴⁵ O original é o que se segue: “Compounding is a linguistic phenomenon that might at first glance seem straightforward.”

⁴⁶ O original é o que se segue: “A compound is a lexeme which contains two (or more) stems [...]”

Em Katukina, a composição é definida como “a inclusão de conceito [...] pela junção de duas palavras [...]” (Aguiar, 1994, p. 118). Em Kaxinawa, é designada como “a formação de uma unidade semântica a partir de dois ou mais elementos lexicais que se comportam sintaticamente como uma palavra simples, susceptíveis de ter por si uma autonomia semântica.” (Camargo, 1997, p. 150).

Segundo Ferreira (2005, p. 76-77) “em Matis, a composição forma-se por duas raízes [...]”, cuja combinação produz “[...] um novo significado [...]”. Em Shanenawa, a “composição é a forma de criar novas bases lexicais a partir de duas ou mais bases independentemente para que juntas, estas se comportem como uma só estrutura que, por si mesma, manifeste autonomia semântica” (Cândido, 2004, p. 149).

Em Shipibo-Konibo, “a estrutura resultante [dos compostos] é considerada uma palavra simples em termos prosódicos e morfotáticos [...]”⁴⁷ (Valenzuela, 2003, p. 155). Em alguns compostos nominais, conforme a autora, o primeiro elemento é marcado por {-n} genitivo (Valenzuela, 2003, p. 155). Conforme a definição de composição utilizada neste estudo, itens anexados pelo sufixo genitivo correspondem a sintagmas.

Por fim, em Yawanawa, “as palavras compostas são aquelas formadas por mais de uma raiz.” (Paula, 2004, p. 163). No geral, as descrições apresentam critérios fonológico e morfológico para a identificação de compostos. No fonológico, o acento desloca-se para a última sílaba da construção, e o primário, do primeiro constituinte cai para secundário. No morfológico, a ocorrência do sufixo genitivo indica um sintagma.

Nem todos os trabalhos apresentam a ocorrência de compostos, conforme as descrições das línguas kashibo-kakataibo e matsés.⁴⁸ Neste estudo, adotamos uma definição basicamente morfológica para o tratamento da composição. Com bases nas análises das pesquisas consultadas, selecionamos as unidades designadas como compostos, e que correspondam em geral ao conceito proposto por Bauer (2004, 2009).

3.2.3.2 Construção endo- e exocêntrica

Conforme Bauer (2009, p. 353), os compostos sintéticos (*synthetic compounds*) são aqueles que possuem um elemento verbal, sendo o outro item interpretado como seu

⁴⁷ "The resulting structures have to be considered single words for prosodic and morphotactic reasons; nevertheless, roots in a compound are spelt separately following a convention which is justified by the morphosyntactic behavior of the verb compounds in specific construction".

⁴⁸ Em línguas Pano, não há descrições de compostos recursivos, a exemplo da língua inglesa; *ice tea power maker* – ‘máquina de fazer chá gelado’.

(151)	(a)	tsadi tšamoakid	tsadi milho	tšadi-akid assar-PAC.NMLZ	‘pipoca/milho assado’
	(b)	nawa tšuiکید	nawa não-índio	tšui-کید contar-NMLZ	‘libélula’
	(c)	tšidabo padکید	tšidabo mulher	pad-کید ser.igual-NMLZ	‘jovem na idade de menstruar’ (Ferreira, 2005, p. 77)
(152)	(a)	ini itfu	ini água	itfu-Ø correr-NMLZ	‘corredeira’
	(b)	uši uša	uši lua	uša-Ø dormir-NMLZ	‘mês passado’ (Cândido, 2004, p. 153)

O Katukina é a única língua cujo composto do tipo endocêntrico é [N V]; apenas uma ocorrência (149). Já em compostos exocêntricos, o Shanenawa também apresenta compostos com itens verbais à direita (152:a-b). Em Kaxinawa, a combinação [N V] pertence ao tipo de composto exocêntrico. Esta construção apresenta um verbo que recebe o sufixo instrumental {-ti} (150:a-c).⁴⁹ Com isso, a raiz verbal é nominalizada (Camargo, 1991, p. 298), formando um radical - base livre da composição.

O mesmo acontece com a língua Matis que possui o nominalizador {-akid} (151:a-c). No geral, a combinação [N V] apresenta baixo grau de produtividade em Kat e Sha. Somente em Kax e Mis ocorre a adição de um sufixo, enquanto em Kat e Sha provavelmente se trata de um caso de ‘decatégorização’ verbal, em que verbos perdem suas funções prototípicas de núcleos sentenciais,⁵⁰ e passam a classes nominais, por exemplo. Nesse sentido, observamos que o tipo de formação de composto permanece endocêntrico, núcleo à esquerda, em Katukina; e exocêntrico em Kax, Mis e Sha.

O composto (149) em Katukina possui algumas características que corresponde a um composto sintético; um dos elementos é constituído por um nome e o outro, um verbo transitivo. Porém, segundo Spencer (1991, p. 309), este tipo de composto possui um núcleo derivado por uma afixação verbal, como o exemplo do Inglês *truck driver* ‘motorista de caminhão’. Em Katukina, a ocorrência referida não corresponde a essa

⁴⁹ Nesta língua (Kaxinawa), assim como em Marubo, este sufixo é bastante produtivo em itens nominais, codificando “tanto um instrumental como um localizador.” (Camargo, 1997, p. 157).

⁵⁰ Conforme discutido por Bhat (1994, p. 131-132).

registrados como [ADJ ADJ], consideramos que muito provavelmente, a classe lexical dos itens dessa combinação é ‘deategorizada’; [V-Ø V-Ø]n.⁵²

3.2.3.3 Função do significado metafórico

A composição é usada não só para ampliar o léxico de uma língua natural.⁵³ De acordo com Valenzuela (1998, 2000), em Shipibo-Konibo, os falantes subcassificam, em funções semânticas metafóricas (Lakoff & Johnson, 1980), espécies e variedades biológicas, como plantas, e especialmente animais. Nesta língua, a maioria dos compostos se refere à fauna e a flora (Valenzuela, 1998, 2000, 2003).

Com base no conceito de metáfora de Lakoff & Johnson (1980), a autora basicamente discuti a cerca da participação humana no estabelecimento de taxonomias etnobiológicas em compostos do Shipibo-Konibo (Valenzuela, 1998, 2000). No exame deste aspecto em questão, restringimos a análise à função do significado metafórico em compostos constituídos por três elementos nesta língua.

Nas línguas Pano, todos os compostos lexicais endocêntricos heterogêneos com núcleo à direita são [ADJ N]. Contudo, somente o Shipibo-Konibo apresenta compostos formados por três itens lexicais, reproduzidos conforme os exemplos a seguir:

(156)	(a)	wiso ino isá 'tipo de pássaro'	[[wiso ino] isá] preto jaguar pássaro
	(b)	poi pisi hima 'tipo de formiga'	[[poi pisi] hima] excremento fétido formiga
	(c)	iso ko.ɔ paɽanta 'tipo de banana'	[[iso ko.ɔ] paɽanta] macaco-aranha cinza banana-da-terra

(Valenzuela, 2003, p. 216)

Nessa língua, as combinações de compostos com três itens lexicais são [ADJ N N] (147:a) e [N ADJ N] (156:b-c). A primeira combinação forma um nome da seguinte maneira: [N] < [N N] < [[ADJ N] N]. O subconstituente [ADJ N] corresponde ao composto nominal *wiso ino* (preto jaguar) ‘jaguar preto’. Este composto justaposto ao item nuclear *isá* ‘pássaro’ [N N] forma o composto nominal *wiso ino isá* (preto jaguar pássaro) ‘lit. pássaro jaguar preto’.

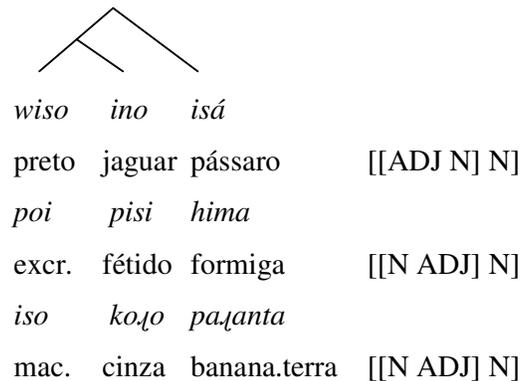
⁵² (cf. Bhat, 1999, p. 131-132).

⁵³ Do modo como se apresentam a maior parte das construções exocêntricas das línguas Kat, Kax e Sha, por exemplo, cuja referência corresponde a objetos que não pertencem à respectiva cultura de cada povo.

A segunda combinação ocorre do seguinte modo: [N] < [N N] < [[N ADJ] N]. Em (156:b) o subitem [N ADJ] corresponde ao composto *poi pisi* ‘excremento fétido’. Este nome justaposto ao núcleo *hima* ‘formiga’ forma o composto nominal *poi pisi hima* (excremento fétido formiga) ‘lit. formiga excremento fétido’. O mesmo mecanismo ocorre em (156:c); o item *iso koɔo* ‘macaco-aranha cinza’⁵⁴ justaposto ao núcleo *paɔanta* ‘banana-da-terra’ forma o composto nominal *iso koɔo paɔanta* (macaco-aranha cinza banana-da-terra) ‘lit. banana-da-terra macaco-aranha cinza’.

Em ambas as construções, o primeiro composto codificado [ADJ N]/[N ADJ] significa ‘um tipo de’. Este subconstituente por sua vez é estruturado abaixo do elemento nuclear seguinte [N], cuja função determina que o composto com três itens lexicais seja um nome com significado ‘um tipo específico de’. Dessa maneira, é provável que o significado seja percebido metaforicamente pelos falantes por meio da propriedade nuclear semântica codificada no elemento à esquerda do subconstituente.

Em geral, o item nuclear à direita corresponde ao núcleo do composto triplo. Este constituinte hiperônimo é estruturado acima dos subconstituintes à sua esquerda; [ADJ N]/[N ADJ]. Desse modo, a construção [[ADJ N]/[N ADJ] N] corresponde a um composto metafórico hipônimo com significado geral ‘um tipo específico de’, conforme representação semântica abaixo:



O significado básico desses compostos corresponde respectivamente a um tipo específico de pássaro, formiga e banana-da-terra. Por fim, semelhante à prefixação metafórica, argumentamos que os falantes de Shipibo-Konibo operam a composição (de três constituintes) “[...] em termos de parte de suas experiências que os permitem

⁵⁴ A construção [N ADJ] *iso koɔo* ‘macaco-aranha cinza’ ocorre em (129) (Valenzuela, 2003, p. 155), e [ADJ N] *wiso ino* ‘jaguar preto’, em (131:c) (Valenzuela, 2003, p. 215).

selecionar partes de suas experiências no mundo, e as tratá-las como entidades ou substâncias de um tipo uniforme.”⁵⁵ (Lakoff & Johnson, 1980, p. 25).

⁵⁵ O original é que se segue: “Understanding our experiences in terms of objects and substances allows us to pick out parts of our experience and treat them as discrete entities or substances of a uniform kind.”.

4 CONCLUSÃO

Nas línguas Pano selecionadas para este estudo, a prefixação ocorre em Kak, Kax, Mis, Mes, Sha e Shi, e se divide basicamente entre prefixos que se referem a partes do corpo, e aqueles que modificam a intensidade da base. No caso dos primeiros, eles se subdividem semanticamente entre literais e metafóricos. A tabela a seguir apresenta a distribuição de algumas propriedades básicas da prefixação neste grupo de línguas:

Tabela 16. Aspectos gerais da prefixação

Prefixação	KAK	KAX	MIS	MES	SHA	SHI
Prefixo PC	X	X	X	X	X	X
Verbal	X	X	X _{sm}	X _{sm}	X	X _{sm}
Nominal	X	-	X _{sm}	X _{sm}	-	X
Adjetivo	X	-	X	X _{sm}	-	X _{sm}
Coocorrência base-PRPC	X	-	-	X	-	X
Verbal	X	-	-	-	-	X
Adjetivo	X	-	-	X	-	-
Prefixo não-PC	-	X	X	X	-	-
Verbal	-	-	X	X	-	-
Nominal	-	-	-	X	-	-
Adjetivo	-	X	-	X	-	-

sm – significado metafórico

Conforme o quadro acima, os prefixos PC ocorrem em bases verbais de todas as línguas. Em nomes e adjetivos, ocorre em Kak, Mis, Mes e Shi. O significado metafórico da prefixação em verbos ocorre nas línguas Mis, Mes e Shi. Em nomes, Mis e Mes. E em adjetivos, Mes e Shi. Os prefixos não-PC ocorrem em Kax, Mis e Mes. Em bases verbais, em Mis e Mes. Nominais, Matsés. E adjetivos, em Kax e Mes.

Somente em Shipibo-Konibo os prefixos PC podem funcionar como bases verbais e receberem sufixos de modo/tempo, ou até mesmo prefixos PC. Ademais, podem ocorrer dois desses prefixos em uma mesma base verbal. Em línguas como o Kak, Mis, Mes e o Shi, os morfemas PC se anexam tanto a verbos quanto a N e ADJ, e por isso se assemelham a clíticos. Porém, eles operam sobre a base anexada, e não sobre o sintagma. Portanto, consideramos que essas formas caracterizam-se como prefixos.

Uma característica importante que ocorre em Shipibo-Konibo é a afixação de mais de um prefixo, e sua propriedade de funcionar como base e receber sufixos e até

mesmo prefixos PC. Além do mais, dois desses prefixos podem ocorrer em uma mesma base verbal. Ademais, nas línguas Pano, as alofomorfias em contexto de prefixação também corresponde a uma propriedade relevante de estudo.

Os estudiosos das línguas Pano consideram a afixação de prefixos parte-do-corpo como resultado de um processo extinto de incorporação nominal (Fleck, 2006; Zariquiey & Fleck, 2012). Em termos sincrônicos, interpretamos que a prefixação codifica significados não só concretos, mas também sentidos abstratos condicionados pelo sistema conceitual metafórico dos falantes em línguas como o Mis, Mes e Shi.

A reduplicação ocorre em Kak, Mis, Mes, Shi e Yaw. Em termos gerais, ela se divide em construções icônicas e ‘contra-icônicas’. As primeiras se subdividem entre as que codificam uma função flexional inerente de aspecto ou número. A segunda e a terceira, funções imprevisíveis como mudança de classe lexical, e crítica, respectivamente. A tabela a seguir apresenta a distribuição de algumas propriedades básicas da reduplicação Pano:

Tabela 17. Aspectos gerais da reduplicação

Reduplicação	KAK	MIS	MES	SHI	YAW
Total	X	X	X	X	X
Parcial	X	-	X	-	-
Inicial	X	-	X	-	-
Verbal	^{ic} X _{as}	^{ic} X _{nu}	^{ic/ci} X _{as/nu}	^{ic} X _{as}	^{ic} X
Verbal prefixada	^{ic} X	-	^{ic} X	^{ic} X	-
Verbal sufixada	^{ic} X	-	^{ic} X	-	-
Adverbial	-	-	^{ic} X	-	-
Nominal	-	-	X _{n > adj}	^{ic} X _{nu}	X _{n > v}
Adjetival	-	^{ic} X	^{ci} X	^{ic} X	^{ic} X
Adjetival prefixada	-	-	^{ci} X	-	-

^{ic} – icônica, ^{ci} – ‘contra-icônica’;
as – ‘aspecto’, nu – ‘número’

De acordo com o quadro, a reduplicação total e o significado icônico ocorrem em todas as línguas, enquanto a parcial somente em Kak e Mes. Em todas essas línguas, a raiz verbal é copiada. Os idiomas Kak, Mes e Shi reduplicam o radical. Em Mes, Shi e Yaw, o nome, e em Matis, o adjetivo também. Apenas o Matsés reduplica radicais

adjetivais e advérbios. O significado não-icônico ('denominalizador') ocorre em Mes e Yaw, e o contra-icônico, somente na língua matsés.

Basicamente, concluímos que a reduplicação icônica é usada pelos falantes dessas línguas para codificar funções aspectuais e numerais. E a contra-icônica, especificamente na língua matsés, em bases verbais, para expressar um sentido 'depreciativo' conforme o contexto pragmático; e em adjetivais, 'amenizador', condicionado por fatores semânticos.

A composição ocorre em Kat, Kax, Mis, Sha, Shi e Yaw, a qual se divide entre construções endocêntricas e exocêntricas. As duas primeiras se subdividem em heterogêneas e homogêneas, conforme a tabela abaixo:

Tabela 18. Aspectos gerais da composição

Construção	Kat	Kax	Mis	Sha	Shi	Yaw
Endocêntrica	X	X	X	X	X	X
Heterogênea	X ^{e d}	-	X ^e	X ^e	X ^{e d}	-
Homogênea	X ^d	X ^d	X ^d	X ^e	X ^d	X ^d
Exocêntrica	X	X	X	X	X	X
Heterogênea	X	X	X	X	X	-
Homogênea	X	X	X	X	-	X

e – núcleo à esquerda; d – núcleo à direita

A identificação de compostos endocêntricos por meio da característica semântica hiperonímia/hiponímia seleciona somente os compostos estritamente constituídos de núcleo semântico. Nesses termos, em uma análise mais controlada em trabalho de campo, alguns compostos exocêntricos podem ser interpretados como endocêntricos. No entanto, o contrário não é esperado. Portanto, a produtividade de construções com itens nucleares provavelmente não é afetada.

Basicamente, o sistema de composição é usado pelos falantes de línguas Pano não só para criar novas palavras dentro e fora de seus contextos culturais e sociais e assim ampliar seu léxico. Especialmente em Shipibo-Konibo, esse tipo de formação de palavras estrutura em classes e subclasses nomes referentes à fauna e a flora em termos de relações metafóricas.

4.1 Considerações finais

Demais aspectos da formação de palavras em línguas Pano ficaram, evidentemente, para futuros trabalhos descritivos e comparativos.⁵⁶ No presente estudo, destacamos o sistema de prefixação lexical, suas funções em diferentes classes lexicais, e o significado metafórico dos prefixos PC; assim como a reduplicação, sua propriedade (contra)/(não)-icônica, e a construção complexa; e também a composição com a estrutura lexical de seus constituintes e a função metafórica.

Com isso, buscamos contribuir para os futuros trabalhos com as línguas Pano. A afixação de prefixos PC, assim como Fleck (2006) e Ribeiro (2008) mencionam, é uma propriedade que carece maiores investigações.⁵⁷ A função metafórica (sempre orientada para 'O') é uma evidência de marcação semântica de caso locativo. O outro tipo, prefixos não-PC, que modificam a intensidade do significado da base, serve como exemplo para elaboração de testes de elicitación.

A reduplicação codifica significados icônicos, e também não-icônicos e contra-icônicos. Assim como citado por Fleck (2003), os dois últimos significados correspondem a propriedades relevantes, pois Payne (1990, p. 218) define que somente o significado icônico ocorre nas línguas da América do Sul. As funções de aspecto e número também apresentam relevância, assim como os significados codificados em reduplicações que envolvem afixos.

Por fim, a composição apresenta propriedades relevantes como as classes lexicais e a quantidade de constituintes em um composto, assim como a estrutura nuclear destas formações, e as relações semânticas entre seus elementos. Termos referentes à fauna e flora, estações do ano, cores, tipos de entidades em geral dentro da categoria cultural da sociedade em estudo, e termos referentes a entidades não pertencentes à cultura (dentro dos limites sócio-culturais do povo) são classes interessantes de elicitación.⁵⁸

⁵⁶ Como os estudos históricos, a exemplo das propostas de que o Matsés teria sido a primeira língua a se separar daquela que deu origem a todas as línguas Pano (Fleck, 2003; Lanes, 2000; Ribeiro, 2008). Neste último estudo, o autor propõe que o Shanenawa seria uma das últimas línguas a se separar.

⁵⁷ Cf. Majid, Enfiled & Van Staden (2006).

⁵⁸ Cf. Fleck (2008).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. S. (1994a). *Análise Descritiva e Teórica do Katukina Pano*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

_____. (1994b). *Fontes de Pesquisa e Estudos da Família Pano*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.

AIKHENVALD, A. Y. (2007). Typological distinctions in word-formation. In: SHOPEN, T. (ed). *Grammatical Categories and the Lexicon*. v. 3. Cambridge: Cambridge University Press. p.1-65.

BAUER, L. (1983). *English Word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (2004). *A Glossary of Morphology*. Washington, D.C: Georgetown University Press.

_____. (2009). Typology of Compounds. In: LIEBER, R. & ŠTEKAUER, P. *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press. p. 343-356.

BHAT, D. N. S. (1994). The Adjetival Category: criteria for differentiation and identification. In: *Studies in Language Companion Series*. v. 24. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

_____. (1999). The Prominence of Tense, Aspect, and Mood. In: *Studies in Language Companion Series*. v. 49. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

BLAKE, B. J. (2004). *Case*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press.

BRASIL. Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo. Brasília, DF, 10 de dez. 2010. Seção 1. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=10/12/2010&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=168>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

CABRAL, A. S. & MONSERRAT, R. (1987). *Atualização Léxico-semântica de Línguas Indígenas, Kaxarari (Rondônia) e Katukina (Acre)*. Relatório CNPq/Fundação Nacional pro Memória. Brasília: Ministerio da Cultura. (ms.).

CAMARGO, E. (1991). *Phonologie, Morphologie et Syntaxe: Étude Descriptive de le Langue Caxinawa (Pano)*. Tese (Doutorado em Linguística). Paris: Universidade Paris IV.

_____. (1997). Elementos da Base Nominal em Caxinauá (Pano). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia*. v. 13 n. 2. p. 141-165.

CÂNDIDO, G. V. (2004). *Descrição Morfossintática da Língua Shanenawa (Pano)*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

CÂNDIDO, G. V.; RIBEIRO, Lincoln. A. A. (2007). Reflexividade em Línguas da Família Pano. *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), v. 1, p. 241-248.

_____. (2008). O universalismo semântico cognitivo em um estudo sobre termos básicos referentes a cores na língua indígena Shanenawa. *Ciências & Cognição* (UFRJ), v. 13, p. 152 -162.

CÂNDIDO, G. V.; RIBEIRO, L. A. A. & ISHY, P. H. (2009). *Uma Nova Visão Sobre Aspectos Fonológicos da Língua Kaxarari da Família Pano*. In: 57º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, Ribeirão Preto: Universidade de Ribeirão Preto (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

COUTO, A. (2005). *Ortografia Kaxarari* - uma proposta. Porto Velho: SIL.

COUTO, C. A. C. (2010). *Análise Fonológica do Saynawa (PANO)* - a língua dos índios da T. I. Jamináwa do igarapé Preto. Dissertação (Mestrado em Linguística). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

d'ANS, A. (1932). *Léxico Yaminahua (Pano)*. San Juan, Puerto Rico: Universidad Nacional Mayor de San Marcos.

_____. (1973). Reclasificación de las lenguas pano y datos glotocronológicos para la etnohistoria de la Amazonía Peruana. *Revista del Museo Nacional*, N. 39, Lima: Museu Nacional de História. p. 349-369.

DIXON, R. M. W. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.

ERIKSON, P. (1992). Uma singular pluralidade: a etno-história pano. in: CUNHA, M. C. (org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 239-252.;

FABRE, Allain. (2005). *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. Pano-Takana* Disponível em: <<http://butler.cc.tut.fi/~fabre/BookInternetVersio/Dic=PanoTakana.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2011.

FAUST, N. (1990). *Lecciones para el Aprendizaje del Idioma Shipibo-Conibo*. Yarinaconha, Pucallpa: Ministerio de Educación and Instituto Lingüístico de Verano.

FAUST, N. & LOOS, E. E. (2002). *Gramática del Idioma Yaminahua*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

FERREIRA, R. V. (2005). *Língua Matis (PANO): uma descrição gramatical*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

FLECK, D. W. (2003). *A Grammar of Matses*. Tese (Doutorado em Linguística). Houston: Departamento de Linguística, Rice University.

_____. (2006). Body-part prefixes in Matses: Derivation or noun incorporation? *International Journal of American Linguistics*, 72: 59-96.

_____. (2007). Did the Kulinas become the Marubos? A Linguistic and Ethnohistorical Investigation, *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*: v. 5, n. 2: 135-207.

_____. (2008). Sugerencias metodológicas para realizar trabajo de campo lingüístico em la Amazonia. *Lexis*, Peru, v. 32.

_____. (2012). Body-part Prefixes (and Noun Incorporation) in Panoan and Takanan. In: *AMAZÓNICAS 4: Pano-Takanan Symposium*, Lima. Material Impreso: S.n., p. 1 - 12.

_____. (ms). Panoan languages and linguistics.

GIRARD, V. (1971). *Proto-Takanan Phonology*. Berkeley, UCPL.

GOMES, G. J. (2010). *Aspectos Morfossintáticos da Língua Huariapano (PANO)*. Dissertação (Mestrado em linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

GOMES, I. B. S. R. (2009). *O que Aconteceu aos Kaxarari: Um estudo etnográfico de (in)sustentabilidade ambiental*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia.

GRASSERIE, R. de la. (1890). De la Famille Linguistique Pano. *Actas del VII Congreso Internacional de Americanistas*. Berlin (1888). p. 438-50.

GREENBERG, J. H. (1966). Some Universals of Grammar with Particular Reference of the Order of Meaningful Elements. In: Greenberg J. H. (ed.) *Universals of Language*, Cambridge, Mass.: MIT Press. P. 73-113.

_____. J. H. (1968). *Anthropological Linguistics: an introduction*. New York: Random House.

_____. (1978). *Universals of Human Language*. Volume 4. Palo Alto, CA: Stanford University Press.

_____. (1987). *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press. p. 73-78.

HYDE, S. (1980). *Diccionario Amahuaca (Edición Preliminar)*. Serie Lingüística Peruana No. 07. Yarinacocha, Peru: Instituto Lingüístico de Verano.

INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL (2010). *Povos indígenas no Brasil*. Disponível em: < <http://pib.socioambiental.org/pt> >. Acesso em: 16 maio, 2012.

KAJITANI, M. (2005). Semantic properties of Reduplication among the World's Languages. *LSO Working Papers in Linguistics*. v. 5: Proceedings of WIGL. p. 93-106.

KEY, Mary. R. (1968). *Comparative Tacanan Phonology*, with Cavineña Phonology and notes on Pano-Tacanan relationships. The Hague: Mouton.

LADEIRA, M. I. Terras indígenas e unidades de conservação na mata atlântica - áreas protegidas?. *Centro de Trabalho Indigenista*, Brasília, nov. 2003. Disponível em: http://www.trabalhoindigenista.org.br/Docs/TI_UC.pdf. Acesso em: 06 jan. 2010.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. London: The university of Chicago press.

LANES, E. J. (2000). *Mudança Fonológica em Línguas da Família Pano*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. (2005). *Aspectos da Mudança Lingüística em um Conjunto de Línguas Amazônicas: as Línguas Pano*. Tese de Doutorado em Lingüística: Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LIEBER, R. & ŠTEKAUER, P. (2009). Introduction: status and definition of compounding. In: _____. *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press. p. 3-18.

LIMA, G. F. da C. O debate da sustentabilidade na sociedade insustentável. *Revista Política e Trabalho*. Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, set. 1997. Disponível em: http://www.ufmt.br/gpea/pub/GuLima_sustentabilidade.pdf. Acesso em: 06 jan. 2010.

LORIOT, J.; LAURIAUT, E.; DAY, D. (1993) *Diccionario shipibo-castellano*. Yarinacocha, Pucallpa: Ministerio de Educación del Perú and Instituto Lingüístico de Verano.

LOOS, E. E. (1987). *Pano-Tacanan morpho-syntax*. Amazon Languages Seminar. Portland, Oregon.

_____. (1999). Pano. In: DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, D. Y. (eds). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 227-250.

_____. (2005). Un Breve Estudio de la Gramática del Proto-Pano. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 11: 37-50.

LOOS, H. & LOOS, E. E. (1973). La estructura semántica y fonológica de los prefijos verbales en capanahua. *Estudios Panos I*, Serie Lingüística Peruana n. 10, ed. E. Loos, pp. 63-132. Yarinacocha, Peru: Instituto Lingüístico de Verano.

MAJID, A.; ENFIELD, N. J. & VAN STADEN, M. (2006) Parts of the body: cross-linguistic categorisation. *Language Sciences*. v. 28. n.2-3. p. 137-360.

MANGINI, J. Revitalização de línguas nativas. *Agência FAPESP*, São Paulo, jul. 2009. Disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br/materia/10774/especiais/revitalizacao-de-linguas-nativas.htm>. Acesso em: 06 Jan. 2010.

MITHUN, M. (1997). Lexical Affixes and Morphological Typology. Bybee et. alli. In: *Essays on Language Function and Language Type: Dedicated to T. Givón*. Amsterdam: John Benjamins. p. 357-371.

MONTAG, S. (2004). [1979]. *Lecciones para el aprendizaje del idioma Cashinahua*. Datos Etno-lingüísticos, n. 59. Lima: Ministério de Educación, Instituto Lingüístico de Verano. Revisado.

MOORE, D.; GALUCIO, A. V. & GABAS Jr. (2008). O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. Museu Goeldi-MCT. Publicado originalmente na revista *Scientific American (Brasil)*. Amazônia (A Floresta e o Futuro), p. 36-43. Nº 3, set. Disponível em: http://prod.museudoindio.gov.br/down/O_Desafio_de_Documentar_e_Preservar_as_Linguas_Amazonia-revisada.pdf. Acesso em: 30 de mar. 2011.

MOREIRA, M. G. A. (2005). *Em Busca do Território Perdido: O Reconhecimento da Terra Indígena Kaxarari no Brasil e da Terra Ye'kuana do Alto Orinoco na Venezuela (1970-2002)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Goiânia: Universidade Federal de Goiás.

MORI, A. H. C. (1993). Estudios sobre lenguas indigenas amazonicas en el Peru. *Amazonia Peruana*, Lima, Peru: C-AAA-P, v. 23, p. 37-74.

MOSELEY, C. (2010). *Atlas of the World's Languages in Danger*, 3rd edn. Paris, UNESCO Publishing. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>. Acesso em: 20 de abr. 2011.

OLIVEIRA, G. M. de (2006). *O que quer a lingüística e o que se quer da lingüística: a delicada questão da assessoria lingüística no movimento indígena*. Brasília, DF.: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. p. 175-190. Centro de Documentação de Línguas Indígenas (CELIN) do Museu Nacional/RJ.

PAULA, A. S. de. (2004). *A Língua dos Índios Yawanawa do Acre*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

PAYNE, D. L. (1990). Morphological characteristics of lowland South American Languages. In: *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, ed. Doris, L. P. Austin: University of Texas Press. p. 213-241.

PICKERING, W. R. (1973). Vocabulário Kaxararí. *Série Linguística* n. 1, Brasília: Summer Institute of Linguistics.

PROST, G. (1956). Bolivian Word Lists (Short Comparative List) Chacobo. Summer Institute of Linguistics. Centro de Documentação de Línguas Indígenas (CELIN) do Museu Nacional/RJ.

_____. (1962). Signaling of Transitive and Intransitive in Chacobo (Pano). *International Journal of American Linguistics*, 28:108-118.

RAMOS, A. R. (2007). Do engajamento ao desprendimento. *Série Antropologia*. Vol. 414, Brasília:DAN/UnB.

RIBEIRO, L. A. A. (2003). Uma proposta de método quantitativo aplicado à análise comparativa das línguas Pano e Tacana. *LIAMES* (UNICAMP), Campinas, v. 3, p. 135-147.

_____. (2006). Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano. *Revista Investigações. Lingüística e Teoria Literária*. Recife, v. 19. p. 1-25.

RIBEIRO, L. A. A. & CÂNDIDO, G. V. (2006). O comportamento fonológico das vogais orais nas Línguas Indígenas Brasileiras. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 1. n. 7. p. 10-18.

_____. (2008a) O universalismo semântico cognitivo em um estudo sobre termos básicos referentes a cores na língua indígena Shanenawa. *Ciências & Cognição* (UFRJ), v. 13, p. 152 -162.

_____. (2008b). A formação de palavras a partir de morfemas monossilábicos nominais e bases verbais em línguas indígenas da família Pano: prefixação ou incorporação nominal?. *Veredas on line* (UFJF), v. 1, p. 129-145.

RIBEIRO; VERÍSSIMO & PEREIRA. O avanço do desmatamento sobre as áreas protegidas em Rondônia. *Imazon*, Amazônia, dez. 2005. Disponível em: http://www.ufra.edu.br/pet_florestal/downloads/desfloestamento%20em%20UCS%20Rondonia.pdf. Acesso em: 07 jan. 2010.

RODRIGUES, A. D. (1966). Tarefas da lingüística no Brasil. *Estudos Lingüísticos. Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 4-15.

_____. (1986). *Línguas Brasileiras: para um conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

_____. (2000). 'Gê-Pano-Carib' X 'Jê-Tupí-Karib': sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en sudamérica. In: *I Congresso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*, Lima Actas I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica. Lima: Universidad Ricardo Palma, 1999. v.1. p. 95-104.

_____. (2001). Biodiversidade e diversidade lingüística na Amazônia. In: SIMÕES, M. do S. S. (Org.). *Cultura e Biodiversidade entre o Rio e a Floresta*. 1 ed. Belém: Universidade Federal do Pará, v. 1, p. 269-278.

_____. (2005). Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura* (SBPC), São Paulo, v. 57, n. 2, p. 35-38.

RUBINO, C. (2005) Reduplication: Form, Function and Distribution. In: Hurch, Bernhard (ed.) *Studies on Reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter.

SCHULLER, R. (1933). The language of the Tacana Indians (Bolivia), *Anthropos*, 28. p. 99-116, 463-84.

SCOOT, M. (2004). *Vocabulario Sharanahua Castellano*. Lima, Peru: Instituto Lingüístico de Verano.

SEKI, L. (1999). A Linguística indígena no Brasil. *D. E. L. T. A*. Campinas, v. 15, n. especial, p. 257-290.

SHELL, O. A. (1975). Estudios Panos III: las lenguas Pano y su reconstrucción. *Serie Lingüística Peruana*, N. 12, 2 ed. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

SHIBATANI, M & BYNON, T. (1995). *Approaches to Language Typology*. Oxford: Clarendon Press.

SMITH, M. & GUIMARÃES, M. A. (2010). *Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas: reflexões sobre a construção de uma nova política indigenista*. Brasília: Universidade de Brasília.

SPANGHERO, V. R. (2005). *Estudo Lexical da Língua Matis: subsídios para um dicionário bilíngue*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

SPENCER, A. (1991). *Morphological Theory*. Basil Blackwell.

SOUSA, G. C. (2004). *Aspectos da Fonologia da Língua Kaxarari*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

SOUZA, I. C. de. (1986). *Kaxarari (Família Pano)*. 12pp.

_____. (1988) *Estudios Sobre Lenguas Indigenas Sudamericanas*. Bahía Blanca: Universidad Nacional del Sur. p. 57-68.

TESSMANN, G. (1999). *Los Indios del Perú Nororiental*. Quito, Ecuador: Abyayala.

UNESCO. (2010). *Interactive Atlas of the World's Languages in Danger*. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?pg=00206>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

VALENZUELA, P. M. (1998). Luna-Avispa y Tigre-Machaco: Compuestos Semánticos en la Taxonomía Shipiba. In Zarina Estrada, Max Figueroa, Gerardo López, and Andrés Costa (eds.), *IV Encuentro Internacional de Lingüística del Noroeste*, Memorias I, vol. 2, pp. 409-28.

_____. (2000). Major categories in Shipibo ethnobiological taxonomy. *Anthropological Linguistics*, 42:1-36.

_____. (2003). *Transitivity in Shipibo-Konibo Grammar*. PhD Dissertation. Oregon: University of Oregon.

ZARIQUEY, R. Z. (2011). *A Grammar of Kashibo-Kakataibo*. Tese (Doutorado em Linguística). Departamento de Linguística, La Trobe University.

ZARIQUEY, R. Z. & FLECK, D. W. (2012). Body-Part Prefixation in Kashibo-Kakataibo: Synchronic or Diachronic Derivation? *International Journal of American Linguistics*. v. 78, n. 3, pp. 385-409.

ANEXO I - LISTA DOS PREFIXOS PC E DAS RAÍZES NOMINAIS CORRESPONDENTES, E SEUS SIGNIFICADOS BÁSICOS, LITERAL E METAFÓRICO

	AMA	CHK	CHN	KAP	KAK	KAX	KUL	MIS	MES	SHA	SAR	SHI	YAM
1	{ha-}/hana 'língua'	{ha-} hana 'língua'	{an-} ana 'língua'	{já-} jana 'língua'	{an-} ana 'língua'	{han-} hana 'língua'	{an-} ana 'língua'	{an-} ana 'boca/língua' 'pt int.'	{an-} ana 'boca' 'pt int.'	{a-} ana 'língua'	{a-} aŋfa 'boca'	{han-} hana 'boca/língua'	{a-} ? 'boca'
2	---	{baŋ-} baŋpoto 'cotovelo'	---	---	{ŋan-} ŋanŋu 'cotovelo'	---	---	---	---	---	---	---	---
3	{vi-} vinmana/ viru'rosto/olho'	{wi-} wiro 'olho'	---	{bi-} biro 'olho'	{βi-} βiru 'rosto'	{bi-} bidu,bisu 'rosto/olho'	---	{bi-} bidu,bitante 'olho/testa' 'pt. ant.'	{bi-} bitantete 'rosto'	{fi-} firu 'olho'	{fu-} furo 'olho'	{βi-} βiŋo 'olho' βinaman 'rosto'	{fi-} ? 'olho'
4	---	---	---	{bu-} ? 'cabelo'	{βu-} ? 'cabelo'	{bu-} bu 'cabelo'	---	---	---	{fu-} fu 'cabelo'	---	{βo-} βoo 'cabelo'	---
5	---	---	---	{ra-} yora 'corpo'	{ra-} nami 'corpo'	{da-} yuda 'corpo'	---	{da-} dada 'corpo'	{da-} dada 'corpo' 'pt ext.'	---	---	{ɣa-} yoɣa 'corpo'	{ra-} ? 'corpo'
6	{ran-} rantonko 'joelho'	{ra-} rapato 'joelho'	---	---	{ran-} ranŋu 'joelho'	---	---	{dan-} danbudu dantakua 'joelho'	{dan-} daniŋ 'joelho'	---	---	{ɣan-} ɣantonko 'joelho'	---
7	{ri-} rikin 'nariz'	{ri-} riŋaki 'nariz'	{di-} diŋan 'nariz'	{ri-} rikin 'nariz'	{ri-} rikin 'nariz'	{di-} dikin 'nariz'	{di-} diŋan 'nariz'	{di-} diŋan 'nariz'	{di-} dibiate 'nariz' 'pt ant.'	{pi-} pikin 'nariz'	{ru-} rutŋoko 'nariz'	{ɣi-} ɣikin 'nariz'	{ri-} ? 'nariz'
8	---	---	---	---	{u-} uβu 'testículos'	---	---	---	{i-} iŋi 'sêmen'	---	---	{hon-} hoβoŋko 'testículos'	---
9	---	---	---	---	---	{hu-} huntsis 'unha (pé)'	---	---	---	---	---	---	---
10	---	---	---	---	{i-} itaŋ 'canela'	---	---	---	---	---	---	---	---
11	---	---	{in-} inkunte 'pênis'	---	{in-} ina 'pênis'	---	{in-} ina 'pênis'	{in-} ina/ŋui 'pênis'	{in-} inkunte 'pênis'	---	---	{hin-} hina 'pênis'	---
12	---	{ka-} kati 'costas'	---	{kah-} kahte 'costas'	{ka-} kaŋu 'costas'	{ka-} kate 'costas'	---	{ka-} kaŋuku 'costas' 'pt. ext.'	{ka-} katŋo 'costas' 'pt. post.'	---	{ka-} ? 'costas'	{ka-} kaŋo 'coluna'	{ka-} ? 'costas'
13	{ki-} kiŋaa 'lábios/boca'	{ki-} kiβitsi 'lábios/boca'	{ik-} ikbid 'lábios'	{ki-} kiŋa 'lábios/boca'	{k ^w i-} k ^w iβi 'lábios'	{ki-} kibitŋi 'lábios'	{ik-} ikŋan 'lábios'	{ik-} ikŋak 'lábios'	{ik-} ikbid 'lábios' 'pt red.'	{ki-} kiŋa 'lábios'	{ku-} ? 'lábios'	{ki-} kiŋa 'boca' kibi 'lábios'	{ki-} ? 'lábios'
14	{ki-} kiŋi 'perna'	---	---	{hui-} huihtaŋ 'perna'	{ki-} kisi 'perna'	{ki-}/{kiŋ-} kiŋi 'perna'	---	---	---	---	{ki-} kiŋi 'perna'	{wi-} witaŋ 'perna'	{ki-} ? 'perna'
15	---	---	---	---	{k ^w i-} k ^w iβi 'boca'	{kiŋ-}/kiŋa 'boca'	---	{kui-} kuitonko 'queixo'	{kui-} kiate 'queixo'	---	---	{ko-} koi 'queixo'	---
16	---	---	---	---	---	---	---	---	{kuis-} kuitŋipa 'coxa'	---	---	{ki-} kiŋi 'coxa'	---
17	{ma-} mapu 'cabeça'	{ma-} mapo 'cabeça'	{ma-} maŋo 'cabeça'	{ma-} mapo cabeça	{ma-} maŋká 'cabeça'	{ma-} mapu 'cabeça'	{ma-} maŋo 'cabeça'	{ma-} maŋo 'cabeça'	{ma-} mapi 'cabeça' 'pt. sup.'	{ma-} mapu 'cabeça'	{ma-} mapo 'cabeça'	{ma-} mapo 'cabeça'	{ma-} ? 'cabeça'
18	{mi-} mikin 'mão'	{mi-} mikini 'mão'	{mi-} midante 'mão'	{mi-} mikin 'mão'	{mi-} mikin 'mão'	{mi-} mikin 'mão'	{mi-} miŋate 'mão'	{mi-} mikin mitidek 'mão'	{mi-} mipu 'mão'	{mi-} mifi 'mão'	{mu-} mufi 'mão'	{mi-} mikin mão' mitoti 'dedo'	{mi-} ? 'mão'
19	---	---	---	---	---	---	---	{mik-} mikin kaŋuku	---	---	---	{pi-} piŋi	---

									{costela}				{costela}
20	---	---	---	{no-} ? 'abdômen'	{na-}{nu-} puku 'barriga'	---	---	{nak-} naktşuku 'nádegas (acima)'	{nak-} ? 'abdômen'	---	---	{na-}{no-} noi 'abdômen'	---
21	---	---	---	---	---	---	---	{nik-} niktşun 'umbigo'	---	---	---	---	---
22	---	---	{pa-} pabişan 'orelha'	{pa-} pabinki 'orelha'	{pa-} paßí 'orelha'	{pa-} pabinki 'orelha'	{pa-} pabişan 'orelha'	{pa-} pabişan 'orelha'	{pa-} pabiate 'orelha'	{pa-} pahinki 'orelha'	{pa-} patfo 'orelha'	{pa-} paßíki 'orelha'	{pa-} ? 'orelha'
23	---	---	---	---	---	---	---	{pan-} pantfí/panpun pantikkín 'têmpora'	{pan-} pampara 'têmpora'	---	---	{in-} inpi iti 'têmpora'	---
24	---	---	---	{pi-} pífi 'costela'	{pi-} putú 'costela'	---	---	---	{jik-} jiktodo 'costela'	---	---	---	---
25	---	---	---	---	---	---	---	{po-} puku 'estômago'	{po-} pobid 'barriga'	---	---	---	---
26	---	{pi-} pipati 'ombro'	---	{pi-} pika 'ombro'	{pi-} pik ^w i 'ombro'	---	---	---	---	---	{putf-} poti 'ombro'	{pi-} piká 'ombro (?)'	---
27	{po-} ponyan 'braço'	{po-} poyami 'braço'	---	{po-} poyan 'braço'	{pin-} piñan 'braço'	{pun-} punyan 'braço'	---	{pi-} pişuku/pitişka pişodo 'ombro/braço'	{pi-} podo 'braço'	{pu-} punian 'braço'	{po-} poyan 'braço'	{pon-} ponyan 'braço'	{po-} ? 'braço'
28	---	---	---	---	{şa-} şaßí 'virilha'	---	---	{şa-} şabed 'virilha'	{şa-} ? 'virilha'	---	---	{şan-} şani 'virilha (?)'	---
29	---	{fi-} fíta 'dente'	{şi-} şíta 'dente'	{şi-} şíta 'dente'	{şi-} şíta 'dente'	---	{şi-} şíta 'dente'	{şi-} şíta 'dente'	{ji-}/{fik} şíta 'dente'	{şi-} şíta 'dente'	{ju-} ? 'dente'	{şi-} şíta 'dente'	{şi-} ? 'dente'
30	---	---	---	{şoh-} şotfi 'peito'	{ji-} jikan 'peito'	{şu-} şutfi 'peito'	---	---	---	{şu-} şuma 'seio'	{jo-} jotfi 'peito'	{şo-} şotfi 'peito'	{şo-} ? 'peito'
31	---	---	---	---	{şu-} şuma 'seio'	---	---	---	---	---	---	---	---
32	{ta-} tahu 'pé'	{ta-} ta?i 'pé'	---	{ta-} tahi 'pé'	{ta-} tai 'pé'	---	---	{ta-} tai 'pé'	{ta-} tai 'pt. inf.'	---	{o-} tau 'pé'	{ta-} tai 'pé'	{o-} ? 'pé'
33	---	---	---	---	---	---	---	{tak-} takua 'barriga'	{tak-} takbid 'barriga'	---	---	---	---
34	{tam-} tamo 'bochecha'	---	---	{tam-} tamo 'bochecha'	{tan-} tamu 'bochecha'	---	---	{tan-} tanpef 'bochecha'	{tan-} tanjuku 'bochecha'	---	---	{tan-} tamo tampişko 'bochecha'	---
35	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	{tfa-} ? 'duas pernas'	---
36	{ti-} tişu 'pescoco'	{ti-} tipoko 'pescoco'	{ti-} tişo 'pescoco'	{ti-} tişo 'pescoco'	{ti-} tişá 'pescoco'	{ti-} tişu 'pescoco'	{ti-} titun 'pescoco'	{ti-} titun, teos 'pescoco'	{ti-} tinidte 'pescoco' 'pt. sup.'	{ti-} tişu 'pescoco'	{tu-} tufo 'pescoco'	{ti-} tişo 'pescoco'	{ti-} ? 'pescoco'
37	{tji-} tjinkan 'nádegas'	---	{tsi-} tsiben 'nádegas'	---	{tsi-} tjişu 'nádegas'	---	{tsi-} tsiben 'nádegas'	{tsi-} tsitsu 'vagina'	{tsi-} tsitsu 'nádegas'	{tşi-} tşimanşin 'nádegas'	{tji-} ? 'nádegas'	{tsi-}/{tji-} tjişo 'nádegas'	{tsi-} ? 'nádegas'
38	---	---	---	---	---	---	---	{wi-} wipuku 'canela'	{wi-} wipu 'canela'	---	---	---	---

